



POR UMA TEOLOGIA DA CRIANÇA

[Organizadores]

Klênia Fassoni | Lissânder Dias | Welinton Pereira

Uma criança os guiará

por uma teologia da criança



UMA CRIANÇA OS GUIARÁ

Categoria: Teologia / Igreja / Liderança

Copyright © 2010, Klênia Fassoni

Lissânder Dias Welinton Pereira

Todos os direitos reservados

Primeira edição: Junho de 2010

Preparação e revisão: Paula Mazzini Mendes

Colaboração: Gláucia Siqueira Capa (livro físico): Caio Campana

Design e diagramação versão digital: Kedma Muniz

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e Classificação da Biblioteca Central da UFV

Uma criança os guiará / Klênia Fassoni, Lissânder Dias, Welinton Pereira [organizadores] — Viçosa, MG : Ultimato, 2010.

28op.; 23cm.

Inclui apêndice ISBN 978-85-7779-038-8

1. Educação cristã de crianças. 2. Teologia. 3. Bíblia. 4. Criança interior (Psicanálise) – Aspectos religiosos. 5. Liderança cristã. I. Fassoni, Klênia. II. Dias, Lissânder. III. Pereira, Welinton.

CDD 22.ed. 268.432

Publicado no Brasil com autorização e com todos os direitos reservados Editora Ultimato Ltda. Caixa Postal 43 36570-000 Viçosa, MG Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557 www.ultimato.com.br

Prosa do poeta leigo

ROBERTO DIAMANSO

Se prosa é o curso livre do discurso livre de pretensões, livre da métrica, escrevo estas minhas, poucas linhas, retas. Mas se não é o verso, não seja inverso e dele, ausência completa, não vulgar, trivial, ou comum, mas sem grande elevação de fácil compreensão aos que se debruçarem sobre ela. Não sei se é possível a uma prosa não ser também uma conversa e dessa temo alguns aspectos, conotações aos quais nos arremessa, a saber: "isto é conversa", "palavreado", "bafo" de alguém, que não tem a menor intenção de cumprir; segundo Aurélio expressa.

Conversar é versar com
e eu estou só, versando
versando só assim
quiçá serei poeta
mas nem isso me atrevo
dizer que sou profeta,
sejamos pois pastores,
quem quer que ouça
e reconheça a voz
do pastor de todos nós
que amar aos pequeninos

também nos inquieta.

No campo da prosa em nível semântico encontrei, prático, positivo, este, baseado em experiências ou fatos que não admitem dúvidas, fala consoante a realidade, aquele, perito experiente, que por sua capacidade de agir, pode ir e conduzir por onde é transitável, mostrar a rota certa.

Somos "os do Caminho",
discípulos daquele que disse,
"Eu sou o caminho"
que pouco escreveu,
mas que muito imprimiu,
não em papel e com tinta,
mas nas mentes e corações
daqueles que mais tarde declararam
não vai jamais ninguém nos demover
o que vimos e ouvimos,
não podemos deixar de dizer
para não desvanecer,
é impressão perpétua.

Este é o caminho para não querer, outro "vem a nós" se não o ver, vir a nós o seu reino. Reino que não é outro, se não o reino dos pequeninos pois dos tais é o reino dos céus, o Mestre disse aos seus deixem que venham a mim que ninguém os impeça.

Senta-te para uma prosa diga-me se és sabedor trazes viola prangente sendo tu seu tangedor de mãos hábeis, mão-tenente de Jesus o bom pastor dou-te o texto, vês o ensino? Em que verso começou?

Cantador

Achei no Livro Sagrado
Mateus dezenove seis
que bom que me deste vez
ser teu co-laborador.
Nesta obra que tanto estimo
vívido a viver este ensino
que antes de haver menino,
macho e fêmea os criou.

Poeta prosador

Sendo assim o que Deus juntou
não é bom que esteja só
ninguém desfaça este nó
daquele que a si nos atou.

Cantador

Sou livre e sem amarras comprado pra liberdade mas a minha felicidade é estar ligado aquela a quem quando eu disse vamos de pronto disse vambóra doravante o que outrora fomos, não seremos mais. Nossos corações? continuam sendo dois, dois vassalos levando numa liteira vida inteira em função de nós que não se desatam estes que demos em nós.

E tu poeta ancião?
Teus cabelos encanecidos
por tantos dias vividos
teria desvanecido,
o prazer da companhia
daquela que amaste um dia?
Tens ainda poesia,
prosa, verso, uma canção?

Poeta prosador
Eu quero me mirar
na água da minha cisterna
mulher da minha mocidade
libido, saudade,
sede da minha gazela.

Obrigado Senhor, pelo meu amor, o beijo, o doce, os seios dela.

Sentarmos a mesa para comer o grão, sairmos juntos plantando a semente cuidar da vida das mudas de gente que brotam de nós.

E outras mudas de gente, filhos da alteridade a soltas pela cidade onde a orfandade os levou. Estenda-se nosso cuidado aos meninos abandonados correndo riscos diversos que dos pais estão dispersos como ovelhas sem pastor.

Quem não se fizer menino capaz de com eles brincar e crer no que o Pai promete não perde por esperar por não esperar, travesso se as avessas, tropeço, se precipita no mar.

Imóvel atado a pedra ou na barriga de um peixe se pedir que Deus lhe deixe se viver, se ele deixar, quem viver verá mudança.

Quem é este que canta e dança? Rodeado de crianças das quais se pôs a cuidar.

Cantador

Pois não, eis-me aqui, se é pra cuidar de meninos pode me chamar, que eu vou.
Sei que tem beira de estrada pedra que eu levei topada tem também terra molhada lavoura toda formada que eu já vi pé com botãozinho e flor.
Vamo simbóra pra nossa roça cuidar de brotos e mudas pra quando o amanhã chegar, florescer e dar frutos bons.

Mas quanto àqueles meninos com pai vivo e mãe bulindo todos ao relento dormindo carentes do mesmo amor.

Poeta prosador

Vamos levá-los para a casa o pai, a mãe, o filho, a filha se temos toda a família só falta o que lhes faltou.

Cantador

Para o cancionista

o amor é matéria-prima ainda que não haja rima e que eu até perca o tom se não me faltar este dom sobrosso nenhum restou.

Se o sobrosso é o medo
na linguagem nordestina
e é a Bíblia que ensina
que o amor é caridade
não será temeridade
pois Deus por sua bondade
um dia nos adotou.

Jesus seu Filho Unigênito
que agora é Filho Primeiro
correu risco verdadeiro
até a morte enfrentou.
Nele todo homem é filho
filho que Deus adotou,
nele Deus é filho adotivo de um homem
o qual digo agora o nome
José que Jacó gerou.

Roberto Diamanso nasceu no Sítio Paus Viola, em Taquarana, Alagoas. Cresceu nas casas de farinhas onde escutou histórias encantadas contadas e cantadas por gente simples, de onde tira a inspiração para seus poemas e músicas. É músico, poeta, pastor e cuidador de crianças.

Sumário

Prefácio

Introdução

Parte 1

um olhar revelador

- ı. Redescobrindo a criança no coração da missão Keith J. White
- 2. Deus na criança Carlos Queiroz

Parte 2

no olhar da teologia

- 3. A criança como tema transversal da teologia Harold Segura
- 4. A criança na teologia latino-americana Carlos Caldas
- 5. A melhor parte da vida humana Entrevista com *Ariovaldo Ramos*
- 6. Teologia da Criança: Uma reflexão a partir do continente africano *Jan Grobbelaar*
- 7. A vontade do Pai : Teologia da dependência e pertencimento James B. Gilbert e Elsie Bueno Cunha Gilbert

Parte_3

no olhar do Antigo Testamento

- 8. A criança: sua natureza, suas necessidades, seu potencial Betty Bacon
- 9. A criança como sinal Milton Schwantes

Parte 4

no olhar do Novo Testamento

- 10. A criança no meio William L. Lane
- 11. Crianças que crescem como Jesus Harold Segura e Manfred Grellert

Parte 5

no olhar da sociedade (psicologia, educação e história)

12. Dos tais é o reino dos céus - Alderi Matos

- 13. A criança e a fé Blanches de Paula
- 14. A criança como chave hermenêutica Karin H. K. Wondracek
- 15. Reino de Deus, vitimização e sobrevivência Lyndon de A. Santos

Parte 6

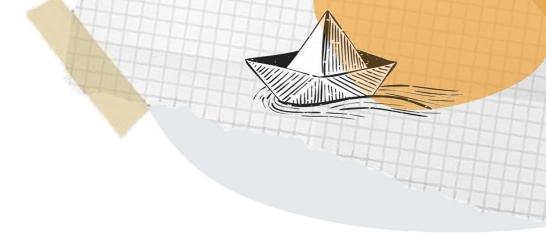
no olhar das crianças

16. O que podemos aprender com os filhos - $Karl\ Kepler$

Apêndice: Proposta Teológica do Movimento Teologia da Criança, John Collier

Notas

 ${\it Bibliografia}$



Prefácio

Base bíblica

Inicialmente, *Uma Criança os Guiará* surpreende pela riqueza e variedade de material bíblico dos dois Testamentos. Em um simples exame do sumário é possível perceber que há uma série de textos pertinentes não somente em uma sessão bíblica específica, mas também em muitos outros capítulos. Os autores nos chamam a atenção para o fato de que não existem apenas vinte ou trinta textos bíblicos relativos à infância, mas muitos mais. A Bíblia inteira tem relatos, palavras, noções e verdades que ajudam a resgatar a infância como uma importante chave hermenêutica para toda a mensagem bíblica.

Interdisciplinaridade

Há um novo e rico material de psicologia em capítulos como "A Criança e a Fé" e "A Criança como Chave Hermenêutica". Há um significativo material histórico e de antropologia cultural em textos que tratam dos registros greco-romanos e judaicos sobre a criança e a educação, da infância na perspectiva africana e do panorama histórico-brasileiro das condições da criança. Este modo de enfocar o tema ajuda a contextualizar a reflexão teológica em nossa realidade sociocultural, além de considerar a situação da criança e sua vivência hoje.

Reflexão teológica

Com tal riqueza de materiais, a reflexão teológica se tornou mais complexa; porém, mais rica, interessante e inspiradora. Por exemplo, é sugerido que o tema da infância não seja algo meramente tangencial à teologia, como na abordagem clássica, mas sim transversal e presente em todos os seus capítulos. A infância deveria estar no princípio, no meio e no final, nos objetivos da teologia, que deveria ser um exercício que efetivamente abençoasse a infância. Muitos teólogos teriam de reaprender com as crianças como ser parte do reino de Deus.

A redescoberta da infância

Os autores propõem uma redescoberta da infância: mais do que a parcela da sociedade que exige atenções especiais (até que se torne gente), ela é a melhor parte da humanidade — é mediadora da revelação de Deus. As crianças não são receptoras passivas da ação dos adultos. Elas são protagonistas tanto no seu processo de formação quanto na ação evangelizadora da igreja.

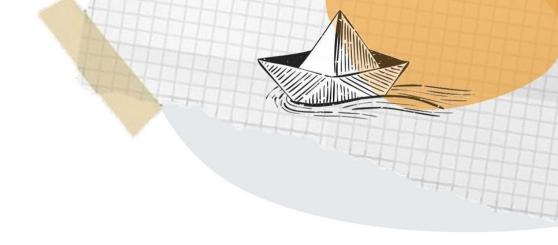
Crianças são mais do que a igreja do futuro. Elas já são a igreja do presente, e a liderança cristã adulta precisa aprender a tratá-las como tal.

Que efeitos esta teologia poderia trazer para a vida das igrejas? De maneira prática, haveria uma mudança na distribuição dos espaços do templo e na liturgia feita para adultos. Em muitos sentidos, o estilo de vida da igreja local se transformaria, segundo a percepção, a criatividade e o sentido de obediência de cada igreja aos mandamentos de Deus.

Na relação igreja e sociedade, foram creditadas à igreja evangélica brasileira importantes contribuições no processo de democratização e liberalização do ensino básico e secundário para gente jovem (crianças, adolescentes e jovens) no Brasil, desde a segunda metade do século 19 e durante o século 20.º A partir da segunda metade do século 20, tem crescido o número de ONGs evangélicas que trabalham no cuidado de crianças em situação de risco.³

Esta teologia — com sua nova e enriquecida visão da infância — deveria produzir um fermento novo entre nós, propenso a gerar muitos novos projetos que ajudem no processo de reforma que os tempos atuais estão pedindo, tanto na igreja como na sociedade.

- Key Yuasa



Introdução

Em uma pequena igreja no interior de Minas Gerais, durante o culto dominical, o pastor convidou seus membros a orarem em duplas. Todos escolheram seus pares e o pastor acabou orando com uma criança de quatro anos. Gentilmente, ele perguntou ao garoto se teria algum pedido a fazer a Deus. A criança disse apenas "alegria". Algumas semanas depois, o pastor oraria novamente com esta criança e ela faria o mesmo pedido: "alegria". Esse adulto desejava no íntimo que Deus inundasse aquela comunidade com a alegria que traz comunhão. Sabia também que aquela criança sempre teve uma participação importante na transmissão desse sentimento aos membros da igreja. Com poucas palavras, o menino disse o necessário. Com seu pouco conhecimento, mostrou o caminho. À sua maneira de ser, relembrou a essência.

Uma Criança os Guiará é baseado no princípio de que a presença da criança não pode passar despercebida, seja em nossas reflexões sociais e teológicas seja em nossas vivências familiares e comunitárias. Nossos olhares devem enxergar a criança como fonte de aprendizagem em um mundo esquecido de valores que ela ainda preserva.

Conduzidos pela criança

O texto de Isaías 11.6 ("...e um pequenino os guiará"), que inspirou o título deste livro, refere-se a Jesus. O capítulo 10 do livro trata especificamente desse texto

bíblico. É surpreendente refletir sobre o maior evento da história da humanidade a partir da figura de uma criança: "uma criança os conduzirá" e "um menino os guiará" — são outras versões do mesmo texto. Nas palavras do biblista Luiz Sayão,

A grande verdade é que o lugar do nenê é tão especial que Deus resolveu invadir a história humana na figura de um nenê. Em vez de descer diretamente do céu, ou de chegar repentinamente com um exército celestial para implantar seu reino, Deus preferiu a forma mais sublime de aproximar-se do homem: vir como um nenê.¹

O livro possui esta característica: ele é conduzido pela criança. As reflexões aqui reunidas — feitas a partir de diferentes olhares e perspectivas — têm o foco na criança. Nós que organizamos o livro (e outros integrados ao Movimento Teologia da Criança - CTM, sigla em inglês), temos em comum o fato de que em várias ocasiões fomos pastoreados por crianças. Nossos ouvidos, inicialmente já inclinados a discernir mistérios nos balbucios ou falas das crianças, nos últimos anos têm sido treinados a compreender de forma mais intensa verdades eternas a partir delas.

Se por um lado esta reflexão chega com atraso se considerarmos algumas escolas da pedagogia, os poetas, as mães e as ricas experiências de pessoas sensíveis em contato com a criança, por outro ficou clara a surpresa de alguns dos autores quando solicitados a escrever sobre o assunto. Alguns relataram que, quando convidados, inicialmente suspeitaram da pertinência do assunto e, após a pesquisa, reagiram: "Por que não pensei nisto antes?".

A perspectiva com que o assunto é tratado aqui, com louváveis exceções, está ausente do ambiente evangélico: das igrejas, dos seminários, dos eventos, da mídia, dos programas das denominações, da literatura, das revistas de escola dominical, da pregação, das liturgias, das músicas.

Sensibilizados pela criança

Muitas são as iniciativas e materiais pedagógicos elaborados com o objetivo de trabalhar com a criança ou "evangelizá-la". O diferencial deste livro em relação aos muitos outros livros cristãos sobre a criança é que aqui ela é a referência, é vista como fonte de aprendizado para os adultos, como modelo do reino e não como alvo de nossas ações ou de nossos estudos. Na linguagem do CTM, citando Marcos 9.36, aqui a criança é colocada *no meio*.

Ao levar em conta as palavras de Ariovaldo Ramos (a melhor parte da vida humana está com as crianças... nelas ainda podemos ver o melhor do ser humano) e as de Carlos Queiroz (as crianças nos humanizam e evangelizam), podemos afirmar que necessitamos urgentemente ser sensibilizados pelas crianças. A criança pode nos ajudar a resgatar e preservar virtudes dadas por Deus, que ainda estão presentes nelas, como a capacidade do perdão, o amor sincero, a amizade fácil, a espontaneidade, a dependência e a humildade.

A teologia da missão integral, que é uma tentativa de retorno ao evangelho integral (todo o evangelho para todo ser humano), não será integral se não considerar o lugar da criança nas Escrituras e em especial no ministério de Jesus. Em vários episódios, Jesus demonstra profundo respeito e amor pelas crianças. Seguir a Jesus é acima de tudo seguir o seu exemplo.

O médico, educador e escritor judeu Henryk Goldszmit, cujo pseudônimo adotado foi Janusz Korczak, entendeu na prática o exemplo do mestre Jesus no cuidado com as crianças. Ele manteve um orfanato para crianças dos bairros pobres de Varsóvia, na Polônia, e escreveu vários livros e artigos, entre eles o "Direito da Criança ao Respeito", que mais tarde veio a inspirar a Declaração dos Direitos das Crianças das Nações Unidas.

Korczak morreu em 1942 no campo de concentração em Treblinka. A caminhada de Korczak com duzentas crianças de seu orfanato em direção ao trem que os levaria a morte na câmara de gás talvez seja uma das maiores

demonstrações de amor pelas crianças já vistas. O episódio foi relatado com o merecido título "Uma vida guiada pelo amor":

Em 1942, os nazistas ordenaram a transferência do orfanato para uma casa pequena e suja, no gueto de Varsóvia. Em 5 de agosto do mesmo ano, durante a liquidação do gueto de Varsóvia, os hitleristas ordenaram o agrupamento das crianças do orfanato de Korczak e o envio das mesmas ao campo de morte de Treblinka. O "velho doutor" reuniu duzentos pupilos, os fez colocarem-se sabiamente em fileiras e, à sua frente, partiu com eles para o "Umschlagplatz", no cruzamento das ruas Stawki e Dzika, onde todos foram colocados em vagões de carga e enviados para os fornos crematórios.

As contribuições do livro

Esta publicação não pretende abordar a reflexão teológica da criança como um modismo. Muito menos tratar a criança como uma "estratégia" com estatísticas e modelos de alcance a curto, médio ou longo prazo. Por outro lado, também não se trata de *sacralizá-la* como revelação absoluta ou como um ser sem pecado.

Com este livro, desejamos:

- Apresentar reflexões sobre a criança a partir de diferentes áreas;
- Incentivar a observação mais atenta e mais sensível da criança e demonstrar a necessidade/possibilidade de aprendizado sobre o reino de Deus a partir delas e com elas;
- Ampliar a discussão sobre a criança na igreja local, mostrando que o assunto é mais importante, abrangente e profundo do que tem sido colocado, e instigar os leitores a pensarem como deve ser uma igreja que tem a criança como prioridade;
- Ser uma ferramenta de apoio para quem já trabalha com crianças, seja em um ministério infantil ou em organizações sociais;

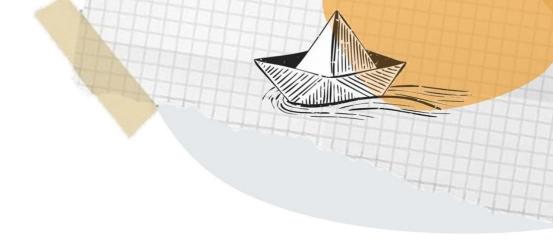
- Colocar a criança na pauta da reflexão bíblico-teológico-missiológica em centros de formação. Mesmo tendo tantos autores diferentes, a organização dos capítulos considera a unidade do foco (a criança). O livro começa com o reconhecimento de que, ao olharmos para a criança, Deus pode nos revelar verdades desconhecidas, ignoradas ou esquecidas. Os capítulos seguintes trazem olhares a partir da teologia, do Antigo e do Novo Testamentos, das ciências humanas (psicologia, educação e história) e das próprias crianças. O apêndice traz informações sobre o Movimento Teologia da Criança e suas propostas.

Ponto de partida

A você que se propõe a ler este livro, incentivamos manter a expectativa correta: trata-se de um ponto de partida, uma introdução a esse vasto tema. Em 2006, reunimos 25 pessoas (teólogos, trabalhadores na área social, professores, jornalistas e líderes de missões) em Itu, SP, para a 1ª Consulta Teologia da Criança Brasil, parte de um esforço brasileiro liderado pela Rede Mãos Dadas e pela Visão Mundial, e apoiado pela Compassion do Brasil, que também apoiam a publicação deste livro. Durante cinco dias, meditamos, compartilhamos e ouvimos crianças na tentativa de avançar um pouco no objetivo de refletir teologicamente a partir da criança. Em parte, este livro é fruto dessa consulta. Ele se insere também num contexto maior de âmbito internacional. Desde 2002 o CTM vem realizando encontros em diferentes continentes para refletir sobre o assunto.

Nossa contribuição por meio destas páginas vai ajudá-lo a colocar-se no caminho. Há uma peregrinação à frente e incentivamos o leitor a iniciá-la já: além da leitura do livro, propomos que nos próximos dias preste mais atenção nas crianças. Aproxime-se delas, ouça-as com o coração. Siga o conselho de Luiz Sayão: "Antes de ler a Bíblia e de fazer uma oração, procure um nenê, de preferência dormindo, e gaste dois minutos em silêncio olhando bem para ele. Pronto! Você está pronto para meditar e orar".

— Os organizadores



Parte 1

um olhar revelador

1.

Redescobrindo a criança no coração da missão

KEITH J. WHITE

"E um pequenino os guiará."

Isaías 11.6

Os cristãos se equivocam ao achar que a Bíblia fala pouco sobre as crianças. Depois de uma rápida pesquisa bíblica, este capítulo vai sugerir os fundamentos de uma base teológica para o nosso papel na missão divina entre as "crianças em risco".

Não menosprezemos o significado da nossa atual tarefa. O que não estamos entendendo bem ou negligenciando nos ensinamentos de Deus a respeito das crianças e da infância? Em que níveis o mau entendimento ou a negligência às palavras de Deus nessas questões afetam a história, a vida e a forma da igreja? E se por nossa culpa não formos sal e luz do mundo? E se a nossa visão sobre o reino for apenas um reflexo tímido daquilo que Jesus revelou? Os desafios são enormes (o padrão é muito alto) e marcam hoje o começo de um processo que pode ter um impacto significativo no desenvolvimento da teologia, na missão e na forma da igreja. O que é oferecido aqui é apenas um esboço. Foi escrito enquanto as responsabilidades de cuidar de "crianças em risco" eram mais urgentes do que escrever. Vem do coração e da mente de alguém que dedicou a maior parte dos últimos doze anos trabalhando numa nova versão da Bíblia, destinada à crianças de todas as culturas que estão descobrindo as Escrituras pela primeira vez.'

23

¹ Publicado originalmente em *Celebrating Children*, 2003.

As crianças na Bíblia

Crianças do Antigo Testamento

- *Ismael* (Gn 16) significa "Deus escuta". Sua mãe, Hagar, quando grávida, tinha tudo, mas perdeu as esperanças. Entretanto, Deus foi infinitamente gracioso com essa mãe solteira e seu futuro filho.
- Isaque (Gn 22) prefigurou o sacrifício de Jesus na história da provação de Abraão.
- *José* (Gn 37), o sonhador de 17 anos, foi aquele por intermédio de quem seus pais e os filhos de Israel foram salvos.
- Benjamim (Gn 44, 45) foi o garoto por meio de quem veio a reconciliação entre José e seus irmãos.
 - Moisés (Êx 1) foi salvo pelo olhar atento da sua irmã, Miriã.
- A história do êxodo começa com a matança dos pequenos meninos judeus como uma prefiguração do nascimento de Cristo. A última das dez pragas do êxodo envolveu a morte dos primogênitos.
- O ponto mais importante do livro de Rute é o nascimento de um bebê, Obede, um dos ascendentes de Jesus.
- Samuel (1Sm 3) foi a criança por meio de quem Deus mostrou sua vontade quando os adultos falharam. Ele é um modelo de vida espiritual e obediência.
- *Davi* (1Sm 17) foi a pessoa por meio de quem foi revelado que Deus não dependia da força ou do treinamento dos adultos. Por intermédio de um garoto, os filisteus foram derrotados.
- Tanto Elias quanto Eliseu trouxeram de volta à vida um "filho de viúva" (1Rs 17.21; 2Rs 4).
- Deus usou uma criança serva para curar Naamã, o comandante do exército (2Rs 5).

- Josias, que reformou a política e a religião, era um jovem rei (2Rs 22). Ainda era um garoto quando começou suas reformas radicais (2Cr 34).
 - Ester, a futura rainha que salvaria o povo judeu, era uma garota órfã (Et 2.7).
 - Jeremias foi escolhido por Deus, embora fosse "apenas uma criança" (Jr 1).

E não é simplesmente o fato de que essas pessoas mencionadas eram crianças. A questão é que algumas das mais importantes obras e revelações de Deus foram feitas por intermédio delas. A fé e as ações dessas crianças são essenciais para o desdobramento e a realização dos propósitos divinos.

Infância no Antigo Testamento

O Antigo Testamento é muito mais do que um registro da importância de uma ou outra criança. As crianças e a infância são de grande importância na vida social de Israel e na forma como o Antigo Testamento como um todo é apresentado.

A adoração era visual e dramatizada — igualmente acessível para crianças e adultos. As instruções para a Páscoa presumem o que as crianças perguntariam sobre ela (Êx 12.26-28). Da mesma forma, as doze pedras que foram erigidas depois de terem sido retiradas do leito do rio Jordão permaneceram como um sinal para a instrução das futuras gerações (Js 4.6-7). O povo de Deus o serve e o adora por meio de rituais e práticas descritos nos livros de Éxodo e Levítico. Há pouca separação entre adultos e crianças. Em Esdras 10, quando a Lei é lida, as crianças são mencionadas como parte da multidão, relembrando a ocasião da renovação da aliança em Josué 8.35.

As crianças são vistas como um sinal da bênção de Deus no Antigo Testamento e, mesmo assim, são os primeiros a sofrer quando o pecado, a fraude, a guerra e a fome afetam a tribo ou a cidade. Os filhos de Acã morreram por causa do pecado do pai. Há relatos vívidos e tristes do sofrimento de crianças no Antigo Testamento (Sl 106; Jr 31; Lm 1, 2, 4; Jl 3; Am 2; Sf 1).

As maiores preocupações de um adulto responsável são o bem-estar e o cuidado dos filhos. Na maioria das vezes, cabe às famílias sustentá-los. Porém,

quando isso não é possível, por causa de doenças, morte, fome ou guerra, o cuidado desses órfãos é entregue ao coração de Deus (Sl 10, 146; Is 1; Sf 1.8).

O relacionamento de Deus com o seu povo é retratado de várias maneiras no Antigo Testamento. Uma das figuras usadas (posteriormente ampliada no Novo Testamento) é a de pai. Em Deuteronômio 8, Deus exorta àqueles a quem escolheu. Salmo 27.10 diz que um filho pode ser abandonado por seu pai ou mãe, mas não por Deus, o Pai celeste. A misericórdia de Deus é como a de um pai para com seu filho (Sl 103). Muito da literatura "da Sabedoria" é escrita como se um pai falasse ao seu filho (Sl 34; Pv 1-7). O povo judeu era frequentemente chamado de "filhos de Israel" ou "filhas de Sião".

O relacionamento mãe-filho é expressivamente usado para descrever o elo entre Deus e nós, seus filhos. Há uma linda descrição da criança desmamada no Salmo 131, representando a alma calma e sossegada. A mãe pode até se esquecer do filho que ainda mama, mas Deus nunca se esquece (Is 49.15-16). O último capítulo do livro do profeta Isaías apresenta uma sensível descrição de um parto e conclui: "Como uma mãe consola seu filho, também eu os consolarei" (66.13). Oseias relata os primeiros dias de Israel: "Quando Israel era menino, eu o amei, e do Egito chamei o meu filho" (Os 11.1).

É possível encontrar mais motivos para reflexão ao ler Eclesiastes 11 e 12: "Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade"; Cântico dos Cânticos 8, referindo-se à irmã mais nova; Ezequiel e o "filho do homem" (2.1); o final do Antigo Testamento, que termina descrevendo um relacionamento renovado entre filhos e pais (Ml 4.6). E essas são apenas amostras!

Temática do Antigo Testamento

Existem três temas profundamente significantes sobre os quais ainda não falamos e que devemos abordar antes de deixar o Antigo Testamento.

Primeiro, o Salmo 8 expressa uma verdade facilmente negligenciada, da mesma forma que se negligencia a imensidão do céu à noite. Jesus dá uma atenção especial ao fato e por isso devemos parar e observar: "Da boca de pequeninos e crianças de peito suscitaste força, por causa dos teus adversários, para fazeres emudecer o inimigo e o vingador" (v. 2). As crianças foram criadas e destinadas a louvar a Deus e a sua glória. Elas não são consumidores ou adultos em miniatura, mas adoradores do Deus Criador. Seus ouvidos, olhos, pés, mãos e vozes foram feitos para louvar a Deus — essa é a sua verdadeira natureza e finalidade. Porém, mais do que isso, elas têm o papel especial de silenciar os inimigos de Deus. Quando tudo o mais falhar, as crianças (como Samuel e Davi, por exemplo) serão os instrumentos de moral, virtude espiritual e poder. Isso não é surpreendente? A criança é moldada, moral e espiritualmente, à semelhança do "Pai da humanidade".

Tal fato nos leva a uma segunda grande descoberta, encontrada em Isaías 11. Esta passagem retrata brilhantemente o reino messiânico: "O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará". Qual é o lugar das crianças? Liderando! E será um lugar seguro onde as crianças poderão brincar — ao contrário dos centros urbanos, da guerra, da selva do mercado dominante e consumista dos dias de hoje (veja também Isaías 65). As crianças ocupam o lugar mais importante no reino dos céus. Jamais podemos perder isso de vista se quisermos entender os ensinamentos de Jesus, nosso relacionamento com Deus e nossa missão na terra.

Há um papel culminante para a criança no Antigo Testamento. Isaías fala sobre a ira santa de Deus contra o pecado e a hipocrisia da humanidade. Mesmo parecendo uma situação desanimadora e desalentadora, ainda assim Deus dá um sinal: "A virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel" (Is 7.14). O fim da ação salvadora de Deus é uma luz para aqueles no vale da sombra da morte: "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros..." (Is 9.6).

O foco não é um rei guerreiro, um sábio mestre ou um sumo sacerdote, mas uma criança. A salvação deve ser procurada em toda parte e por todos... Mas o governo estará nos ombros dessa criança. Agora o cenário está montado e o palco armado para nos aventuramos pelo Novo Testamento.

O Novo Testamento e as crianças

Nos Evangelhos encontramos a continuação e o desenvolvimento de cada um dos temas do Antigo Testamento.

Jesus encontra várias crianças durante a vida. Por exemplo: a filha da mulher cananeia (Mt 15; Mc 7), o jovem endemoninhado (Mt 17; Mc. 9; Lc 9), o filho do oficial em Cafarnaum (Jo 7), a filha de Jairo (Mt 9; Mc 5; Lc 8), o filho da viúva em Naim (Lc 7), e o garotinho que ofereceu a ele cinco pães e dois peixes (Jo 6).

As crianças são muito especiais para Jesus e elas são trazidas a ele. Assim como a adoração e os rituais do Antigo Testamento, seu método preferido de ensino — por meio de histórias e sinais — é igualmente acessível para crianças e adultos.

Existem quatro aspectos das narrativas dos Evangelhos que chamam nossa atenção. O primeiro é o nascimento de Jesus, a encarnação. Os Evangelhos de Mateus e Lucas dedicam os capítulos iniciais a isso. Mateus cita a passagem de Isaías sobre a virgem e a criança (Is 7.14). Os magos saíram em busca do recém-nascido. Quando o acharam, o adoraram se ajoelhando e ofereceram presentes. A narrativa do Éxodo é recriada e revisitada quando Herodes percebe que foi enganado. Mais uma vez, os menininhos foram mortos. Em Lucas existem vários relatos sobre os nascimentos de João Batista e de Jesus. Lucas fala do sinal aos pastores, que se refere à profecia de Isaías: "Encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada em manjedoura" (Lc 2.12). Simeão fala do significado da criança: "Eis que este menino está destinado tanto para ruína como para levantamento de muitos em Israel e para ser alvo de contradição" (2.34). E para aqueles que almejavam a redenção de Jerusalém, veio a profetisa Ana e falou a respeito "do menino" (2.38).

A palavra *criança* é repetida várias vezes em todos os Evangelhos nesse ponto da história. O significado de tudo isso é que Deus escolheu vir ao mundo para revelar-se como um bebê e como uma criança. Talvez estejamos tão acostumados

com o Natal que não percebemos o quanto isso é radical. O teólogo Nestor ficou tão transtornado com as implicações desse fato que escreveu: "Eu não consigo conceber que Deus tenha dois ou três meses de idade!". Karl Barth, descrevendo o bebê indefeso, escreveu: "Este é o seu Deus! O supremo Deus criador é uma criancinha tão pequena? Será isso possível? Se é, o que significa?".

Escritores de nossos hinos depararam-se com esse paradoxo e escreveram versos como "num berço de palha dormia Jesus, o meigo menino..." ao mesmo tempo em que "Cristo, o Todo-Poderoso, nasce em Belém..." e outras indicações de total deslumbramento. Se é difícil imaginar como a grandeza da mente de Deus pôde habitar no ser humano, muito mais incrível é o desafio de ver a imagem de um bebezinho em contraste com a de Deus todo-poderoso! Do ponto de vista divino não há complicação nenhuma; porém, isso abala nossos preconceitos. Um bebê é pequeno, fraco, dependente e vulnerável, precisa de educação, treinamento e linguagem... E Deus nos fala que precisamos aprender a sair dos palácios e dos encontros com eruditos e poderosos e chegar até a manjedoura e a criança.

O segundo aspecto que encontramos nos Evangelhos diz respeito a *crianças e infância*. É preciso algum esforço de nossa parte para entender a mente de Jesus. Precisamos voltar ao capítulo 17 de Mateus e ler até o capítulo 21, que é o trecho que cobre o período entre a transfiguração e a entrada de Jesus no templo em Jerusalém. (Também narrado em Marcos 9-11 e Lucas 9-19.) Esses capítulos contêm alguns dos ensinamentos mais claros de Jesus sobre a natureza do reino. A primeira atitude de Jesus depois da transfiguração foi curar um jovem endemoninhado. Em seguida, ensinou sobre impostos, pagamentos e filiação. Em Mateus 18 encontramos a famosa lição "se não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus". Há também referência àqueles que causarem mal aos pequeninos e à história da ovelha perdida aplicada às crianças.

Depois, Jesus ensinou sobre o perdão e o divórcio e fez ponderações sobre outros questionamentos de adultos. E novamente colocou as crianças no lugar mais importante do reino (19.13-15). Um jovem rico foi ordenado a vender tudo o que tinha para entrar no reino (isto é, tornar-se como uma criança). A parábola sobre os

trabalhadores na vinha demonstra a surpreendente natureza do reino e é seguida por mais referências à morte de Jesus. A mãe de Tiago e João queria lugares privilegiados para os filhos. Estava completamente equivocada quanto à natureza do reino e o que significa "ser criança".

Os dois cegos (20.29-34) fizeram muito melhor! Jesus, então, entrou em Jerusalém e a multidão o saudou. No templo, as coisas continuavam como se Cristo e o reino de Deus não houvessem chegado. Apenas as crianças continuaram a louvar a Jesus. E foram reprimidas. Porém, Jesus confirmou que elas faziam exatamente aquilo para que foram criadas: louvar e adorar a Deus (Sl 8.2).

O que descobrimos? Uma linha — que vai da transfiguração ao templo, da montanha ao monte Sião — que liga o ensinamento sobre a morte de Jesus ao reino dos céus. Todos os principais comentários deixam de lado o fato de que as crianças são o elo e muitas traduções falham ao traduzir *nepioi* (criancinha) como *inocente* (Mt 11.25; Lc 10.21).

O terceiro aspecto a considerar nos Evangelhos é o *reino dos céus*. O que Jesus ensina sobre esse reino?

- A grandeza nesse reino não tem nada a ver com *status*, poder, força, influência, riqueza ou qualquer outra coisa normalmente associada à grandeza humana.
 - É preciso mudar (arrepender-se) para entrar no reino.
 - É preciso tornar-se como uma criança para entrar no reino dos céus.
 - Ao acolher as criancinhas, estamos acolhendo o Senhor do reino!
 - O reino pertence àqueles que se tornam como crianças.

O reino não é, de forma alguma, como um reino da terra — é o oposto, em todos os aspectos. A melhor maneira de descrevê-lo não é como um lugar ou território, mas como a "maneira que Deus age". Ao entendermos isso, todas as histórias do reino mudam de lugar.

Outro paradoxo do reino é sua completa instauração e seu início. O reino já foi inaugurado, mas ainda não está inteiramente instalado. O conhecimento sobre as crianças nos ajuda a entender: elas são inteiramente humanas (agora), porém não

estão inteiramente desenvolvidas (ainda não são adultas). A infância e o reino se explicam mutuamente.

O quarto e último aspecto é uma descrição simples e poderosa de que, para entrar no reino, é preciso tornar-se como uma criança. Este é o ensinamento de Jesus a Nicodemos (Jo 3): "Você precisa nascer de novo". E Jesus está ensinando exatamente esta mesma verdade: é preciso arrepender-se, deixar de lado todos esses preconceitos adultos, culturalmente estabelecidos, e tornar-se um bebezinho. É preciso recomeçar em Cristo. Isso não é uma metáfora ou ensinamento isolado. Assim como Mateus, Marcos e Lucas, João está registrando a necessidade de um adulto tornar-se como uma criança — porque, de outra forma, não será possível ver o reino de Deus.

Tal verdade pode ser vista no Evangelho de João, no relacionamento entre Jesus e o Pai. Esse é um referencial para nós. Assim, quando oramos, em vez de dizer *Poderoso Deus*, *Criador* ou *Senhor Deus*, podemos dizer *Pai-Nosso*. Esse relacionamento é a concretização da esperança contida no Antigo Testamento. O Evangelho de João começa falando sobre os "filhos de Deus" e a vida de Jesus mostra de forma terna e bem clara o que isso significa.

Nos Evangelhos e no reino, as crianças são o centro — como o garotinho que ofereceu cinco pães e dois peixes para os discípulos adultos que chamaram a atenção de Jesus dizendo que aquilo não seria suficiente.

E o restante do Novo Testamento? Romanos e Gálatas mostram a natureza do nosso relacionamento com Deus em Cristo. Fomos adotados na família de Deus e podemos conhecer a Deus como *Abba*, como pai. Devemos viver cada aspecto da vida de Cristo e viver como filhos da luz. Uma de nossas formas favoritas de descrever o seguidor de Jesus é "filho amado". As epístolas descrevem um novo modo de vida, em Cristo, de forma que não há nem macho nem fêmea, judeu ou grego, servo ou livre! Como vimos, a Bíblia tem muito a dizer sobre as crianças. Quais são as implicações de tudo isso?

Preparando o terreno

Primeiro, vejamos alguns erros do passado para evitá-los antes de começar a delinear uma estrutura teológica para o futuro.

Cometemos vários erros quando se trata de *reino* de Deus e missão. Nós os concebemos de acordo com a nossa cultura. Reino, império e colonialismo, tudo se resumia a poder, território e conquistas. Pensamos que missão é aquilo que fazemos; que o reino de Deus depende do nosso trabalho.

Passamos longe do sentido de *teologia*. Ela tem sido uma ocupação adulta com muita ênfase na filosofia, na doutrina, na teologia sistemática e na hermenêutica. Pouca atenção é dada às histórias, paradoxos e sinais do reino.

Cometemos erros na *igreja*. Nossas prioridades são confusas. Algumas vezes não conseguimos distinguir reino e igreja. Muitas vezes menosprezamos o lugar e a ajuda das crianças. Pensamos sinceramente que não temos nada a aprender com elas!

Fomentamos sociedades nas quais os adultos, o poder, a riqueza e os bens parecem valer para quase tudo, e os ensinamentos de Jesus sobre vender tudo o que temos, para muitos, é inconcebível. O "ser criança" se perdeu, ou ficou restrito à vida adulta, por causa de nosso comercialismo e dos programas adultos de educação. As crianças estão em segundo plano no sistema político. Elas sofrem imensamente, e a ira de Deus parece não ter nos comovido a fazer a coisa certa.

Assim, vamos pensar numa base teológica para a nossa futura missão ao lado das crianças e entre elas.

Baseio-me em *Missão Transformadora*, de David J. Bosch, teólogo sul-africano que morreu num acidente de carro em 1992, no Pacto de Lausanne e no subsequente manifesto de Manila. Eles organizam a vida de Jesus em princípios centrais. É uma estrutura cristocêntrica em sua forma e ênfase.

Assim como qualquer seguidor de Jesus, somos chamados a apresentar os nossos corpos como sacrifício em sua obra; a permitir que a visão e a mente de Cristo estejam presentes em todos os pensamentos e atitudes; a servir a Jesus como Senhor; a viver novos relacionamentos e uma nova comunidade com tamanha unidade e

amor que as pessoas saibam que somos discípulos dele; a levar em frente suas prioridades e sua missão. Esse é o nosso chamado. Porém, qual é o chamado específico para aqueles envolvidos no trabalho com crianças e jovens em risco?

Uma base cristocêntrica para a missão

Vamos tomar como base os seis maiores eventos da vida de Jesus e perceber como eles esclarecem a nossa missão e tarefa.

A encarnação — o modelo da missão

A teologia evangélica protestante tendeu a ser relativamente fraca neste ponto e, de certa forma, desgastou a cruz e a redenção. Precisamos encontrar as implicações e responsabilidades do surpreendente evento da encarnação.

Deus veio ao mundo no tempo e no espaço, e Jesus, com sua vida e seus ensinamentos, trouxe perdão e cura para as pessoas, independente da função, do gênero e da classe.

Criação de filhos, famílias, comunidades, trabalho e descanso são tão importantes para Jesus que ele trouxe restauração para as pessoas e para os relacionamentos. O Novo testamento vê os relacionamentos como algo central em nosso chamado como seguidores de Jesus. Ele nos chama a segui-lo e, ao perguntarmos "o que Jesus faria?", descobrimos que seu ministério é um parâmetro simples e vívido.

Os cristãos estão buscando continuar a obra de Jesus em cada família, cidade e rua, em cada trilha, montanha, rio e poço, em cada ferida e doença. A transcendência e a divindade de Jesus são distintamente reveladas no Evangelho de João por meio de sua humanidade. Em sua vida diária, com poeira em seus pés e sentindo sede, ele revelou a graça e a glória de Deus.

As dimensões social e política do evangelho estão implícitas na agonia, no suor e no sangue de Jesus — não só na cruz, mas também em sua vida e ministério. A luta e o sofrimento como ponto principal do Pacto de Lausanne representa a luta e o

sofrimento segundo o evangelho. O mal não está apenas no coração humano; está também em nossas estruturas sociais, e não existe evangelho sem solidariedade (encarnação).

Nisso e em outras coisas reconhecemos as implicações da encarnação para a nossa vida e para o nosso chamado em Cristo. Porém, a convivência com as crianças em situação de risco nos leva a esclarecer alguns aspectos obscuros da encarnação. Tradicionalmente, o credo teológico ocidental enfatiza que Jesus tornou-se homem ("homo factus est"). Por outro lado, as narrativas dos evangelhos enfatizam o Jesus *criança*. Profetizado por Isaías, o sinal no Evangelho de Lucas de que aquele realmente era o Messias, o escolhido de Deus, era de fato "um bebezinho deitado em uma manjedoura".

As implicações da encarnação envolvendo um bebê e uma criança não foram muito bem trabalhadas na teologia ocidental. Será que os credos precisam ser modificados? "Puer factus est": ele se tornou um garoto. Esta tendência de menosprezar o significado de "Jesus criança" justifica os comentários sobre o seu ministério e seus ensinamentos. O principal ensinamento sobre a infância, necessário para entender e entrar em seu reino, é geralmente ignorado ou desprezado. Nós não vemos as crianças como um sinal do reino. Cristão é aquele que nasce de novo, que se torna como uma criança. Esse processo é profundamente interligado com a encarnação: "Jesus criança" em nós, e nós nele.

A cruz — o preço da missão

A vida e a morte de Jesus não podem ser separadas. Estão ligadas de modo indissolúvel. Filipenses 2 resume sua vida e morte: "Encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte e morte de cruz!" Pouco antes de ser executado, Bonhoeffer escreveu: "Quando Cristo chama um homem, ele o desafia a vir e a morrer". A cruz é o símbolo da nossa salvação por intermédio da morte sacrifical de Cristo. A cruz é também uma lembrança de que o sofrimento é a maneira de Deus agir na história. Não há como seguir a Jesus sem cicatrizes.

Como seguidores de Jesus, vivemos sob a sombra da cruz. É uma lembrança constante; é símbolo da realidade e da feroz crueldade do pecado humano, da rebelião e do sofrimento. Nós nos iludiremos se minimizarmos a extensão do sofrimento e da degradação humana. A cruz nos lembra da constante necessidade de arrependimento e mudança, como pessoa e como comunidade. Não há missão sem lágrimas.

A cruz é o lembrete de Deus de que não podemos salvar a nós mesmos por meios humanos: nossa situação é muito difícil. Não estamos apenas perdidos, mas também mortos em nossos pecados. A cruz aponta para o sacrifício de Jesus, aquele que não teve pecado, para que pudéssemos estar em conformidade com Deus. Não há cura ou perdão fora do sangue inocente que foi vertido. A cruz constantemente desafia nossas próprias razões e compromissos — nos chama a amar independente de recompensa ou retorno.

A cruz é também um símbolo de reconciliação, unindo pessoas independentemente de credo, identidade ou classe. É um lugar onde nos encontramos no mesmo patamar.

Mediante todas essas coisas, reconhecemos as implicações da cruz para nossa vida em Cristo. Porém, aqueles que são chamados para viver ao lado das crianças e entre elas são constrangidos a clamar em favor do sofrimento de crianças de todas as culturas e economias ao redor do mundo. Elas estão sofrendo como ovelhas em silêncio nos altares dos nossos deuses.

Como adultos, nos tornamos tão obcecados com nossas próprias ambições, receios e obrigações que permitimos o sofrimento de várias gerações de crianças. Nossas instituições e estruturas refletem isso. A cruz nos chama a identificar, acima de tudo, os oprimidos e os que sofrem cronicamente. As crianças inocentes que sofrem em nosso mundo encontram, em Jesus e na cruz, alguém que as entende mais do que qualquer um jamais poderia entender.

A ressurreição — a ordem para a missão

Somos um povo que celebra a Páscoa e a nossa canção diz "Aleluia"! Por meio de Jesus as coisas futuras — alegria, esperança e vitória — se fazem presentes.

Os cristãos não são amargos, furiosos e consumidos por desejos de destruição e vingança porque a cruz substituiu esses desejos pelo amor, e porque o túmulo vazio abre novos horizontes.

Cremos que não existe situação que não possa ser transformada pelo poder do Senhor ressurreto. Ao vislumbrar a realidade da transformação do reino de Deus, podemos identificar e confrontar as forças da morte, exploração e destruição. Não sentimos medo de desmascarar ídolos e falsos deuses.

Estamos preparados para nos tornar sementes, que morrem para que a vida de Deus possa ser revelada em toda a sua glória. Valorizamos cada pessoa na terra e cada relacionamento à luz do amor de Deus. Vemos além da vida humana, além das sepulturas e dos campos de morte.

Em tudo isso nos identificamos com os irmãos em Cristo ao redor do mundo. No entanto, aqueles que trabalham ao lado e entre as crianças em risco são constrangidos a levar em conta as formas como elas nos falam sobre a ressurreição. Contemplamos, na capacidade e na resistência das crianças, no olhar de perda, no sofrimento e humilhação, o desejo de lutar por um mundo melhor — ressurreição em ação. Em nosso mundo as crianças são sinais da Páscoa, como galhinhos verdes depois de um rigoroso inverno.

A ascensão — o impulso para a missão

O significado da ascensão de Jesus para a nossa vida e para a missão de Deus também foi ignorado. A ascensão é o sinal de que Jesus Cristo é rei e de que seu reinado já começou. Somos chamados a viver como o povo do Messias, num mundo que não reconhece a Jesus como Senhor. Devemos resistir à pressão de sermos postos nos moldes do mundo e nos modelos eclesiásticos e institucionais que distorcem os valores e as prioridades de Cristo.

Há uma vasta visão bíblica desse novo reino ao longo das escrituras e somos chamados a vivê-lo em nossa vida, em nossa família, em nosso país, em nossa cultura e no mundo inteiro.

Na história das missões, outras visões moldaram, de forma inconsciente, a vida e a proclamação do reino de Deus. De certo modo, poder e *status* foram mais valorizados do que o dom do amor e do servir. Esse reino exige que invertamos o *status quo*. As crianças são o centro da visão; isso é um contraste revolucionário com o reino político de hoje que, em suas preocupações com "questões adultas" e suas soluções, perdeu o contato com o "espírito da criança".

As crianças e a infância nos apresentam vislumbres da natureza e da dinâmica do reino de Deus, especialmente o "agora" e o "ainda não". Isso é uma tensão criativa. Vemos uma criança e um cordeiro sacrificado no centro daquela visão. É um reino eterno onde cada aspecto da criação vive em harmonia, sem medo e sem dor.

Pentecostes — o poder para a missão

O Espírito de Deus é poderoso na vida e no testemunho do seu povo. O amor e a irmandade do povo de Deus são partes da mensagem que a igreja proclama.

A diferença dessa comunidade é que ela existe para os outros, para ser serva de toda a irmandade mostrando a retidão e a justiça em suas atitudes. A comunidade da igreja é um retrato do reino de Deus na terra, mas não o reino em si mesmo. É uma comunidade de seguidores de Jesus, no mover e em resposta aos planos, ao chamado e ao tempo de Deus. Nenhum cristão, sozinho ou em comunidade, existe independente da capacitação do Espírito e de sua *koinonia*. Cristo nos vê por meio do seu povo.

Todos os que trabalham com crianças estão conscientes de que a igreja tem repetido com frequência crenças e costumes da cultura na qual está inserida, em detrimento do exemplo de Cristo. As crianças não têm sido o centro da nossa vida e da nossa adoração em comunidade. Muitas vezes, como o menino Jesus, elas são postas em segundo plano. Incomoda-nos a questão do batismo infantil, da Ceia do Senhor e o fato de as crianças serem ou não salvas e em qual idade. Como os discípulos de Jesus, temos sido negligentes para com a forma como viemos ao mundo — como crianças. Tendemos a ver o trabalho com crianças como se estivesse fora do

âmbito principal da igreja e da adoração. Precisamos reconhecer o chamado bíblico para repensar nossa pauta.

A segunda vinda — a urgência da missão

Todo o nosso trabalho, nossas iniciativas e estruturas, como a celebração da Ceia de Senhor, são permanentes. Vivemos o período entre a primeira e segunda vinda de Jesus. Vemos em parte (agora); o reino é concebido em partes. Entretanto, o veremos face a face, e o reino será revelado em sua plenitude.

Estamos em alerta e na escuta; trabalhamos sabendo que ele pode vir a qualquer momento. Trabalhamos em todas as partes do mundo, porque essa é a sua ordem. Ele não tem preferência por povos ou culturas: todos são objetos da sua graça e amor e todos os povos estarão igualmente jubilosos ao tomarem parte no novo reino. Sabemos que Jesus pode voltar hoje mesmo — o sofrimento de milhões de crianças provocará sua ira fulminante e julgamento sobre aqueles povos e governos que as oprimem e maltratam.

E os que trabalham com crianças precisam reconhecer o lugar e o papel especiais que elas ocupam no reino de Cristo. Elas vão conduzir a adoração, porque para isso é que foram criadas. Elas estarão no centro e os séculos de marginalização, abuso e vitimação serão trocados por uma experiência de perfeita liberdade e harmonia.

Essa abordagem e esse contorno têm implicações radicais e capazes de abalar o mundo. Vejamos mais claramente algumas delas.

Teologia

Nas últimas décadas, aconteceram mudanças significativas na tradição teológica do Ocidente envolvendo as mulheres e as nações e culturas não-europeias. O velho modelo colonial está desmoronando. Não podemos ler o Antigo Testamento, ver Jesus, ou entender o Novo Testamento e os Evangelhos da mesma forma. Como fomos capazes de perder verdades transcendentais e de sermos esmagados por nossas

limitações, abordagens superficiais e suposições? Começamos a entender o nosso Senhor e Salvador de maneiras novas e vivas: o Jesus que nunca chegamos a conhecer.

Na teologia, de forma geral, as crianças foram tudo — menos invisíveis. O ponto inicial da teologia deveria ser o ensinamento de Jesus: agindo, não apenas escutando, nascendo de novo e se tornando como criança. Há muito mais que "precisamos desaprender — toda a estrutura adulta, e os anos de enfado."

Igreja

Ao lado das mudanças no entendimento e no processo teológico, vieram novas visões da natureza da igreja. Por séculos, o que predominava entre as denominações na Europa eram as instituições que cultuavam em um prédio sob liderança masculina. Esse modelo chegou a um ponto de crise: há um declínio geral e crônico, especialmente entre as crianças e os jovens.

Existem outras maneiras de ser uma igreja? Anne Wilkinson-Hayes e Stuart Murray observaram exemplos de diferentes partes do mundo. E uma das descobertas foi que, em muitos casos, "as crianças são imprescindíveis no caminhar da igreja". Lembro-me da euforia e do sentimento de estar diante de uma grande descoberta, no último Cutting Edge, quando Stuart Christine falou sobre a mudança dramática em seu entendimento sobre a igreja quando ela viu crianças no centro do ministério, da vida e da adoração.

Precisamos redefinir o centro e as margens da igreja [...] que sempre se renova. E o centro é claramente definido nas Escrituras: viúvas, órfãos, estrangeiros e os "pequeninos".

Se quisermos estar na vanguarda da obra de Deus, temos um grande trabalho a fazer.

Sociedade

O chamado para mudar o mundo de acordo com os padrões do reino de Deus é nosso. Os cristãos não podem aceitar o *status quo* e devem ser sal e luz em todos os níveis: vivendo de uma maneira diferente, desafiando o mal, o poder e as tradições. A canção profética de Graham Kendrick: "Quem pode sondar as profundezas da dor no coração paternal de Deus?", poderia tornar-se um hino para aqueles de nós envolvidos com crianças em risco.

Cristãos que trabalham com crianças em risco precisam desafiar as preferências e os conceitos dos adultos e as influências do mercado que corrompem as crianças e a infância. O padrão e o entendimento das famílias e dos pais precisam ser repensados. Os cristãos devem se envolver, de forma pessoal e corporativa, em ações e políticas, com indivíduos e instituições, com ideologias e estruturas.

Obediência

Nós não escolhemos a Jesus; ele nos escolheu. Ele nos amou e se entregou por nós. Ele nos enche com o seu Espírito e nos guia para a sua missão. E, ao nos guiar para estar entre as crianças, Jesus nos confia o centro da sua missão e do seu reino. Ele nos adverte sobre o preço e o perigo e nos promete que, ao abrir o coração a uma criança, estamos recebendo a ele próprio.

Hoje temos um chamado maravilhoso para estar ao lado de crianças em risco e para remodelar o processo, a natureza e as estruturas da igreja, da missão e da sociedade. Do ponto de vista de Deus, se falharmos, não apenas as crianças continuarão a sofrer, mas também toda a sociedade. As crianças deixarão de ter seu verdadeiro lugar, e o próprio Jesus será mal interpretado e não reconhecido. Ele terá batido em vão à porta do nosso coração e da nossa comunidade. Porém, quando nós recebemos uma criança em seu nome, abrimos o coração a ele.

Para pensar

- 1. Em nosso trabalho com crianças, frequentemente as enxergamos mais como um problema e como uma questão difícil do que como crianças. Reflita sobre os desafios apresentados neste capítulo e discuta como você pode responder a eles.
- 2. Crie um grupo de discussão com seus colegas de trabalho ou companheiros de estudo e discuta como colocar as crianças no centro da missão. Tome nota das discussões como uma proposta para a sua entidade (ou organização).
- **3.** Escreva uma breve teologia da missão, reunindo o material bíblico e as reflexões contidas neste capítulo.

Keith J. White, casado, quatro filhos, é diretor da Mill Grove, organização inglesa que abriga crianças e adolescentes desde 1899. É fundador do Movimento Teologia da Criança e autor de, entre outros, A Place for Us e Children and Social Exclusion.

Deus na criança

CARLOS QUEIROZ

Minha comunidade de fé é um grupo de dezesseis ou dezessete crianças que vão à minha casa e lá me evangelizam e humanizam. Reúno-me com elas com a sensação de que me revelam a respeito de Deus muito mais do que eu posso ensiná-las sobre ele. Claro que não podemos correr o risco de transformar a criança num instrumento de revelação absoluta. Mas não posso omitir a ideia de que as crianças foram apresentadas por Jesus Cristo como prioridade no seu reino.

Temos uma cosmovisão formada e queremos falar às crianças condicionados às perspectivas e mentalidade dos adultos. Quem tem sensibilidade percebe a revelação de Deus na criança antes mesmo de qualquer construção doutrinária destinada a ela.

O Salmo 8 descreve a figura da criança sendo observada para exemplificar um tipo de louvor perfeito a Deus. Quando pensamos em perfeito louvor, pensamos em liturgia. Porém, esse Salmo menciona crianças que ainda não falam anunciando a glória de Deus. Nesse caso, a revelação é anterior ao texto. Se considerarmos que o texto bíblico construído a partir dessa imagem é revelação de Deus, não podemos desprezar a presença da criança que inspirou o texto. A criança é um projeto da encarnação, é a imagem e semelhança de Deus em seu modelo mais original. Mais do que os adultos, ela está marcada pelo "sopro de Deus" — o hálito impregnado na concepção da vida.

Ela aprende enquanto brinca. Nós aprendemos trabalhando, usando nossa racionalidade. A criança se preocupa mais com relacionamento, com a afetividade; ela interpreta cenários, fisionomias e depois expressa acolhimento ou rejeição. Nós fazemos leituras dos textos, e não das crianças. Nosso cristianismo tem espaço para

crianças quando as batiza (evidentemente, nos grupos cristãos que batizam crianças), o que na verdade é um espaço complicado para se falar sobre elas. Toda religião que se torna grande se torna racionalista, burocrática e litúrgica, e, consequentemente, marginaliza as classes populares, os pobres e, no caso, as crianças. Todavia, a fé cristã tem um espaço muito maior para a criança. Ela reconhece o Messias chutando a barriga da mãe (como fez João Batista no ventre de Isabel). Apenas Mateus em seu Evangelho diz que são as crianças que reconhecem Jesus como o Messias. O registro de Mateus não é litúrgico.

Uma questão hermenêutica

Por um lado, não podemos reduzir a criança a um mero tema. Por outro, não devemos considerá-la uma revelação absoluta de Deus. Seria o mesmo erro que achar que Deus está plenamente revelado em um livro, em uma nação ou em um segmento social qualquer. A criança não pode ser sacralizada, como, por exemplo, alguns segmentos da Teologia da Libertação fizeram com o pobre. Para alguns, Jesus passou a ser visto apenas como um pobre a mais que morreu injustiçado, que sofreu mais do que os outros.

Jesus em seu ensino sobre o reino de Deus toma a criança como modelo, como grande referencial de humildade, de pobreza de espírito, de confiança absoluta em Deus. Nesse sentido, devemos reconhecer a pureza das crianças, mas não podemos sacralizá-las. Não podemos deixar de reconhecer que algumas crianças agem com maldade, que há crianças precocemente agindo com as mesmas maldades dos adultos — ou seja — crianças não mais crianças. Ao mesmo tempo, reconhecemos que há adultos vivendo como crianças. Converteram-se ou tornaram-se como crianças, como desafia Jesus referindo-se à conversão ao reino de Deus.

Recomendo que a criança seja vista como uma das mais importantes mediações da revelação de Deus — não como revelação absoluta. Jesus foi a única revelação plena de Deus na história. Depois de Jesus, a criança e o pobre deveriam ser tomados como mediações prioritárias da revelação.

Vamos considerar uma questão hermenêutica. Dependendo do texto bíblico que estivermos analisando, a criança pode ser usada positiva ou negativamente. Por exemplo, quando Jesus toma uma criança e diz "Quem recebe uma destas crianças em meu nome, está me recebendo" (Mt 9.37), ele ilustra um tema. O tema não é a criança; é o reino de Deus e a humildade como condição de entrada no reino. Ele toma a criança como referencial para que se tenha humildade suficiente para entrar no reino de Deus. O tema é a "pobreza/humildade de espírito", o despojamento total, a confiança plena em Deus. Nesse texto a criança é um referencial exemplar.

No entanto, as crianças podem ser usadas negativamente para ilustrar a imaturidade humana. Paulo disse aos coríntios: "Eu não pude vos falar como a adultos, mas como a crianças" (1Co 3.1). Existe o perigo de interpretarmos uma analogia contida em um texto e perdemos a ideia presente anterior à analogia. Por exemplo: "Vós sois o sal da terra". Essa é uma figura muito rica. O sal serve para preservar a comida; então dizemos que o discípulo serve para preservar a sociedade. O sal serve para dar sabor; então o discípulo serve para dar sabor. Todavia, muito sal estraga a comida; então deveríamos dizer que muitos discípulos seriam um estrago para a sociedade? Isso não é verdade. Jesus estava falando sobre as virtudes e lança mão da figura do sal para comunicar sua ideia básica sobre elas. Na maioria das vezes perdemos a ideia e nos detemos em interpretar a figura. Pode acontecer o mesmo com a figura da criança. Por isso é sempre importante observar a intencionalidade da ideia quando usamos uma analogia, para não depreciarmos ou superestimarmos tal analogia.

No caso do texto de Mateus, presumo que superestimamos a criança porque Jesus está falando sobre o reino de Deus e sobre a humildade necessária para entrar nele. Ele então apresenta a criança como um grande referencial. Jesus, em outro momento, usa o exemplo de um samaritano para falar de uma boa atitude (Lc 10). Não podemos interpretar a analogia e concluir que todos os habitantes de Samaria são pessoas boas. Ou que todos precisamos nos tornar samaritanos. Jesus está dizendo que, independentemente de quem seja, se porventura estiver fazendo algo relevante para Deus e para a vida, este alguém deve ser imitado.

Olhando para textos bíblicos como Mateus 9.37 ou Mateus 25, acredito que Jesus quis nos ensinar que a criança, o pobre e o que está à margem da sociedade têm uma maior probabilidade da manifestação de Deus porque eles estão despojados de prestígio, de imagem pública, de conta bancária etc. Então, seja por condição interior, seja por condicionamento social e econômico, a criança, o pobre e os oprimidos nos sensibilizam a percebermos Deus. Nesse sentido, eles são uma manifestação mais próxima do ser humano, ou seja, quando vemos uma criança não vemos a posição, o poder, a conta bancária. Assim nos percebemos melhor diante desse espelho tão singelo.

Um desafio

O texto bíblico é o testemunho de uma revelação dada. A manifestação da palavra de Deus é anterior ao texto. Ou seja, Deus se revelou, depois alguém escreveu. Primeiro houve a revelação, depois houve o registro, a tentativa de decodificação da revelação. Este é o texto: "De crianças de peito arrancas perfeito louvor" (Sl 8.2). Antes do texto o narrador teve a experiência de olhar e perceber esse evento: "crianças de peito". Esse cenário de preservação da vida, doação maternal, revelou algo ao narrador, que percebeu e registrou. A revelação é anterior ao texto, ou seja, o texto é o testemunho de uma dada revelação.

Antes de registrar a experiência de Hagar com seu filho no deserto, alguém percebeu o evento: "Deus ouviu o choro da criança". Então a criança foi em si mesma a revelação. A percepção subjetiva, a percepção sensitiva, é anterior ao texto. O fato real revela Deus e alguém o registra. Moisés teve a experiência de falar com Deus no deserto. A experiência é anterior ao texto, que referenda a experiência, naturalmente. O acontecimento revelado o antecede. Quando nos referimos à criança, fazemos questão de afirmar que, em geral, os registros bíblicos são antecedidos pela criança em si mesma. Ela é uma forma de revelação. Sempre questiono se o prioritário é a criança ou o texto. Não tenho dúvida que a criança seja uma mediação da revelação de Deus. E isso fica claro quando Jesus põe a criança no colo e diz "quem recebe esta

criança, a mim me recebe, e quem me recebe, recebe o Pai que está no céu". Ele fala da atitude de acolhimento da criança e da criança como mensagem de Deus a todos nós. Tê-la como mediação teológica é buscar a descoberta de uma teologia da vida e com a vida. Como construir uma teologia a partir da vida?

A criança com saúde, repleta de energia, anuncia a vida; quando desnutrida, indefesa, sofrendo as consequências das injustiças dos adultos, ela denuncia a antivida. A dificuldade e o calvário causado sobre nossas crianças provocam em todos nós indignação, como revelação da ira de Deus. Nesse sentido, a história das crianças, o registro a respeito delas, seus sofrimentos, criam em todos nós uma indignação e um desejo de fazer a vontade de Deus. A realidade de sofrimento das crianças é muito evidente. Isto está nos denunciando o tempo todo. Até pessoas indiferentes a uma fé ritualista ou confessional conseguem, pela indignação, se mobilizar em favor das crianças injustiçadas ou vitimizadas por ações desumanas. As crianças vão sempre nos sensibilizar ou nos denunciar. Decodificar suas mensagens e responder pode nos aproximar do cumprimento da vontade de Deus em nossa vida.

A criança como projeto da criatura humana

"A criança, esse ser no começo da existência, representa o projeto da criatura humana em seu estágio mais original e puro. Usando a mesma linguagem sobre o sopro divino utilizada no livro de Gênesis, costumo afirmar que a criança recém-nascida está encharcada pelo gracioso hálito de Deus. Se não cuidamos bem desse contato com Deus, o tempo vai se encarregando de arrebatar de nossas entranhas o sabor virtuoso do bafo divino". Escrevi essa frase em um artigo na revista *Mãos Dadas*. Sinto que é isso que acontece comigo. Distancio-me enquanto me torno adulto e vou perdendo o bafo divino.

Também é exatamente o que acontece no Gênesis quando a coroa da criação deixa de ser criança. Quando eles começam a perceber a nudez. Quando surge a necessidade de poder para usurpar e oprimir e a necessidade de outras vestimentas para se representarem como adultos. Nesse sentido, a criança não é só uma idade

cronológica — pode ser um paradigma. Pode ser uma forma de ver a vida e uma forma de se perceber como ser humano. No Gênesis, eles agora não se percebem mais nus como as crianças. A ideia da nudez da criança é algo interessante. O fato de um adulto vê-la, dar banho, abraçá-la, não a inibe. (Claro que não me refiro aos aproveitadores, aos exploradores.) A criança, no seu estado de ingenuidade, de simplicidade, é a manifestação da pureza ou santidade original que vamos perdendo. (Que os naturalistas não me escutem!) A nudez é essa pureza mais profunda da criança.

Os três sábios do Oriente que foram em busca do Messias reconheceram no menino Jesus a mais plena revelação de Deus, sem que a criança tivesse feito qualquer milagre. Jesus não tinha feito nada de espetacular quando eles chegaram e o adoraram. Era apenas uma criança envolta em panos. Tem-se a manifestação da adoração da criança pelo simples olhar, ao ver o menino.

Porém, quando escrevemos sobre adoração, nos limitamos à liturgia. Quando Paulo diz "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional" (Rm 12.1), ele fala de culto enquanto pessoa e não de liturgia. Ele fala que somos um culto a Deus. Quando vivemos, andamos e trabalhamos, somos culto. Somos motivo de adoração. Quando andamos, conversamos, ou quando praticamos qualquer outra ação, devemos realizar um culto. A adoração acontece quando outros percebem Deus em seu testemunho. Adoração é manifestar Deus na vivência. A criança é, em si mesma, essa adoração permanente. Quando olhamos para o Salmo 8, por exemplo, vemos que a criança é também uma manifestação do perfeito louvor. Percebemos que há nela uma manifestação subjetiva, não litúrgica e não burocrática que adora a Deus e que diz quem ele é.

Jesus fez algo muito interessante, que me leva a perceber a adoração na "traquinagem das crianças". Refiro-me à entrada triunfal de Jesus montado em um jumentinho — coisa de menino travesso. Na traquinagem, as crianças percebem a manifestação de Deus. Isso é difícil em nossos tempos, cultos e liturgias. Os meninos

não têm chance de fazer traquinagem. Só crianças poderiam entender um rei vindo montado de jegue.

A mãe de João Batista, Isabel, "adora no chute". O menino estremece em seu ventre e ela adora a Deus. Essa é uma experiência muito maternal.

A criança é como um paradigma. Presumo que Jesus dividiu os seres humanos adultos em dois grupos: os que são crianças e os que não são. Assim, como as crianças propiciam mais alegria do que tristeza, mais vida do que morte, assim serão também os que se tornam crianças. Eles produzem mais alegria, mais justiça e mais vida do que morte. Para os demais, os não-crianças, na ótica de Jesus, a morte se avizinha, a maldade encontra ninho trazendo consigo tudo o que provoca dor e tristeza. Conforme nos distanciamos do ser criança, vamos perdendo a fragrância de Deus e nos aproximando da morte. Poderíamos denominar isso de envelhecimento precoce e voluntário. Felizes os homens e as mulheres que, recebendo uma criança, ou na convivência com ela, são outra vez invadidos pelo sopro divino, e voltam a desfrutar a vida no seu projeto mais original e singular. Por meio do testemunho de Jesus Cristo e por meio das crianças com quem convivemos ou a quem servimos, o Espírito Santo nos ensina mais a respeito de Deus.

Prestando atenção nas crianças

Meu pai era um homem rude, muito simples. Ele tinha um princípio de vida: "se eu me comunicar na igreja de tal maneira que as crianças entendam, os outros entenderão tudo". E ele fazia o possível. Um amigo meu, que pertencia a uma família muito resistente aos evangélicos, assistia aos cultos em nossa igreja, sentado na janela. Quando adulto, nos tempos da faculdade de medicina, me fez uma confissão: "Carlinhos, eu ia porque quando seu pai falava, eu entendia tudo. Quando era outra pessoa, eu não entendia nada". Meu pai tinha esse jeito de falar para que as crianças pudessem entender a mensagem, ou, melhor dizendo, suas histórias sobre o evangelho.

Pensando nisso, um dia pedi aos meus filhos, na época bem pequenos, que verificassem se eu tinha preparado minha pregação de forma que ela pudesse ser entendida por crianças. Eu iria pregar sobre o cego de Jericó. Bem na introdução, eu disse que o cego estava na entrada da cidade, com a latinha na mão, pedindo ajuda às pessoas. Então fui interrompido por meu filho: "Pai, não fala sobre isso não. Se você falar, vai passar vergonha". Eu perguntei o motivo. "Porque me lembro que um dia você fez compras na farmácia e o homem te deu o troco. Quando chegou no sinal, uma mulher se aproximou e pediu dinheiro. Você disse que não tinha, mas estava com sete notas de dez reais que eu vi no seu bolso. Se você desse uma, ia ficar com seis. Então não vai falar lá na igreja, porque eu vou dizer: 'pessoal, não acredita no que esse pastor está dizendo!'". Meus filhos pegaram pesado comigo.

Outra vez, Kelvinha, bem pequena, levou umas palmadas. Quando cheguei em casa, ela começou a chorar e disse: "Pai, a mãe me deu umas palmadas". Eu disse: "Se você fizer a mesma coisa, eu também vou lhe dar umas palmadas". Minha intenção era reafirmar o que a mãe tinha feito. Então o Carlos Filho, pequenino, disse: "Pai, vocês dois desse tamanho, de chinelo na mão contra a Kelvinha, tão pequena. Isso é muita covardia!".

Como ouvir mais as crianças? Como percebê-las? Naturalmente, tenho que discernir que provavelmente ele estava defendendo o espaço dele. No entanto, o que ele denunciava era verdade. Quando nos revestimos do poder institucional de pai, não respeitamos mais os filhos porque temos o poder. Mas a verdade é que mesmo que tenhamos autoridade, não temos o poder nas mãos. Precisamos aguçar os olhos e abrir o coração para perceber essa manifestação de Deus que está na vida da criança.

Triângulo da revelação

Podemos construir um triângulo da revelação: o texto, a comunidade de adultos e crianças e a produção coletiva. Não há teologia produzida individualmente. Ela deve ser o fruto de uma coletividade e da nossa realidade — à luz dos textos bíblicos. Há dois textos na Bíblia que me ajudam nisso. Lembram do momento em que uma

mulher é apanhada em adultério. Os acusadores trazem na mão um texto bíblico, mas naquela circunstância ele não era a resposta de Deus nem sua palavra. Era a letra que mata. Assim, temos o texto, temos Jesus que acolhe a mulher em sua comunidade e temos o contexto que Jesus observa. Ler o coração dos indivíduos, ler o que estão pensando, ler a perversidade, fez parte da hermenêutica de Jesus Cristo. Na interação desses três eixos, podemos encontrar a resposta da revelação.

No Pentecostes (At 2), vemos um fenômeno na comunidade. E o fenômeno não era — desculpem-me nós, os pentecostais — eles falarem e não entenderem, mas sim o contrário: eles falarem e todos entenderem. O fenômeno não é o mesmo da Torre de Babel, nem as experiências da comunidade em Corinto (1Co 12 e 14). A surpresa era: "Como nós estamos ouvindo em nossa própria língua mesmo sendo de etnias, dialetos e idiomas diferentes?". Vamos nos imaginar nesse contexto, com falantes de vários idiomas conversando sem necessidade de intérpretes. Houve uma curiosidade externa, que gerou a pergunta "o que isso significa?", e Pedro foi buscar o texto bíblico do profeta Joel. Houve a interação do texto bíblico com a comunidade. Diante das respostas de uma necessidade externa, manifestou-se a revelação. Arrependimento, conversão a Deus, presença do Espírito Santo, reconhecimento de que Jesus Cristo é o Salvador e Senhor sobre todas as coisas.

Na Teologia da Criança, vemos como perspectiva um paradigma, e não só a idade cronológica. Podemos pensar em adultos no sentido da formação orgânica e física, mas com a criança viva, plena e preservada dentro de si mesma — "quem não se tornar como uma criança, não pode herdar o reino de Deus".

Pecado

1. Meu pai ficou viúvo e casou-se pela segunda vez. Então nasci em uma família de catorze filhos. Ele era um pastor que se convertera na Assembleia de Deus. Quando eu queria fazer uma besteira, os mais velhos não deixavam. Quando eu estava com os mais novos, eles iam dizer ao meu pai. Quando cheguei aos 18 anos, comecei a trabalhar com jovens dependentes químicos. Eu e Nelinho, meu cunhado, fomos

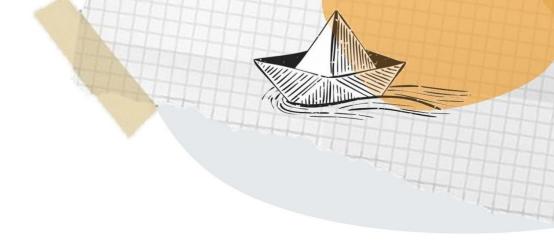
morar numa casa com os jovens. Quando contavam suas histórias, eu ficava me achando a pessoa mais santa do mundo, porque não tinha feito as besteiras que eles fizeram. Depois descobri que não tinha feito as mesmas coisas não porque não tinha o pecado em mim, mas porque nem meus irmãos, nem meu pai, nem a igreja deixavam. Aprendi a arrepender-me não somente das coisas que não pratiquei, mas também das coisas que potencialmente seria capaz de praticar.

2. Somos salvos pela graça de Deus. A criança é potencialmente vulnerável às suas práticas de pecado, mas não posso achar que uma criança com 1 ou 2 anos de idade tenha cometido pecado. Por isso fala-se de exploração sexual infanto-juvenil, ou seja, um adulto de fora explora a criança. A criança, nesse sentido, ainda não tem a capacidade de decidir sobre seu desejo. Não significa que ela não é um ser formado em pecado, por causa da queda, e que não precisa da salvação e da graça de Jesus. Reconheço que ela tem o pecado em sua natureza. Da mesma forma como o pobre não está salvo por ser pobre e o rico condenado por ser rico. Tanto um quanto o outro precisam da salvação. Mas é bíblico que os pobres são mais acolhedores e receptíveis ao evangelho do que os ricos. Não quer dizer que a criança é santa e plenamente pura. Precisamos tomar cuidado para não criarmos uma condição ou uma categoria absoluta dentro de certa faixa etária de nossa existência.

Jesus denomina de criança quem participa do seu reino — os pequeninos são as crianças, mas também os pequenos na sociedade — os "pobres de espírito" ou os considerados "menos gente" pela sociedade que avalia as pessoas pelo poder de consumo. Além de dizer que a criança é prioridade no reino de Deus, Jesus faz ilustrações para os discípulos que disputam os espaços de poder, tomando a criança como exemplo e modelo do seu reino. Se você quer saber se a igreja tem a maquete de um grande negócio, pergunte quantas crianças participam das atividades. Como elas não pagam a conta, são excluídas ou tidas como secundárias na empresa religiosa, que não se interessa pela criança como cliente.

No reino de Deus, a criança é agente do reino e protegida pelo rei.

Carlos Queiroz, casado, dois filhos, é pastor da Igreja de Cristo, em Fortaleza, CE. É diretor executivo da ONG Diaconia e autor de Ser É o Bastante — felicidade à luz do Sermão do Monte.



Parte 2

no olhar da teologia

A criança como tema transversal da teologia

HAROLD SEGURA

Estou sugerindo, como bobo da c²orte e como criança, que o estilo da teologia é o estilo do riso, não importa se ele brota de uma canção de roda ou da visão de um rei nu. O riso é o sacramento que faz as crianças e os palhaços andar de mãos dadas, mesmo que seus risos sejam diferentes.

Rubem Alves

De Lutero e outros reformadores

No dia 13 de junho de 1530, o reformador alemão Martinho Lutero — já próximo dos cinquenta anos de idade — escreveu uma carta a seu filho, Hänschen (Joãozinho), em que o exorta a estudar com diligência e a orar com assiduidade. Diz ele: "Gosto de ver como estudas muito e como oras fervorosamente. Continue assim, meu filho. Quando voltar para casa, trarei um presente bonito da feira para você".¹ Ele o seduz dizendo que, se orar, estudar e se comportar, o levará a um lugar onde possa brincar, jogar e tocar muitos instrumentos musicais.

Por algum tempo pensei que as referências à infância por parte dos nossos reformadores limitavam-se, como nesse caso de Lutero, a notas familiares ou breves observações homiléticas a parte de seus numerosos sermões. Contudo, não é assim. O frade de Wittenberg, por exemplo, preocupou-se com o ensino integral das crianças e apelou aos governantes alemães para que assumissem o compromisso público de

² Publicado originalmente em *Um Niño los Pastoreará* (Editorial Mundo Hispano, 2006). Reproduzido com permissão.

abrir e manter escolas cristãs. Ele disse isso num texto datado de 1524, intitulado: Aos conselhos de todas as cidades alemãs: do dever de criar e manter escolas cristãs. Esse documento é considerado o manifesto da escola pública alemã. Para Lutero, a nova burguesia alemã deveria aceitar sua responsabilidade de atender à problemática social da infância. Diz ele: "Todos os dias nascem crianças que infelizmente crescem entre nós sem que ninguém se ocupe delas em sua pobreza e as guie, ficando abandonadas à própria sorte", e depois pergunta: "Se os pais não o fazem, quem o fará? A tarefa ficará abandonada e as crianças, sem cuidados? Por acaso as autoridades municipais podem se desculpar, com o pretexto de que isso não lhes diz respeito?"²

Com esse mesmo sentido pastoral, Lutero escreveu uma carta dirigida aos pais, encorajando-os a enviar seus filhos à escola. Essas exortações eram necessárias em uma época em que muitas pessoas pensavam que a educação era perda de tempo e que era melhor manter os filhos em casa para trabalharem e aprenderem um ofício mais útil para a vida. "Lutero responde priorizando as necessidades e o bem-estar da comunidade em vez das demandas muitas vezes mesquinhas — e utilitárias — dos pais e das autoridades."³

Calvino e os demais reformadores clássicos também expressaram a mesma preocupação pastoral com a infância do seu tempo. Tomaram iniciativas — algumas bem corajosas para a sua época — voltadas para a educação das crianças e para sua proteção social. Calvino apoiou o estabelecimento de um sistema de escolas municipais para todas as crianças, com uma academia em Genebra como centro de instrução para os estudantes de mais destaque. Felipe Melanchton, um dos intelectuais mais eminentes da Reforma, delineou a relação entre a educação das crianças, a política e a cidade: "Em uma cidade bem organizada há necessidade de escolas onde as crianças, que são a sementeira da cidade, sejam instruídas; estamos redondamente enganados se achamos que, sem instrução, podemos obter uma virtude sólida".⁴

Com o que foi dito até agora é possível perceber que, para a maioria dos reformadores, a infância estava inserida em suas preocupações pastorais e políticas. Estavam convencidos, como nota o teólogo colombiano Francisco Reyes Archilla, "do valor estratégico" da infância "para consolidar a sociedade e o estado capitalista moderno". As novas igrejas decisivamente contribuíam para isso por meio da criação de escolas cristãs. A criação de escolas, a organização de igrejas e a fundação de orfanatos estavam no centro dessa estratégia. Isto quanto às suas ações pastorais.

Uma antiga herança teológica

Mas o que sabemos sobre a infância no escopo da atividade teológica formal dos nossos reformadores? A verdade é que, para eles, a infância era uma área de atenção pastoral (na qual é primordial), mas não tanto um tema de interesse teológico. Nem os pais da Reforma doutrinária, nem os da Reforma radical dedicaram qualquer capítulo de suas obras à infância. Quase sempre a referência às crianças era para debater a idade do seu batismo ou para determinar a capacidade da sua fé. Calvino, por exemplo, argumentou nos seguintes termos: "Se é razoável levar os pequeninos a Cristo, porque não podem também ser admitidos ao batismo, que é o sinal exterior pelo qual Jesus Cristo nos declara a comunhão e sociedade que temos com ele? Se o reino dos céus pertence a eles, como negar-lhes o sinal pelo qual se nos abre uma entrada na Igreja, para que, ingressando nela, sejamos declarados herdeiros do reino de Deus?". É Esses debates se tornaram mais intensos com o passar dos anos.

Enquanto Lutero cria que as crianças podiam ter fé, pelo menos substituta, em outras pessoas, e que podiam receber o batismo com base nessa fé, Martin Butzer, em Estrasburgo, ensinava que as crianças podiam ser batizadas na garantia de que seriam ensinadas nos caminhos do Senhor. Já Heinrich Bullinger, na Suíça, pensava que as crianças, por meio do batismo, eram incorporadas ao povo de Deus, assim como os judeus tinham sido por meio da circuncisão. Do lado do anabatismo nascente, Menno Simons não se deixou convencer por nenhum desses argumentos.

Menno observou que todos se esquivavam de trazer provas bíblicas para o batismo de inocentes; cada um seguia seu próprio critério. Tendo chegado ao fim de sua intensa busca sem encontrar provas que apoiassem o batismo de crianças na Palavra de Deus, Menno chegou à conclusão de que "todos estavam equivocados

nessa questão" — a Igreja Católica, os sacerdotes de Pingium, os pais da Igreja, os reformadores — e que somente o batismo baseado na confissão de fé era bíblico.⁷

Menno releu o que os pais da Igreja tinham ensinado a respeito do batismo infantil como meio eficaz para apagar o pecado original e concluiu que eles também estavam enganados.

Assim, entre os argumentos de uns e as opiniões de outros, transcorreram séculos de debates, em que às vezes as crianças eram incluídas, às vezes ficavam fora do reino dos céus; tudo dependia de seus vínculos com o pecado de Adão e Eva. Não eram as crianças que figuravam no centro dessas controvérsias, mas os grandes temas que ocuparam os teólogos por vários séculos. Eram debates abstratos — muitas vezes metafísicos — que serviam mais para acalmar as angústias filosóficas dos teólogos do que para solucionar as necessidades presentes e reais das crianças. Para a teologia, elas eram um tema indireto e secundário.

Da tangencialidade a transversalidade

Esse tratamento tangencial da infância é uma herança da teologia clássica, que continua caracterizando a teologia atual. O mesmo aconteceu com os pobres, as mulheres, os negros, os camponeses, e outros rostos "que ainda estão fora dos círculos acadêmicos e que significam a vida do povo". Aconteceu com os pobres até que a Teologia da Libertação resgatou a centralidade de seu locus theologicus (lugar teológico); com as mulheres, até que as teologias feministas levantaram sua voz; com os negros, até que surgiram as teologias afro-americanas; com os camponeses, até que foram reconhecidas as peculiaridades de sua teologia; com os índios até que surgiu a teologia indígena no final do século 20. No entanto, deve ser dito que, apesar de a teologia latino-americana ter feito grandes esforços para recuperar esses novos rostos da atividade teológica, ainda não articulou uma proposta a respeito do que poderia ser chamado de rosto infantil.

Deve ser reconhecido aqui o amplo e comprometido esforço feito pela Comunidade de Educação Teológica Ecumênica Latino-Americana/Caribenha (CETELA), em termos de descobrir os novos *rostos* e propor caminhos renovados para a tarefa educativa. No ano 2000, quando a CETELA convocou sua sexta jornada teológica, o tema foi "Abya-Yala e seus rostos. Formação Teológica e transversalidade". Naquela ocasião, reunidos em Cumbayá, no Equador, os participantes propuseram, entre outros objetivos, possibilitar um diálogo que levasse em conta a produção teológica dos "sujeitos emergentes". Esses sujeitos eram, no total, seis: o rosto negro, o rosto camponês, o rosto indígena, o rosto pentecostal, o rosto das instituições e os rostos feminino e masculino. Em Cumbayá falou-se do significado teológico dos diversos rostos, debateram-se as implicações transversais de cada um deles para o trabalho educativo e se estudaram alguns mecanismos pedagógicos para inserir esses rostos nos programas das instituições educativas. Como se pode observar, o alcance foi significativo.

A CETELA encarou com seriedade os desafios dos novos rostos e o enfoque transversal e foi pioneira nisso. Procurou-se discernir de que maneira esses "sujeitos emergentes" aprendem e elaboram sua própria teologia. Igualmente — e isso é muito revelador — foram propostos novos centros de formação, "que se deixem influenciar e possam recriar seus métodos e estratégias pedagógicas" até "serem capazes de modificar as formas sexistas, hierárquicas e racionais de ensinar". Em outras palavras, aceitar que os novos rostos provoquem uma transformação. As velhas formas da atividade teológica sexistas, hierárquicas e racionais precisam "dar lugar à lógica do coração, à reciprocidade que flexibiliza os papéis" entre o docente e o discente, "e a uma cultura institucional de equidade de gênero"."

O que vimos anteriormente representa uma evolução substancial na teologia latino-americana. Contudo, parece que ainda falta um rosto de igual valor e importância — o das crianças como sujeitos históricos reais e, portanto, referências primordiais da atividade teológica na América Latina e Caribe. A voz dos pequeninos também tem timbre. Poderíamos então começar a falar de uma teologia infantil e, com relação à educação teológica, da infância como eixo transversal do processo formativo.

A noção de transversalidade

A noção de transversalidade foi desenvolvida no começo da década de 1960 pelo ex-psiquiatra francês Félix Guattari (1930-1992), seguidor das chamadas teorias do caos, "ao tratar de questões ligadas à terapêutica institucional, propondo que ela substituísse a noção de transferência". Guattari, junto com seu colega Gilles Deleuze, "defendeu a transversalidade como um instrumento intelectual indispensável para contrapor o que chamou de 'paradigma arborescente' da estrutura do pensamento humano".

O conceito de *transversalidade* dos conteúdos curriculares foi introduzido nos debates educativos e políticos no final da década de 80 e início da década de 90, no âmbito das reformas efetuadas na Espanha e na Argentina (Lei Federal de Educação). Com este termo "se faz alusão ao alcance ou ao espaço que se quer que certos conteúdos tenham dentro da estrutura curricular de cada ciclo ou nível. Esses conteúdos são entendidos como eixos que atravessam de forma longitudinal e horizontal o currículo, de modo que, em torno deles, se articulam os temas das diferentes áreas de formação". Transversalidade é mais que interdisciplinaridade. É "uma nova forma de organização curricular", que recupera algumas das mais importantes propostas e ideias da pedagogia contemporânea e que busca, entre outras coisas, "facilitar a aprendizagem, considerando a adequação evolutiva dos conteúdos curriculares, sua significância e suas possíveis vias de transferência". Algo importante que busca também é "conectar o currículo com a vida e atender às atuais preocupações sociais".

Numa aproximação conceitual do termo, pode-se dizer que o dicionário descreve uma transversal como algo que atravessa de um lado a outro. Falar de transversalidade curricular é referir-se a uma estratégia de atuação docente que implica outra forma de entender e organizar a aprendizagem. O desafio da transversalidade está, nas palavras do espanhol Fernández Batanero, "na possibilidade histórica de confrontar a concepção compartimentalizada do saber que tem caracterizado" a educação nos últimos anos, e de começar a "formar indivíduos

autônomos e críticos, com um critério moral próprio, capazes de lidar com os problemas que a humanidade enfrenta hoje em dia".¹6 Para esse mesmo autor, a transversalidade é uma ponte que une o *conhecimento acadêmico* e a aprendizagem natural. O conhecimento acadêmico tem a característica de ser planejado, formal, sistemático e mais abstrato; a aprendizagem natural nem sempre é intencional, não é sistemática e é menos abstrata e formal. Em outras palavras, é a intenção de unir o *conhecimento acadêmico* (aprender a aprender) e o *conhecimento vital* (aprender a viver). A transversalidade "questiona o conjunto da tradição e da atividade educativa e sua discussão e aplicação tem outros pressupostos".¹7

Os chamados temas transversais, como gênero, meio ambiente, necessidades especiais, convivência urbana e paz, são conteúdos curriculares que têm, pelo menos, as seguintes características: refletem a preocupação com os temas sociais, ligam a escola com a vida, dão prioridade à formação de valores e permitem adotar uma perspectiva socialmente crítica e espiritualmente integral. A transversalidade procura, antes de qualquer coisa, a síntese entre a formação intelectual e a formação de capacidades afetivas, sociais, espirituais e éticas. Ao falar de transversalidade, portanto, não estamos nos referindo a novas disciplinas, nem a uma mera aprendizagem de técnicas e habilidades. Trata-se, principalmente, de um enfoque educativo cuja proposta é a transformação das pessoas, das instituições e da sociedade.

Anadía Pascual Morán, educadora porto-riquenha, referindo-se à transversalidade no campo da educação teológica, expressa por meio de interrogações os desafios que é preciso levar em conta na América Latina e no Caribe: Como alimentar o espírito de *transformação* institucional que possibilite uma cultura de transversalidade? Como superar as violências inseridas (transversais) nas próprias teorias, métodos, políticas e práticas educativas? Como resgatar, à luz das novas teorias e investigações sobre a natureza da sabedoria, a centralidade da "sabedoria do espírito" em nossas práticas educativas? E como assumir a sistematização da atividade teológica a partir das nossas afinidades e divergências?¹⁹

Transversalidade, o caminho da conversão

Em síntese, transversalidade "é uma mudança de direção, de perspectiva, de pressupostos metodológicos e de finalidades educativas". Por essa razão propomos as crianças como eixo transversal da educação teológica e a teologia infantil (haverá uma maneira melhor de denominá-la?) como novo rosto para ser levado em conta dentro do conjunto polifônico das diferentes vozes que se escutam em nossa América Latina e Caribe. Esse novo rosto nos convoca à conversão de nossas atitudes e à "congruência entre o pensar, o sentir e o fazer". Assim o entendeu Jesus quando pôs uma criança no meio dos seus discípulos e disse: "Eu afirmo a vocês que isto é verdade: se vocês não mudarem de vida e não ficarem iguais às crianças, nunca entrarão no reino do céu" (Mt 18.3, NTLH).

Estudemos com mais detalhes o contexto de Mateus 18.1-5 e vejamos o que o *rosto dos pequeninos* significa para nossa atividade teológica e para nossa vida de fé:

Naquele momento os discípulos chegaram perto de Jesus e perguntaram:

- Quem é o mais importante no reino do céu?

Jesus chamou uma criança, colocou-a na frente deles e disse:

- Eu afirmo a vocês que isto é verdade: se vocês não mudarem de vida e não ficarem iguais às crianças, nunca entrarão no reino do céu. A pessoa mais importante no reino do céu é aquela que se humilha e fica igual a esta criança. E aquele que, por ser meu seguidor, receber uma criança como esta estará recebendo a mim.

Tanto nessa como nas duas passagens paralelas (Mc 9.33-37; Lc 9.46-48), fica evidente a relação de Jesus com a infância. O Mestre inverte a escala qualificadora da religião de sua época, na qual os menores em termos legais, pequenos, insignificantes e fracos, são considerados por ele e usados como exemplo daquilo que Deus pede. A justiça, a integridade e o cumprimento da lei, que eram os parâmetros da fé judaica, são resumidos em uma só atitude: mudar e tornar-se como uma criança. Aqueles que,

por tradição e costume, tinham sido relegados a um papel de receptores passivos do processo educativo, agora são apresentados como agentes ativos e protagonistas surpreendentes desse processo. Os educandos passam a ser educadores, e o ingresso no reino depende de sua acolhida!

O cerne da lição está no fato de mostrar aos discípulos que a verdadeira grandeza se encontra na capacidade de reencontrar-se com a pequenez, porque "a pessoa mais importante no reino do céu é aquela que se humilha e fica igual a esta criança" (18.4). No texto, como já foi dito, Jesus inverte a hierarquia pedagógica, mas também "enlouquece" a ordem social quando formula que o maior é aquele que "se humilha e fica igual a esta criança". Enquanto Mateus insere o ensino sobre a verdadeira grandeza no "discurso eclesiástico" do capítulo 18, Lucas o situa em meio à polêmica interna dos discípulos sobre quem é o maior; além disso, Lucas apresenta a criança como "o mais humilde entre vocês" (Lc 9.48). Assim, no rosto da infância, nos encontramos não apenas com os pequenos em idade, mas também com todos os outros pequenos, desprovidos e excluídos do mundo. Nesse sentido, como nos diz um comentarista, "o discurso se amplia. As crianças se convertem em uma imagem de outra realidade, de outros membros da comunidade cristã que elas anunciam e simbolizam: os pequeninos".²²

O interesse dos discípulos era saber quem deles tinha melhores credenciais para ocupar o lugar principal no futuro reino. Jesus, como diz Armando Levoratti, "responde à pergunta dos discípulos não só com palavras, mas também com uma ação simbólica: chama uma criança e a põe no meio deles. Desse modo, o gesto e as palavras se iluminam reciprocamente. O reino de Deus não é uma realidade que se adquire pelas próprias forças; é um presente que se recebe com a simplicidade e a gratidão de uma criança".²³ Assim, a grandeza presente e futura no reino dos céus consiste em mudar e tornar-se criança. E isso exige uma conversão autêntica e profunda. Nisso consiste a transversalidade que propomos!

"Mudar e tornar-se criança" tem a ver, além da conversão dos nossos costumes, pensamentos, compromissos e atitudes, com a produção e formação teológica; em outras palavras, com uma *conversão da matriz epistêmica*, ²⁴ para usar os

termos do sociólogo francês Edgar Morin. Distanciando-nos de um quadro de conceitos adultocêntricos, patriarcais, dogmáticos e racionalistas, devemos nos encaminhar para novas formas de aceder ao conhecimento teológico. É oportuno, portanto, falar aqui de uma *conversão à infância* por parte dos paradigmas hermenêuticos e simbólicos da teologia. O apóstolo tem razão ao ensinar que, "para destruir o que o mundo pensa que é importante, Deus escolheu aquilo que o mundo despreza, acha humilde e diz que não tem valor. Isso quer dizer que ninguém pode ficar orgulhoso, pois sabe que está sendo visto por Deus" (1Co 1.28-29, NTLH).

Em vista do predomínio da ética teológica, Jürgen Moltmann defende que necessitamos de um ressurgimento do estético. Na teologia, diz ele, "ninguém se interessa pelas categorias estéticas. A fé perdeu a alegria [...]. Sua própria liberdade lhe parece inútil em um mundo onde tudo tem de ser útil e valioso. Tudo se converteu em ética, e assim fica paralisada a tradição teológica, tão rica em imagens e categorias estéticas". Voltarmos à infância pode ser um caminho apropriado para redescobrir o outro rosto de Deus. É quase certo que ele continua sendo menino e menina, continua entretido num jogo de amor solidário e rindo com a liberdade da esperança. Rubem Alves adverte que "o teólogo deveria trazer em sua palavra a marca do mundo dos jogos e dos risos" e acrescenta, em seu fino estilo de teólogo e poeta, que "as crianças e os bobos da corte são mensageiros do reino; brincadeiras e risos são mais divinos do que normalmente julgamos. Sacramentos de uma ordem por vir, aperitivos do reino de Deus. O teólogo fala como quem serve aperitivos. E este é o estilo..."²⁶

Novos rostos de Deus

A partir da infância, a teologia pode encontrar-se com os novos — apesar de eternos — rostos de Deus, pois, como diz Fernando Reyes Archila, "é na infância que vivem, como arquétipos, certos valores, sentimentos, formas de entender o mundo e de expressar-se" e, por isso, a infância "pode nos ajudar a recuperar dimensões humanas perdidas ou menosprezadas por nossas sociedades humanas". ²⁷ Também pode

ajudar-nos a recuperar dimensões bíblicas impensadas, e, por causa da teologia tradicional, certos rostos escondidos de Deus. Por exemplo, o Deus que brinca e que, em meio à alegria de suas risadas, reflete a grandeza da sua graça. O Deus mãe (Is 66.12-13), que amamenta seus filhos com amor e os libera da perspectiva patriarcal à qual a teologia tradicional os amarrou. O Deus pequenino, que faz aliança com os fracos e desmascara as ambições de poder dos mais fortes. O Deus terno que, com o cuidado de uma galinha, dá descanso aos seus pintinhos debaixo das suas asas (Lc 13.34). O Deus poeta, que revela seu rosto criativo e nos liberta dos excessos de racionalidade.

A infância como eixo transversal da nossa teologia tem a ver com isso e muito mais. É uma peregrinação para a conversão da nossa vida e das nossas instituições; é um convite para buscar novos caminhos metodológicos e epistemológicos; é um portão que possibilita novos compromissos com a obra missionária das igrejas. É, em resumo, uma aposta segura no "futuro da teologia". E se, como diz o espanhol Juan José Tamayo-Acosta, "o futuro da teologia depende em boa parte do futuro de Deus", e "o futuro de Deus está condicionado ao modo como a teologia o apresenta", ²⁸ então, a partir dessa ótica, a infância pode ser o agente que salva o futuro de Deus.

[Traduzido por Hans Udo Fuchs]

Harold Segura é pastor, teólogo e administrador de empresas. É colombiano e mora com a família em Costa Rica, onde trabalha como coordenador de relações eclesiásticas da Visão Mundial Internacional para a América Latina e Caribe. É casado e tem dois filhos.

A criança na teologia latino-americana

CARLOS CALDAS

A teologia cristã em geral não tem dado muita importância ao tema da criança. Seja a teologia oriental (produzida pelos cristãos nestorianos, pré-calcedonianos, bizantinos e uniatas), seja a teologia ocidental (produzida pelos romanos e pelos protestantes, sejam luteranos, anglicanos, reformados, anabatistas e, posteriormente, wesleyanos, e ainda mais recentemente, pentecostais e neo-pentecostais), os temas correlatos da criança e da infância não têm sido muito contemplados pela reflexão teológica. Normalmente, a organização eclesiástica, a liturgia e a produção teológica têm sido pensadas — e executadas — na perspectiva dos adultos.¹ Neste sentido, o cristianismo algumas vezes repete a antiga prática judaica de não considerar as crianças nem para efeitos estatísticos.²

No que diz respeito às igrejas evangélicas, percebe-se a partir do século 20 uma preocupação com a criança, porém, a partir de uma perspectiva que pode ser considerada utilitarista, ou seja, sua evangelização. Há pelo menos uma entidade paraeclesiástica destinada exclusivamente à evangelização de crianças. O objetivo deste capítulo não é criticar a teologia de um projeto evangelizador de crianças. Todavia, precisamos lembrar que, quando os evangélicos evangelizam as crianças estão imitando, conscientemente ou não, o projeto missionário jesuíta do século 16. O jesuíta espanhol Francisco Xavier (1506-1552), missionário em vários países do Oriente, iniciou uma atividade evangelizadora com crianças. Na Índia, especificamente em Goa, Xavier, diante da resistência dos adultos, se dirigiu especificamente às crianças. Em carta a um colega de trabalho missionário, escreveu:

Recomendo sinceramente a você o ensino de crianças, e seja muito diligente quanto ao batismo de recém-nascidos. Já que os adultos não aspiram ao Paraíso, seja para escapar aos males da vida ou para alcançar a felicidade, pelo menos permitamos que os pequeninos vão para lá, batizando-os antes que morram.⁴

Os missionários jesuítas usaram a mesma ênfase trabalhando na América Latina (no Brasil e na América Espanhola) com crianças indígenas. Séculos depois, igrejas protestantes evangélicas tradicionais (como por exemplo, a presbiteriana) iniciaram trabalhos de evangelização, muitas vezes em bairros periféricos das cidades onde estão instaladas, com atividades em tardes de sábado ou domingo voltadas específica e exclusivamente para crianças. O objetivo dessas atividades era iniciar (ou "plantar") uma nova igreja. A justificativa era que "crianças são mais fáceis para se converter que adultos". A prática mostra que, em termos de metodologia missionária, agir dessa maneira é um tanto contraproducente. Além disso, não há em Atos dos Apóstolos nem em qualquer das epístolas neotestamentárias referência a igrejas plantadas a partir da evangelização de crianças. Porém, o propósito aqui não é trabalhar nem a soteriologia a partir da perspectiva da criança nem metodologias missionárias que veem a criança de modo inteiramente passivo, apenas como um "alvo" ou um "objeto" a ser alcançado. Todavia, é estranho (e sintomático) que os grupos cristãos que consideram a criança apenas na perspectiva da necessidade que ela tem de ser evangelizada não trabalhem teologicamente com seriedade e profundidade textos como Mateus 18.1-5, 19.13-15 e 21.14-16. Pensar o valor e a importância da criança para a teologia continua sendo um desafio inadiável para o cristianismo. Por isso, o objetivo deste capítulo é verificar o lugar que tem sido dado ou não — à criança na reflexão teológica produzida especificamente na América Latina.

Antes, é preciso explicitar o que se tem em mente por "teologia latino-americana". Uma definição simples (não necessariamente simplista) apontaria para o fato de ser apenas a teologia produzida na América Latina. O problema é que

o cristianismo no continente latino-americano tem produzido diferentes modalidades de reflexão teológica, sendo as principais — mas não as únicas — a teologia evangelical e a Teologia da Libertação. Como estas correntes teológicas latino-americanas têm pensado a criança?

O lugar da criança na reflexão da Teologia da Libertação latino-americana

Como se sabe, a Teologia da Libertação (TL) latino-americana tem priorizado o pobre e o oprimido como sujeito da reflexão teológica. A partir do uso do marxismo como sua principal ferramenta teórica auxiliar, a TL tem deliberadamente procurado ser "a voz dos que não têm voz". Daí a ênfase na já proverbial "opção preferencial" de Deus pelos pobres, expressão popularizada pelas Conferências do Episcopado Americano em Medellín (Colômbia), em 1968, e em Puebla (México), em 1979. A ênfase na "opção preferencial" foi fortalecida pela "leitura bíblica popular", praticada nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que pretendiam ser "uma maneira de ser igreja". De fato, no contexto católico-romano, as CEBs são uma proposta eclesiológica totalmente diferente, por ser centrada no povo – o "leigo" – e não na figura do bispo, que efetivamente é a espinha dorsal do sistema de administração eclesiástica monárquico romano.⁵ A leitura bíblica popular, cuja principal referência no Brasil é o biblista Carlos Mesters, privilegiou o método da "leitura dos quatro lados", de visível influência sociológica, que procura destacar em cada texto bíblico os lados econômico, político, social e ideológico.⁶ Com sua postura de ver na história bíblica paradigmas da luta por justiça na sociedade, e utilizando uma hermenêutica própria, a TL favoreceu toda uma renovação dos estudos bíblicos. Neste sentido, já se afirmou que a TL, embora seja uma "teologia", devido à preocupação com questões de injustiça e opressão, é na verdade uma ética. Vertentes da TL têm procurado aplicar esse princípio teórico-metodológico a situações bem concretas e específicas. Essas aplicações, verdadeiros afluentes do grande caudal da teologia libertacionista, têm pensado a teologia não mais exatamente a partir do pobre, mas a partir de outras

experiências sociais ou existenciais entendidas como vítimas de opressão. Como exemplos é possível citar uma vertente da teologia feminista,⁷ a teologia negra dos Estados Unidos⁸ e ainda algumas versões do que tem sido chamado de ecoteologia.⁹

Uma curiosa contradição surge: a escola de pensamento teológico que pretende ser a voz dos que não têm voz não tem dado muita importância ao tema da criança. Quem tem menos voz que a criança nas igrejas e na sociedade em geral? A contradição da TL em não lidar com o tema da criança talvez seja explicada pelo seu já citado uso do marxismo. O marxismo clássico tem seu centro no conceito de luta de classes. Porém, para que a luta de classes — entendida como o poder que move a história — aconteça, é preciso que o proletariado tenha consciência de sua situação e use sua força para realizar a revolução. Nesse sentido, que proveito terá a criança em tal situação? Que "força" ela tem? Não é de se admirar que acabe por ser virtualmente ignorada. Crianças não fazem revolução. Não é coincidência que a TL dê pouca atenção ao tema da criança em sua reflexão.

Todavia, há exceções. Uma delas é Milton Schwantes, biblista luterano brasileiro que tem popularizado uma abordagem dos estudos bíblicos com influência de uma hermenêutica libertacionista. Em seus artigos acadêmicos ele procura resgatar o lugar e a importância da criança. Francisco Reyes Archila, biblista equatoriano, publicou em 1997 um artigo intitulado Y al entrar en la casa, vieron al niño: un acercamiento al evangelio de Mateo a partir de los niños. Ele procura explicitamente trabalhar o que denomina "hermenêutica infantil", denunciando o fato de que a maioria dos comentadores (libertacionistas ou não) desconsidera a importância da criança na compreensão do Evangelho de Mateus e do conceito messiânico de Jesus.

É provável que haja outras publicações, acadêmicas ou pastorais, de influência teológica libertacionista, que tratem do tema da criança. Contudo, esse tema não tem sido muito destacado nessa escola de pensamento teológico.

O lugar da criança na reflexão da teologia evangelical latino-americana

Outra corrente de pensamento que tem seu lugar na história do pensamento teológico na América Latina é o evangelicalismo. Mesmo não sendo originalmente latino-americano (é britânico em sua origem), o evangelicalismo, particularmente a vertente conhecida como radical (ou progressista), teve (e continua a ter) ampla repercussão e produção na América Latina. Essa vertente do evangelicalismo compartilha com as demais vertentes evangelicais um núcleo comum, que inclui a centralidade da Bíblia, a centralidade da doutrina da expiação e, a partir daí, a necessidade da experiência de conversão e de um ativismo evangelizador. O fator que vai diferenciar o evangelicalismo radical é sua compreensão da necessidade radical do envolvimento efetivo da igreja em questões de natureza social e talvez até política. Por isso o evangelicalismo radical tem sido chamado de "esquerda do evangelicalismo"!¹¹ Teólogos latino-americanos identificados com o evangelicalismo radical (dos quais os mais conhecidos são o equatoriano René Padilla, o peruano Samuel Escobar e o já falecido porto-riquenho Orlando Costas) têm contribuído para que igrejas e instituições de ensino teológico fechados em sua compreensão da missão da igreja no mundo possam ampliar a compreensão da missão, o que forçosamente inclui assumir questões sociais. Em outras palavras, a missão da igreja não pode se reduzir apenas a um discurso. Antes, há que encarnar o amor de Deus, denunciar a violência e a injustiça e apontar caminhos para a defesa e o auxílio aos que precisam. Tudo sem abrir mão do conteúdo cristocêntrico da mensagem do evangelho, que fala a respeito da necessidade da submissão a Jesus Cristo Senhor e Salvador. Trata-se da famosa "teologia da missão integral", que se tornou a marca registrada do evangelicalismo radical latino-americano. É sem dúvida uma contribuição importante, que não deve ser minimizada ou desprezada. Ainda que o tema da criança não tenha sido muito explorado pelos teólogos latino-americanos da missão integral, não chega a ser um assunto ausente. O periódico *Iglesia y Misión*, publicado pela Fundación Kairós (Buenos Aires), tem sido o principal veículo divulgador da teologia evangelical radical latino-americana. Nos últimos anos alguns artigos têm sido publicados explicitando a preocupação evangelical radical com a criança. René Padilla escreveu um lúcido artigo intitulado El legado misionero del segundo milenio al tercero: "los niños en riesgo". 12 Nesse artigo ele aponta para a situação terrível em que vivem milhões de crianças em todo o mundo, especialmente nas regiões mais carentes da África, Ásia e América Latina. Eduardo Ramírez publicou no periódico citado um artigo em que menciona dados da UNICEF (1999) que indicavam haver 250 milhões de pessoas com menos de 20 anos em toda a América Latina. Ele aponta os problemas que grande parte desta população infanto-juvenil enfrenta e conclama a igreja a assumir a missão integral também com as crianças.¹³ No artigo denominado Niños en riesgo: un reto para la iglesia, 14 a autora Katharine Miles também cita dados estatísticos da UNICEF e, a partir de um estudo bíblico, indica o trabalho da Rede Viva, entidade evangélica que trabalha especificamente com crianças em situação de risco. Outro autor, César Parra, produziu um artigo cujo próprio título aponta para o papel que a igreja em missão deve ter para com as crianças: ¿Defiende la Iglesia los derechos de los niños?¹⁵ Outro texto sobre esse assunto tem um título provocante: La opción preferencial de Dios por los niños. ¹⁶ Dario Lopez, seu autor, parafraseia a famosa frase da Teologia da Libertação ("opção preferencial pelos pobres") aplicando-a, evidentemente, à situação das crianças. Ele afirma:

Jesus morreu por elas [as crianças] na cruz. Portanto, a mensagem libertadora do reino de Deus também é para as crianças. Dessa maneira, a igreja deve ter, como parte inegociável de sua prática missionária cotidiana, um real interesse pelas crianças e sua problemática. Só assim deixaremos de lado nosso discurso e boas intenções, para nos envolvermos ativamente em um ministério integral que tenha como horizonte a defesa da vida e a dignidade humana das crianças. Estamos dispostos a correr o risco de levantar a voz por aqueles que não têm voz em nossa sociedade?¹⁷

* * *

A população infanto-juvenil da América Latina é muito numerosa. Hoje já são mais de 250 milhões de jovens com menos de 20 anos. Porém, a América Latina, continente cristão praticamente por definição, ainda não tem dado muita importância à reflexão teológica sobre a criança, que na maioria das vezes é vista apenas de modo utilitarista, quase como um objeto a ser alcançado. Teólogos da libertação, por motivo já apresentado, têm pensado pouco sobre a criança. A teologia evangelical radical produzida no mundo hispano-americano demonstra ter uma sensibilidade a esse tema inegavelmente importante. Porém, a teologia evangelical brasileira parece não ter despertado para a relevância de pensar a criança teologicamente. Que este livro seja o primeiro passo rumo a uma mudança neste quadro, seja no que tange à reflexão teológica, seja no que diz respeito ao cuidado que os seguidores de Jesus Cristo na América Latina precisam ter.

Carlos Caldas é doutor em ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo. É membro da Fraternidade Teológica Latino-Americana — Setor Brasil e leciona na Escola Superior de Teologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo.

A melhor parte da vida humana

Entrevista com ARIOVALDO RAMOS

A criança pode fazer teologia?

Quando a criança aprende dos pais sobre Deus, ela processa na mente o que aprendeu. Esse processo já é teologia. Todo mundo faz teologia. O que diferencia os "teólogos profissionais" dos demais é que eles têm o pensar em Deus como sua principal atividade, fizeram disso uma ciência. Porém, a teologia, em seu mais objetivo significado, pode ser feita por qualquer pessoa.

Qual a contribuição da teologia para pessoas que trabalham com crianças em situação de risco social?

Primeiramente, a criança foi reconhecida por Jesus Cristo como a melhor parte da humanidade. Quando lhe perguntaram quem era o maior no reino, ele chamou uma criança. Quando lhe perguntaram como era possível entrar no reino, ele fez o mesmo. Disse que o maior é quem for como uma criança e que quem quiser entrar no reino tem de se tornar um pequenino. A criança concentra a maioria das virtudes que Deus gostaria que emanassem da humanidade.

Assim, precisamos encontrar nela o que há de melhor e trabalhar para que ela cresça sem perder a abertura de coração, a capacidade de perdoar e de fazer amizade, de reconhecer no outro um ser igual, independentemente da origem e da cor da pele. Se colocarmos duas crianças juntas, não importa se elas têm a cor da pele, os olhos ou o cabelo diferentes, cinco minutos depois não saberemos mais diferenciá-las, pois estarão correndo juntas, jogando bola e brincando. Devemos cuidar para que isso nunca se perca.

É na criança que a humanidade concentra o melhor daquilo que a graça comum tem lhe emprestado na tentativa de dar tempo para a nossa reversão, para a nossa salvação. Os valores que aparecem na criança são os que Deus deseja resgatar no ser humano.

É preciso reconhecer que a igreja evangélica não tem dado o devido lugar à criança. Muitos programas para crianças na verdade são uma forma de elas não "atrapalharem" os adultos. Elas são postas num canto, porque, afinal, quem vai prestar culto a Deus são os adultos. Quem pensa dessa forma não compreende que o verdadeiro louvor vem da boca de pequeninos. Portanto, em vez de apartar as crianças, deveríamos ficar de joelhos e aprender com elas.

Devemos adorar a Deus e reconhecer que ele é a maior realidade do universo. A melhor coisa que existe no mundo é sua vontade; portanto, se reconhecemos Deus e seu amor, também entendemos que louvá-lo e reconhecê-lo é a melhor maneira de viver. E a Bíblia afirma que quem melhor faz isso são as crianças. Das crianças de peito e dos pequeninos, Deus suscita o louvor perfeito. Então aprendamos com elas. Como falam com Deus? Como louvam? Como cantam? Como riem quando ouvem sobre Deus, sobre a história de Jesus? Como se identificam com ele?

A partir dessa perspectiva, devemos nos esforçar não apenas para ensinar as crianças, mas também para aprender com elas. Jesus as colocou como exemplo e por isso elas são nossa melhor fonte para entender o que Deus quer.

Existem duas direções na teologia com a criança. Uma (talvez a mais comum no Brasil) é usar a teologia para ensinar a criança; a outra é ter a criança como fonte de reflexão teológica. Há espaço para ambas?

Sim, embora a segunda seja mais urgente. Nós desenvolvemos muitas técnicas de ensino de crianças. Muitas delas trabalham a partir de pesquisadores não-cristãos que elaboraram teses sobre a criança. Temos de ter a coragem de elaborar uma nova tese. Precisamos transformar o que muitos — inclusive pesquisadores — chamam de fragilidade infantil e entender que é nessa fragilidade que está a força. Nessa

capacidade de perdoar facilmente, de pedir ajuda, de chorar ao sentir dor, de correr atrás da mãe ao levar um tombo, de reconhecer sua fraqueza e medo, de confessar que teme o que não entende e o que não conhece, de reconhecer que precisa de ajuda e de proteção. O que durante séculos tem sido entendido como uma fraqueza deve ser resgatado e compreendido — nisso está a força e a profunda realidade. As crianças não têm ilusões sobre si mesmas. Sabem que precisam de ajuda, que têm medo do escuro. Sabem que o desconhecido pode ser uma ameaça e que precisam de segurança.

Ao mesmo tempo em que a criança tem medo, reconhece que o mundo não tem resposta para tudo.

Exatamente. Esse medo, no entanto, é compensado pela curiosidade, pelo desejo de conhecer e experimentar. Para a criança, não basta ter a informação — é preciso experimentar. Assim, ela leva tudo à boca, porque quer saber que gosto tem. Se uma criança souber que há um gato dentro do armário, ela vai querer vê-lo e tocá-lo. Se tivéssemos resgatado a criança, não teríamos caído, por exemplo, na frieza do cartesianismo (a razão é o primado da verdade). Segundo René Descartes, verdade é aquilo que a razão é capaz de entender e descrever. Isso reduziu o mundo a um código de informações. Assim, alguém é capaz de dizer tudo sobre a laranja sem ter saboreado uma. Isso é inconcebível para uma criança. Você nunca a ouvirá dizer tudo sobre a laranja — ela quer experimentá-la. O que interessa é se a laranja é azeda ou doce, se é boa ou ruim e se faz bem ou não. Até Deus deve ser experimentado. Essa é a crítica que James Houston faz, por exemplo, à psicanálise, em que alguém é capaz de dissecar o ser humano sem lhe dar um abraço, de dizer-lhe o que está certo ou errado sem ter chorado com ele.

E o que faremos com a teologia?

A teologia fundamentalista, sem alma, também transforma a Bíblia num manual. E isso é prescindir do Espírito Santo. Gosto de ler os manuais de tudo o que compro. O princípio do manual é que ele dispensa seu autor. Não posso ligar para o responsável pela *Palm* pedindo orientações.

A Bíblia não é um manual — ela é a espada do Espírito Santo. Não se pode trabalhar as Escrituras Sagradas sem o apoio do Espírito Santo, pois é ele quem revela sua mensagem. Ele a traduz em nosso coração, transforma suas palavras em vida e nos faz perceber sua relevância e significado para o dia de hoje. O fundamentalismo transformou a Bíblia num manual, incorrendo no erro iluminista, cartesiano.

Tornou-se uma fórmula...

Sim. A razão humana disseca o manual, e ele prescinde de Deus. Certo pastor estava viajando para fazer uma pregação. Durante a viagem, uma lufada de vento fez as anotações do sermão voarem pela janela aberta do carro sem ele perceber. Ao chegar à igreja, o pastor percebeu que as anotações tinham se perdido no caminho e disse: "Irmãos, lamentavelmente meu sermão voou pela janela do carro. Por isso, hoje vamos ter de depender do Espírito Santo. Mas prometo que é a última vez". Isso não pode acontecer.

Não podemos dizer que a Bíblia é um livro ininteligível. Foi escrita por pessoas inspiradas, porém pensantes. Não se trata de psicografia. Os autores escreveram no calor da vida, com sangue, suor e lágrimas. Não ouviram um ditado de Deus, em transe. O Espírito Santo os conduziu nesse processo inspirando e revelando a mensagem. No entanto, isso nasce da vida, do relacionamento com Deus. A Bíblia, embora seja absolutamente inteligível, é um livro em cuja leitura o Espírito Santo não pode ser dispensado.

O que o agente social que tem a Bíblia pode fazer pra melhorar o pensar teológico em relação à criança?

Primeiro, ele tem de desconstruir a imagem de criança que tem sido passada. Não pode se aproximar da criança como se ela fosse um ser ignorante que precisa ser ensinado. Ele tem de chegar até ela com este pensamento: "Este ser é cheio de graça e de sabedoria, porém uma sabedoria instintiva. Tenho de aparelhá-lo de modo que ele tenha cada dia mais consciência dessa sabedoria e cresça sem perdê-la".

Segundo, ele precisa deixar a criança participar mais. Suscitemos esse louvor que a Bíblia diz que sai da boca dos pequeninos. Deixemos as crianças falarem de Deus. Em vez de doutriná-las *a priori*, deixemos que elas falem de Deus e depois rearranjemos suas falas nas lacunas que ainda existem. Entremos em contato com a criança sabendo que, instintivamente, ela sabe que dela sai o perfeito louvor. Façamos perguntas como: "O que você acha de Jesus? E de Deus? Como você entende isso? O que você diria a Jesus se estivesse na manjedoura com ele? O que Deus pensa sobre o tipo de vida que você leva?". Esse é um conselho importante, principalmente para quem trabalha com crianças pobres. "O que você acha que Deus gostaria que acontecesse dentro de você?"

Devemos deixar as crianças falarem mais e evitar transmitir um pacote pronto que sufoque a relação instintiva e intuitiva da criança com Deus. Assim, a criança será o que os adultos querem que ela seja e falará de Deus como eles querem que fale.

O mercado tem optado pelas crianças. Grande parte da propaganda hoje foca os pequeninos. Livrá-los das garras do mercado é a grande missão do cristão envolvido com o ensino infantil. Ele não deve permitir que o mercado transforme as crianças apenas em consumistas. Tem de ajudá-las a criar, inventar e construir seus próprios brinquedos e formas de brincar. Deixemos as crianças interpretarem as Escrituras, representarem as cenas bíblicas à sua maneira.

A criança aprende brincando. Portanto, devemos brincar com ela em vez de criar um ambiente adulto para elas. Antes de me casar, tive de fazer um curso em Costa Rica sobre trabalho com adolescentes. Um missionário que era professor na área de recreação e lazer disse algo que marcou a minha vida e o meu relacionamento com minhas filhas: "Se você realmente quiser ensinar algo a seus filhos, brinque com eles".

Ensinei sobre Deus e as verdades mais profundas (ética, justiça, partilha) enquanto brincava com minhas filhas. No meio de uma brincadeira, quando uma tinha dificuldade de entender que a outra havia se saído melhor, eu falava sobre alegrar-se na vitória do outro, sobre aprender com a aparente derrota. Quando queriam mudar as regras no meio do jogo, eu dizia: "Agora precisamos terminar esse jogo. Nós estabelecemos as regras; então vamos até o fim com elas. Quando terminarmos esse jogo e quisermos jogar outro, poderemos pensar em outras regras".

Aproveitei para ensinar enquanto minhas filhas andavam de cavalinho em cima de mim. Nessa atmosfera, muito do caráter delas foi construído.

Deixemos as crianças falarem com Deus do jeito delas. Acreditemos que Deus as considera o máximo. Nós adultos não conseguimos mais crer como uma criança. Não conseguimos nos jogar nos braços de Deus como uma criança o faz. Então aprendamos sobre fé, confiança e dependência com elas. Desconstruamos esse estereótipo que "mata" as crianças, que as força a serem adultas antes do tempo e impede que sejam a grande revelação do Deus que gosta de abraço, de aconchego; que sabe que só entendemos uma pessoa quando conseguimos abraçá-la e chorar com ela. A criança age assim quando os adultos não a estragam.

Em Mateus 18, Jesus não diz apenas que as crianças são o principal no reino de Deus e que quem quiser entrar nele tem de se tornar como elas. Afirma também que quem desviar uma criança deve preferir cometer suicídio. Melhor é se matar que desviar a criança da sua simplicidade, do seu relacionamento com Deus.

Na parábola da ovelha perdida, Jesus pergunta: "Qual é o pastor que, tendo cem ovelhas e perdendo uma, não deixa as noventa e nove nos montes e vai procurar a ovelha perdida?". A resposta é: "Nenhum". Ninguém faria isso, pois seria uma loucura. Jesus está dizendo que a criança é tão importante que, se precisarmos fazer uma loucura para salvá-la, façamos. Se tivermos de mudar a economia, mudemos. Se tivermos de transformar a política, transformemos. Façamos o que tivermos de fazer, pois a criança é o que há de melhor no ser humano.

Enquanto Deus mantiver a fertilidade feminina, haverá esperança para a humanidade. Uma criança vai ressurgir e nos libertar. Todas as vezes que vemos uma

mulher grávida, é como se Deus estivesse dizendo: "Valeu a pena investir na humanidade. Eu ainda mantenho na mulher o espírito da maternidade, o desejo de ser mãe". Enquanto esse desejo resistir nelas, Deus ainda investirá na humanidade.

Perdemos isso, pois lemos a Bíblia de uma forma tola. Empobrecemos o que a Bíblia diz. Talvez por isso Satanás tenha feito da mulher o alvo da sua vingança. Conquistou os homens, para se transformarem no terror das mulheres em todas as raças e culturas, e até mesmo dentro do cristianismo. Agem assim sem entender que é nelas que está a esperança.

Nossa única esperança no primeiro grande juízo foi que Deus reinventou a maternidade e deu um novo significado à criança. Não encontramos isso nos manuais teológicos nem nas revistas de escola dominical. Porém, consta na Bíblia há mais de cinco mil anos, nos textos de Moisés, no primeiro capítulo, no começo da humanidade. É o chamado "protoevangelho". Não enxergamos essa verdade porque enxergamos como adultos, e não como crianças.

Não esperamos a chegada de uma criança, mas sim do grande Salvador. Entretanto, Deus profetizou uma criança — Isaías retoma isso posteriormente —, semente da mulher, que vai esmagar a cabeça da serpente. O Senhor vai triunfar sobre o pecado, derrotar o espírito maligno. Então, se aqueles que trabalham com crianças conseguirem recuperar essa verdade, quem sabe a fé cristã será o grande motor de transformação nesta última parte da história da humanidade?

Precisamos recuperar a capacidade de ressignificar o cristianismo. E a criança é a estrada pela qual chegaremos lá.

Ariovaldo Ramos é missionário da SEPAL — Servindo aos Pastores e Líderes, e pastor na Comunidade Cristã Reformada e na Igreja Batista de Água Branca, ambas em São Paulo.

Teologia da Criança

Uma reflexão a partir do continente africano

JAN GROBBELAAR

Como toda teologia, a Teologia da Criança é uma atividade hermenêutica. O diferencial nela é que as crianças se tornaram a chave ou lente interpretativa.

As crianças que usamos como lente na Teologia da Criança não deveriam tornar-se uma abstração geral da infância ou crianças sem um contexto definitivo. Se assim fosse, a Teologia da Criança se tornaria uma "teologia de cima", sem relevância para as realidades concretas da vida diária dessas crianças e consequentemente infiel à natureza da Teologia da Libertação como uma "teologia de baixo". É importante que a criança posta no meio dos adultos seja uma criança real, oriunda de um contexto de vida. Para ser fiel à natureza da Teologia da Criança, as crianças postas no mundo dos adultos no continente africano só podem ser as crianças da África e do contexto no qual estão vivendo suas vidas cotidianas.

Uma perspectiva africana

Não é fácil descrever uma típica criança africana em termos gerais. Na verdade, a noção de "criança africana" é muito simplista. A África é um continente de crianças. Na África subsaariana, 44% da população está abaixo dos 15 anos de idade — é a região mais jovem do mundo. Além disso, a África é um continente diversificado, com 53 países e mais de 3 mil grupos étnico-linguísticos. Eles não têm os mesmos sistemas de valores nem as mesmas opiniões sobre crianças e a infância. Como diz um provérbio africano, "todo país tem sua maneira de temperar um frango". Isso

quer dizer que pessoas de países diferentes fazem as coisas de modo distinto, assim como pessoas em cidades ou localidades diferentes matam e temperam frangos de maneiras diferentes. As crianças da África, portanto, estão crescendo em contextos muito diversos.

O que torna a tarefa mais difícil é o fato de, em geral, elas serem de muitas maneiras marginalizadas pela teologia. Como parte da motivação para escrever um livro sobre casamento e vida em família, o teólogo Adrian Thatcher faz uma declaração enfática sobre essa situação:

Escritos anteriores têm exigido que eu me familiarize com uma literatura teológica particular, mas fico chocado com a falta de atenção que essa literatura dá às crianças. Com notáveis exceções, tal acusação inclui todas as formas, escolas e correntes teológicas, passadas e presentes, teóricas e práticas. Ao compararmos com o ensino de Jesus sobre crianças, a diferença é expressiva. Em outro lugar, negligenciar a criança é um crime.¹

Essa negligência também é evidente no continente africano. J. S. Malherbe defende que "igrejas e teólogos no continente africano foram muito vagarosos em descobrir as crianças. Podemos dizer que, em muitos casos, as crianças até hoje não se tornaram sequer um ponto focal". Ele identifica duas razões óbvias para essa situação. Em primeiro lugar, a teologia indígena africana está se desenvolvendo muito lentamente.

Isso pode ser atribuído a vários fatores. A forte influência dos missionários e de outros líderes cristãos com uma formação acadêmica ocidental pode ter inibido o crescimento de uma resposta nativa. O lugar importante do ritual, da música, da tradição e da comunicação oral na cultura africana constitui uma atmosfera que geralmente não é muito propícia ao raciocínio formal, abstrato. Tem-se dito que na África a teologia é dançada. Isso quer dizer que o ritual, a

dança, as tradições, as músicas e as discussões informais dão um retrato mais acurado da teologia do que as aulas formais, os debates e as publicações.³

Em segundo lugar, a posição inferior das crianças na sociedade africana em geral inibe o desenvolvimento de uma teologia da criança nativa africana. Embora também haja atitudes positivas para com as crianças e a infância na África, essa atitude negativa e cruel é confirmada em muitos provérbios africanos, como os seguintes:

Crianças e babuínos bebem água (talvez não necessitem da comida básica).

Não dê ouvidos ao que uma esposa e uma criança dizem a você (elas lhe dizem muitas coisas inúteis).

Não enterre uma criança e um adulto juntos (uma criança perturbará um adulto até mesmo no túmulo).

Não há nada errado em comer enquanto uma criança olha para você com olhos famintos (crianças comerão depois dos adultos).

Um pai mantém três tolos em sua casa: a criança, a esposa e o gado (eles não são sábios).

O fogo que é aceso por uma criança e uma mulher não será apagado (elas criam problemas).

Malherbe declara:

Podemos dizer que em muitas partes do continente as crianças ainda não foram descobertas — ao menos não no sentido de receberem destaque na vida da comunidade ou nas atitudes e crenças das pessoas. Parece, no entanto, que isso era bem diferente na África tradicional, rural. O clã ou vila geralmente sabia como tratar as crianças com carinho e educá-las. No entanto, muito disso foi perdido na transição social e radical ocorrida na África.⁴

A criança colocada no meio

Quem é essa criança que Jesus chamou para ficar no meio de sua argumentação teológica com os discípulos (Mt 18.1-2)? O texto não diz absolutamente nada sobre ela. No entanto, algo é claro: ela não tinha *status* no mundo mediterrâneo. Com relação a isso, Joe Kapolyo declara: "a mais importante qualidade da criança na história é a que ela não possui *status*, nenhuma importância". A criança naquele círculo era um sinal de marginalização, de total impotência.

Nesse contexto, as palavras radicais de Jesus aos discípulos para que se tornassem como crianças foram, de acordo com Christoph Kähler, provavelmente uma "consciente provocação poética e teológica, não algo evidente, mas aparentemente ofensivo". Portanto, Robin Maas declara: "exigir um retorno ao status de criança deve ter sido profundamente perturbador para os discípulos". Era um chamado para sair do centro do poder e ir para as margens da existência humana, onde a sociedade havia posto as crianças; para aceitar "uma identidade e um modo de vida marginal para a comunidade dos discípulos". Isso demanda uma mudança total e radical na vida e nos valores dos discípulos. O modo de nos conectarmos com Jesus é relacionando-nos com as crianças necessitadas e desconectadas.

Crianças marginalizadas

A exploração de crianças não é um assunto novo. Durante séculos, elas foram vítimas de muitas práticas exploratórias. Há uma diferença entre a antiga vulnerabilidade e exploração das crianças e o costume atual, que está destruindo suas vidas. O problema no novo sistema global da rede econômica movida pela informação está na conexão entre aspectos incontroláveis do capitalismo informacional e a destruição de vidas no amplo segmento do mundo das crianças. A exploração infantil é parte e parcela do sistema global de capitalismo informacional. Isso levou a uma abrangente exclusão social das crianças no início do século 21. O profundo desequilíbrio econômico na globalização do capitalismo informacional significa que muitos países

simplesmente não têm capacidade em termos de educação, treinamento e níveis de investimento financeiro para serem agentes bem-sucedidos na economia global. Um dos resultados trágicos é que "as crianças que vivem nas vilas ou mesmo em países que não são os principais agentes nas grandes indústrias dessa economia globalizada são privadas de muitas oportunidades econômicas assim que nascem".

O resultado dessa nova ordem mundial é que a qualidade de vida de milhões de crianças no continente africano é ameaçada pelo mundo do século 21. Um número expressivo de crianças vive em extrema pobreza. Todos os dias, várias são abusadas, molestadas sexualmente e estupradas. Muitas são exploradas como mão-de-obra e como soldados. Quase metade das crianças africanas não está frequentando a escola primária. Muitas sofrem como resultado do HIV. Crianças que sustentam seus lares não são mais exceção. Talvez nenhuma criança seja mais marginalizada, explorada e afetada por maus-tratos e pela dura realidade da vida africana que a do sexo feminino. Malherbe conta uma história verídica relatada por um amigo próximo:

Em uma recente visita a uma parte rural da África, encontrei uma mulher notável. Ela foi apresentada como Cecília e nunca ouvi seu nome africano. Ela morava em uma pequena casa com duas crianças de quem cuidava. Deviam ter 5 e 11 anos e percebia-se que eram bem-cuidadas. Todas as manhãs, Cecília levantava cedo para pegar água. Preparava a comida, acordava as crianças e as ajudava em tudo que precisavam para estar na escola no horário certo. À tarde, Cecília as recebia de volta. Depois da refeição, elas brincavam ou a ajudavam no campo. Alguns dos homens também a ajudavam no arado, mas todas as outras coisas eram de sua responsabilidade. Isso incluía costurar, irrigar a terra, capinar o terreno e fazer a colheita do que era plantado. Havia ocasiões em que ela tinha vontade de desistir, mas o temor de perder o pequeno pedaço de terra da família, e com ele toda a fonte de sustento, a fazia perseverar dia após dia. Os pais das crianças haviam morrido recentemente de Aids. De acordo com a tradição, eles foram sepultados bem em frente à casa. Em um

sentido bem real, eles eram parte da rotina da família, como se supervisionassem tudo o que era feito.

Algo me impressionou no momento em que conheci essa mulher notável. Em nenhum momento os homens vizinhos permitiram que ela ficasse a sós comigo. Pelo menos um, mas às vezes três ou quatro deles estavam ao redor o tempo todo. No começo pensei que isso pudesse ser um misto de gentileza e curiosidade — certificar-se de que o visitante seria bem recebido, ou tentar descobrir a intenção da visita. Perguntava-me também se essa não seria uma forma de proteger Cecília, uma mulher solteira em circunstâncias adversas. Gradualmente outro pensamento me ocorreu e foi posteriormente confirmado por voluntários que auxiliavam a família. Esses homens não estavam protegendo as crianças ou a "mãe" delas — eles estavam tentando proteger a si mesmos. Queriam garantir que Cecília não teria chance de falar sobre seu sofrimento. Por causa da Aids, havia poucas mulheres naquela área. Esses homens estavam ajudando Cecília a um preço muito alto. Eles aravam seu campo, mas à noite ela tinha de retribuir o favor. E o que mais ela tinha a oferecer a não ser seu corpo?

As duas crianças eram soro-positivas. Pelo que testemunhei, seria só uma questão de tempo até Cecília contrair o vírus — se já não houvesse contraído. Cecília era o arrimo de uma família destruída pela Aids. Dois montes de terra em frente à casa representavam o pai e a mãe mortos. Os dois corpos frágeis das crianças eram um lembrete constante de que a praga ainda está em ação. Noite após noite, Cecília era forçada a flertar com essa mesma doença.

A tragédia é que Cecília tinha apenas treze anos e era a irmã mais velha de dois órfãos que estavam sob seus cuidados.¹º

Em Mateus 18.5, Jesus disse aos discípulos: "Quem recebe uma destas crianças em meu nome, está me recebendo". Com isso, Jesus provavelmente chama seus discípulos para servirem as crianças de forma desapegada e para cuidar de suas necessidades com amor, mostrando-lhes hospitalidade em seu nome. Ao tornarem-se

as mãos e os pés de Jesus para com as crianças, os discípulos tinham de agir com elas da forma como ele agiria. Dizer aos homens para receberem as crianças foi um pronunciamento radical contrário à forma aceita de tratar as crianças na cultura mediterrânea. Porém, é parte da transformação para a qual Jesus estava chamando seus discípulos: eles deveriam inclusive desempenhar o papel "inferior" que as mulheres tinham de assumir em relação às crianças. Em certo sentido, os discípulos "másculos" tinham de tornar-se "maternais" para com as crianças.

O que é ainda mais surpreendente nessa declaração de Jesus é que ele se identifica com as crianças e afirma que elas são representantes de Deus neste mundo.

A esse respeito, Jürgen Moltmann enfatiza: "Assim como o Deus de sua missão messiânica está nele, Cristo está presente em toda criança. Assim, todo o que recebe uma criança, recebe Cristo." A implicação disso é que toda criança que cruza o nosso caminho é na verdade Jesus cruzando o nosso caminho. E o desafio é tratar toda criança marginalizada com respeito e cuidado, como se estivéssemos recebendo o próprio Deus. Moltmann nos lembra: "Nas crianças, Deus está esperando que recebamos Deus. Nas crianças desamparadas, Deus está esperando pela nossa compaixão".¹²

Na história relatada, seria Cecília uma possível revelação do Cristo-servo? Sofrendo em silêncio. Sofrendo injustamente. Sofrendo como um pária. Tomando sobre si as doenças e os problemas de outros. Tornando-se um servo, servindo em compromisso total. Entregando sua própria vida. Em Cecília, nossos credos e ideias impecavelmente formulados sobre Deus e Cristo são desafiados. Em sua fragilidade, Deus se torna visível como aquele que está ativamente envolvido com o sofrimento das crianças na África. Envolvido como o Deus "maternal", o Deus "feminino", que se importa, que protege e que alimenta. E que desafia toda a teologia que opera a partir de uma visão dominada por um conceito ou uma imagem masculina de Deus. O poder de Deus é sua compaixão para com os perdidos e fragilizados.

Onde esperamos encontrar Deus? Às margens da sociedade, entre as crianças marginalizadas, ou nos centros de poder da religião cristã, de nossas igrejas e de

nossas comunidades? Estamos dispostos e prontos a receber e a servir o Cristo presente em todas as Cecílias da África?

A criança com outras crianças

A criança africana colocada no meio do mundo adulto nunca estará ali sozinha. Sempre estará junto com outras crianças. Essa é uma expressão da visão de mundo africana do *ubuntu*, que quer dizer "pessoa em comunidade", ou "uma pessoa que vive pela e para a comunidade", ou "viver em comunhão um com o outro", e que demonstra também o entendimento africano da eclesiologia.

De acordo com Joseph Healey e Donald Sybertz, um provérbio africano fundamental é: "Eu sou porque nós somos, nós somos porque eu sou". Isso mostra claramente que o indivíduo é definido em termos de seu relacionamento com os outros. Há muitos provérbios africanos enfatizando essa mesma visão de mundo. Por exemplo:

Nós somos nossos relacionamentos;

Uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas;

Uma carta traz metade do benefício de nos encontrarmos;

Uma pessoa é uma pessoa por causa dos semelhantes;

As montanhas nunca se encontram, mas pessoas sim;

Uma pessoa é um mingau, uma sopa rala, duas pessoas são um punhado de ugali (milho cozido que tem firmeza e substância, como um grupo de pessoas que trabalham juntas e que não são fracas como uma pessoa sozinha).¹³

Isso mostra claramente que, de acordo com a visão de mundo africana, a humanidade só pode existir corporativamente e a comunidade tem preferência sobre o indivíduo.

De acordo com J. C. Kotze, essa visão de mundo é praticamente moldada pela realidade de que muitas crianças "crescem em circunstâncias de profunda escassez material e de grande insegurança". Elas aprendem bem cedo que nenhum indivíduo

sozinho é capaz de suprir suas necessidades, e que têm de estabelecer fortes laços sociais e agir cooperativamente para sobreviver física, emocional e socialmente. As práticas educativas dessas comunidades pobres contribuem para a formação dessa visão de mundo. Essas crianças não têm um quarto e uma cama próprios. Vivem e dormem com outras pessoas no mesmo espaço. Kotze declara que "essas crianças desenvolvem uma maturidade social — um senso aguçado de engenharia social — já aos 5 ou 6 anos de idade" e demonstram possuir habilidades sociais iguais, e, em alguns casos, superiores, a muitas crianças mais velhas de outras comunidades. Essencialmente, elas experimentam e entendem a vida como membros de um conjunto de pessoas.

Em geral, a compreensão africana de igreja é bastante influenciada por essa visão de mundo e pelo que pode ser chamado de "uma teologia do relacionamento". "Os africanos tem uma forte convicção de que as pessoas são chamadas especialmente para uma vida de comunidade, participação e compartilhamento. Deus se revela através da comunidade". Essa visão teve destaque em provérbios importantes, como:

Onde há muita gente, Deus está ali;

A voz de muitos é ouvida por Deus.¹⁷

Essa visão de "comunhão" em relação à igreja é também enfatizada nas seguintes metáforas africanas importantes e populares sobre a igreja:

A igreja como a família estendida de Deus;

A igreja como o clã de Jesus Cristo;

A igreja como a família universal em Cristo;

O povo de Deus na estrada ou no caminho (jornada).¹⁸

Em um estudo comparativo sobre os estágios de desenvolvimento de uma criança africana e a teoria do desenvolvimento de Erik Erikson, uma das descobertas

de Isaac Ramokgopa foi que, enquanto Erikson enfatiza a importância de conceitos como competição, independência e egoísmo, os africanos tendem a colocar mais ênfase na cooperação, na interdependência e no altruísmo, respectivamente. De acordo com Ramokgopa,

espera-se que a criança africana trabalhe e compartilhe com outras, sem se envolver em competição. Qualquer conquista é normalmente considerada uma conquista do grupo e não é particular. Assim, a tendência a conquistas individualizadas é desencorajada e isso ajuda a criança a desenvolver um forte senso de proximidade e de humanidade.¹⁹

É por isso que rituais e cerimônias desempenham um papel preponderante na cultura africana, marcando de forma especial o começo ou o fim de um determinado estágio de desenvolvimento e assumindo um papel psicológico muito importante na definição da posição do indivíduo entre os africanos.

O que é importante na África não é primeiramente o desenvolvimento individual de uma criança, mas seu desenvolvimento em comunidade. De fato, na igreja mundial deveria ser assim. O ministério de evangelismo, cura e educação deveria ter o cuidado de não colocar toda a ênfase no relacionamento individual da criança com Cristo e em seu desenvolvimento espiritual individual. O processo de formação espiritual deve ser visto como um processo de formação comunitária.

A criança africana está sempre entre outras crianças. Elas também são crianças no meio de todos os adultos. Portanto, ao edificar a comunidade cristã, "os obreiros cristãos devem assegurar que são igualmente apaixonados por ajudar crianças a relacionarem-se com o reino de Deus como elas são, para assegurar que os adultos sejam conduzidos à cura durante o processo". O essencial é que as igrejas redescubram "o valor e a dignidade da humanidade comum e como o bem-estar comunitário está centrado na transformação de todos e não apenas de alguns". Juntos, em comunhão, todos crescemos para nos tornar mais e mais à semelhança de

nosso Deus-em-comunhão, Pai e Mãe, Filho e Espírito Santo. Juntos, todos nos tornamos mais e mais crianças no reino de Deus.

"É preciso uma vila inteira para criar uma criança" — diz um provérbio africano conhecido e importante, que enfatiza que a educação de uma criança é um esforço comunitário. De acordo com Healey, esse provérbio originário dos idiomas iorubá e igbo, na Nigéria, possui formas diferentes em muitas línguas africanas. É visto também no provérbio sukuma (da Tanzânia): "um joelho não educa uma criança", e no provérbio swahili (África Oriental e Central): "uma mão não sustenta uma criança". Um coral de crianças quenianas fez uma linda canção baseada nesse provérbio:

Papai está no campo, mamãe no poço

Vovó no mercado a vender matoke

Nosso vizinho está olhando as crianças, elas brincam na rua

Um velho homem passa e conta a elas uma história; Isso as faz rir

Ele diz: quando vocês estiverem à beira do rio, cuidado com aqueles crocodilos

Na África, diz o velho ditado,

É preciso uma vila inteira para criar uma criança...

Inachukua kijiji kizima kumlea mtoto...

O mundo é uma vila agora, e ela não é muito grande

A luta pela sobrevivência, algumas famílias trabalhando muito duro

E quem está criando as crianças em frente à grande televisão

E ajudando-as a entender tudo que veem

Quem irá sentar com elas e escutar por um tempo?

Na África, diz o velho ditado,

É preciso uma vila inteira para criar uma criança...

Dê a elas um sonho, conte a elas um conto

Ensine-as a ler e a martelar um prego

Tios e tias, pais e professores

Irmãs e irmãos, pastores, vendedores

É preciso uma vila inteira para criar uma criança...²²

Talvez a igreja seja chamada a redescobrir essa verdade e vivê-la: é preciso toda uma fé comunitária, toda uma igreja para criar uma criança em Deus.

Crianças como agentes

Quase cem anos atrás, Julius Oelke, um missionário alemão que trabalhava na Tanzânia, registrou a seguinte história da cativante canção do pássaro mágico, que retrata a preciosa sabedoria africana:

Um dia um pássaro estranho chegou a uma pequena vila incrustada entre pequenos montes. Desde então, não havia mais segurança. Qualquer coisa plantada nos campos desaparecia durante a noite. A cada manhã havia menos ovelhas, bodes e galinhas. Mesmo durante o dia, enquanto as pessoas trabalhavam em suas terras, o pássaro gigante vinha e invadia os depósitos e celeiros, roubando o suprimento de comida para o inverno.

Os homens da aldeia ficaram arrasados. Havia miséria na terra e por toda a parte se ouvia o som de lamento e o ranger de dentes. Ninguém — nem mesmo o herói mais corajoso da vila — conseguia pegar o pássaro. Ele era muito rápido e eles mal podiam vê-lo. Apenas ouviam o barulho de suas asas enormes quando pousava sobre a copa do velho ipê, na espessa cobertura de folhas.

O chefe da vila se sentia muito frustrado. Um dia, depois que o pássaro saqueou os animais e os suprimentos de inverno, ele ordenou que os mais velhos afiassem seus machados e facões e se unissem em marcha contra o pássaro. "A solução é cortarmos a árvore", ele disse.

Com machados e facões bem afiados, os mais velhos se aproximaram da grande árvore. O primeiro golpe acertou o tronco em cheio. A árvore tremeu e da densa cobertura das folhas de sua copa emergiu o estranho e misterioso pássaro. Um canto doce como o mel saiu de sua garganta e alcançou o coração

dos homens, falando coisas fabulosas e distantes, das quais jamais ouviriam. O som era tão encantador que facões e machados caíram das mãos dos homens. Eles se ajoelharam e olharam fixamente para cima, ansiando pelo pássaro que havia cantado para eles com todo o seu esplendor de brilho e cores.

As mãos dos homens se enfraqueceram e seus corações se abrandaram. "Um pássaro tão belo jamais poderia ter causado tamanho dano e destruição!", eles pensaram. Quando o sol se pôs avermelhado no oeste, como sob encanto, eles foram até o chefe e disseram que não havia absolutamente nada que pudessem fazer para prejudicar o pássaro.

O chefe ficou furioso. "Então os jovens da tribo terão de me ajudar", ele disse. "Que os jovens detenham o poder do pássaro."

Na manhã seguinte os jovens apanharam seus machados e facões reluzentes e partiram rumo à árvore. O primeiro golpe novamente acertou o tronco em cheio. E assim como antes, as folhas da árvore se abriram e o estranho pássaro apareceu, com toda a sua grandeza multicolorida. Mais uma vez, uma melodia maravilhosa ecoou pelos montes. Os jovens ouviram e se encantaram pelo som que lhes falava de amor, de coragem e dos feitos heroicos que os aguardavam. "Esse pássaro não pode ser mal", eles pensaram. Esse pássaro não pode ser perigoso. Os braços dos jovens se enfraqueceram, os machados e facões caíram de suas mãos e, como os velhos antes deles, se ajoelharam ao som da canção do pássaro.

Quando a noite caiu, eles hesitaram, perplexos, diante do chefe. Em seus ouvidos ainda soava a canção encantadora do misterioso pássaro. "É impossível", disse o líder desse grupo. "Ninguém consegue resistir ao poder mágico desse pássaro."

O chefe ficou transtornado de raiva. "Só restam as crianças", ele disse. "As crianças ouvem de verdade e seus olhos são mais claros. Eu vou liderar as crianças contra o pássaro."

Na manhã seguinte, o chefe e as crianças da tribo partiram rumo à árvore onde o estranho pássaro descansava. Assim que as crianças feriram o tronco com machados, a cobertura de folhas se abriu e o pássaro apareceu novamente — com sua beleza ofuscante. As crianças, no entanto, não olharam para ele. Seus olhos permaneceram fixos nos machados e facões que tinham nas mãos. E elas golpearam o tronco ao ritmo de sua própria música.

O pássaro começou a cantar. O chefe percebeu a beleza de sua canção e sentiu fraqueza nas mãos. As crianças, no entanto, conseguiam ouvir apenas o som seco e insistente de seus machados e facões e, não importava o quanto o canto do pássaro fosse encantador, elas continuavam cortando o tronco.

Finalmente o tronco rangeu e se partiu. A árvore tombou ao chão e com ela o estranho e misterioso pássaro. O chefe encontrou o pássaro onde caíra, esmagado pelo peso dos galhos. As pessoas surgiram de toda a parte. Os mais velhos, com seu rigor, e os jovens, com sua força, não podiam acreditar que as crianças, com seus braços frágeis, haviam conseguido aquele feito.

Naquela noite, o chefe anunciou uma grande festa para recompensar as crianças pelo que haviam feito. "Vocês são os únicos que verdadeiramente ouvem, e cujos olhos são mais claros." E disse: "vocês são os olhos e ouvidos de nossa tribo".²³

"A história do pássaro mágico expressa que as crianças são parte da comunidade e podem dar uma contribuição significativa ao seu bem-estar. Há situações em que sua inocência e falta de experiência as qualificam de maneira única a enxergar e descrever as coisas como elas realmente são." Nós necessitamos da perspectiva delas. Precisamos de sua participação e serviço. Às vezes elas são os únicos agentes que podem mudar as coisas para melhor.

A ação das crianças no continente africano é, em muitos sentidos, uma realidade. Há alguns anos, algo extraordinário aconteceu em uma vila em Moçambique. Todos ficaram chocados quando uma menina muito inteligente, de 12 anos, não conseguiu tirar as notas que precisava e repetiu de ano. Embora não fosse raro uma criança não conseguir tirar notas boas, era incomum refazer o mesmo ano. Era um costume dos professores reprovarem deliberadamente um aluno e então

receber um dinheiro dos pais para reavaliá-lo. Na reavaliação, o professor então encontrava razões suficientes para aprová-lo. A garota, no entanto, insistiu: "Não. Se o professor disse que eu repeti, e farei o mesmo ano de novo". O professor disse a ela: "Isso está errado; se pagasse, você teria passado". Contudo, a garota, não mudou de ideia. Por causa de sua atitude, todo o sistema mudou. Onde ela obteve coragem para resistir a esse sistema perverso? Ela era uma das 130 mil crianças (em julho de 2006) cujas vidas foram mudadas por Jesus Cristo por meio do ministério de Sybil Baloyi. Agora essas crianças estão mudando Moçambique. Durantes as recentes inundações, os adultos não sabiam o que fazer. No entanto, as crianças organizaram as evacuações, porque estavam unidas. Elas foram agentes do amor, da graça e do poder de Deus.

Em Mateus 21.14-16, lemos que, quando Jesus curou os cegos e coxos no templo, as crianças gritavam o refrão "Hosana ao Filho de Davi!". O sumo sacerdote e os mestres da lei ficaram indignados. A reação de Jesus foi: "Nunca lestes: 'Da boca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor'?". Com essas palavras, Jesus se refere ao Salmo 8.2, em que o autor proclama: "Dos lábios das crianças e dos recém-nascidos firmaste o teu nome como fortaleza, por causa dos teus adversários, para silenciar o inimigo que busca vingança".

O que fica evidente é que o autor testifica que os recém-nascidos estão fazendo o que nós normalmente pensamos que eles são incapazes de fazer: eles também celebram o louvor de Deus! João Calvino já demonstrara que, ao se referir aos crentes, as palavras "crianças e recém-nascidos" não deveriam ser entendidas alegoricamente. Deus realmente usa recém-nascidos que não podem falar palavras compreensíveis para celebrar o seu louvor. Calvino escreve de modo entusiasmado que Deus, "a fim de glorificar a sua providência, não tem nenhuma necessidade da eloquência poderosa dos retóricos, nem mesmo da linguagem distinta e elaborada, porque as línguas dos recém-nascidos, embora eles ainda não falem, estão prontas e eloquentes o suficiente para celebrá-lo."²⁵

O louvor das "crianças e recém-nascidos" tem uma influência extraordinária: faz até mesmo aqueles que se opõem a Deus, o inimigo e o vingador silenciarem!

Calvino inclusive defende que o termo em hebraico deveria ter sido traduzido de forma mais intensa que "silenciar" e prefere traduzir a expressão como "chamar à luta". Segundo ele, é como se o autor quisesse dizer sobre as crianças e recém-nascidos: "Esses são os campeões invencíveis de Deus que, ao surgir um conflito, podem facilmente desbaratar e afugentar a multidão de perversos que desprezam a Deus e os que se entregam à impiedade". Deus não precisa de pessoas importantes e de armas poderosas para defender sua honra. Deus usa os mais fracos, os menos importantes, os menores. O inimigo mais forte não é poderoso o bastante para resistir ao poder de Deus que se manifesta publicamente na fraqueza de uma criança. É precisamente isso o que acontece no templo em Mateus 21.14-16. Na presença dos inimigos de Jesus, dos sumos sacerdotes e escribas, as crianças louvaram a Jesus. Portanto, Jesus cita as palavras do Salmo 8.

O mais impactante é que as crianças mostraram uma percepção incrível. Reconheceram a verdadeira identidade de Jesus e o louvaram como Filho de Davi. Esses eventos são de fato irônicos.

De todas as pessoas, os sumos sacerdotes e escribas, que, como judeus adultos e religiosamente treinados, estão mais aptos a enxergar a importância das obras de Jesus, reconhecê-lo como Messias e levar o povo a aclamá-lo, não o fazem; antes, as crianças, ignorantes e desinformadas em questões religiosas e menos capacitadas a desempenhar esse papel, de fato o assumem".²⁶

Em certo sentido, essa é a razão pela qual Jesus, em Mateus 11.25, já agradecia seu Pai: "Eu te louvo, Pai, Senhor dos céus e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e cultos, e as revelaste aos pequeninos". Crianças, que não são necessariamente inteligentes e cultas, em contraste com os religiosos inteligentes e instruídos, confessam quem Jesus é, porque Deus revelou isso a elas. Sim, Deus se revela a crianças e as usa como seus agentes para revelar-se ao mundo.

Tendo crianças em nosso meio, nossas perspectivas e a nossa teologia mudam para melhor. Começamos a nos preocupar e a nos alegrar mais com o que Deus se preocupa e se alegra! Espero, nesse processo, que nos tornemos mais e mais o que deveríamos ser: filhos de nosso Pai (e Mãe) Celestial!

[Traduzido por Jorge Camargo]

Jan Grobbelaar é diretor do Petra College Western Cape, em De Doorns, África do Sul, e pastor da Igreja Reformada Holandesa. Desde 1996 está envolvido no treinamento em ministério infantil na África e participou de duas consultas do Movimento Teologia da Criança.

A vontade do Pai

Teologia da dependência e pertencimento

JAMES B. GILBERT

ELSIE BUENO CUNHA GILBERT

"Por que Deus não deixa a gente voltar para casa?" Essa foi a pergunta de um menino numa visita à Casa Lar Betânia, do Vale da Benção,¹ que chocou a mim e também aos meus colegas. Conversávamos sobre as cidades no Brasil. A pergunta surgiu no final da conversa e partiu de um adolescente de 14 anos. Percebemos imediatamente que sua pergunta encontrava eco nos outros onze meninos da casa. Moravam num lugar bonito, limpo, bem cuidado, recebiam comida, educação e atenção, mas não sentiam que pertenciam a ele — estavam de passagem.

De volta ao hotel, refletimos em grupo sobre nossa visita. Tanto a visita como as reflexões que se seguiram faziam parte da Primeira Consulta de Teologia da Criança, realizada em setembro de 2006, em Itu, São Paulo. Comecei a entender a importância do "pertencer" e a importância da "dependência". Para minha surpresa, as crianças estavam revelando um distanciamento do nosso jeito adulto de pensar. Fomos lá para ouvir seus pensamentos sobre "como seria uma boa cidade". Elas responderam muitas coisas. Nossa preocupação era com a paz, a ordem e a segurança. Eles também tinham essas preocupações. Todos na cidade ideal teriam casas para morar, os pobres poderiam ir à igreja e haveria muitas árvores. Ao final da visita, perguntamos: "Se vocês tivessem a chance de perguntar a Deus qualquer coisa, o que seria?". Foi então que o adolescente fez a pergunta que nos remeteu às questões teológicas sobre dependência e pertencimento.

Por que dependência e pertencimento? A pergunta proferida naquele contexto se tornou um referencial para nós de sua dependência. Reconheciam que dependiam dos adultos, daquele abrigo, do juiz, do estado, e, em última instância, de Deus. Ao mesmo tempo, lidavam com questões de pertencimento. Não se sentiam pertencentes àquele lugar. Sabiam que sua estadia ali era passageira e que por isso aquele era um lugar ao qual jamais pertenceriam.

O desafio daquele adolescente mexeu comigo. Como missionário norte-americano, sei como é morar em um lugar do qual se gosta, mas ao qual não se pertence. É possível fazer amizades, ajudar (e às vezes atrapalhar), mas sempre serei um "peixe fora d'água". Depois de um tempo você descobre que se sente da mesma forma em sua terra natal. Pertencer é muito importante; uma boa parte da formação da nossa identidade se dá a partir dessas relações de pertencimento.

De onde vem o pertencimento?

Dependência física e biológica. Parece que o pertencimento está intimamente ligado à dependência. Um bebê nasce totalmente dependente de sua família. Sem um adulto, esse bebê morreria. Ele pertencerá a quem se responsabilizar por cuidar dele. Pertencimento implica uma série de direitos. Em circunstâncias normais, os filhos não se julgam intrusos, ou um peso para os pais. Sentem que o trabalho que dão é algo perfeitamente normal, justo. O sentimento de pertencimento faz com que se sintam perfeitamente bem ao receber o cuidado e a interferência dos pais. Quando um bebê passa a pertencer a uma família, ele passa também a desfrutar das coisas boas e a sofrer o impacto dos problemas presentes naquele meio.

Na verdade, o pertencimento começa na concepção, no momento em que uma matéria física é doada pelos pais. A vida depende desse material biológico, de seu desenvolvimento, que está ligado à nutrição e saúde da mãe. A dependência começa com nossos corpos — é algo biológico, algo físico. Ela continua ao nascermos, pois recebemos um espaço de propriedade de nossos pais e protegido por eles. Esse espaço (casa, apartamento, barraco) está inserido em um país ao qual pertencemos e no qual

exerceremos a cidadania. A quebra desse ciclo natural se dá de várias formas e surte efeitos negativos; por isso há grupos que precisam da nossa atenção especial, pois estão "fora do arraial" e sofrem as consequências de não pertencerem: os sem-teto, os sem-terra, os imigrantes, os desterrados, os exilados. O pertencimento começa com uma relação de dependência física.

Dependência física e identidade. Uma consequência importante dessa dependência física é a formação da identidade. Nossa identidade é formada a partir dos pais, que nos doaram sua matéria física, seu nome e sua herança cultural, do lugar onde fomos criados, do contexto histórico-familiar, da língua que aprendemos, do contexto socioeconômico no qual estamos inseridos e dos grupos sociais aos quais pertencemos. A maioria do que "somos" vem de fatores sobre os quais não tivemos nenhum controle, ou seja, não pertencemos ao que escolhemos pertencer. Pertencemos ao que nos sustentou e que nos mantém, àquilo com o qual criamos algum vínculo.

A dimensão do direito. Há no conceito de pertencimento a dimensão do direito. Como sabemos que uma pessoa está "fora", que não pertence a um grupo? Há dois indicadores: ela não tem nenhuma obrigação com aquele grupo e não goza de nenhum direito. Se eu quiser pertencer a um grupo, à medida que ingressar nele, crio uma relação de dependência com ele para uma série de coisas: relacionamentos, posição social, aprovação e reconhecimento, apoio quanto a minha subsistência e subsídios para a manutenção da minha identidade. A relação que se estabelece é de troca e interdependência: tenho obrigações de um lado, direitos ou privilégios de outro.

Talvez a maior dificuldade dos meninos da Casa Lar Betânia era acreditar que tinham o direito de estar ali, de receber, de serem cuidados, de depender de pessoas diferentes daquelas que em sua primeira infância os fizeram sentir pertencentes, ou seja, suas famílias biológicas. O fato de sua passagem ali ser temporária era prova de uma ruptura nessa relação natural de pertencimento. Eles pertenciam àquele lugar, mas apenas temporariamente, ou seja, seus direitos também eram temporários e isto lhes causava angústia. Para sentir que pertencemos a algo precisamos sentir que

temos o direito de depender (enquanto crianças) ou o direito de interagir de forma interdependente (quando adultos).

A dimensão social da dependência. O governo do qual dependemos governa o país ao qual pertencemos, por bem ou por mal. Dependemos dele para a manutenção da paz e da ordem, para a condução da economia, para o acesso à educação e saúde, entre outras coisas. De um lado, o estado depende dos indivíduos para sua sustentabilidade e legitimidade; do outro, cada indivíduo depende do estado com relação aos seus direitos como cidadão. Sem o pertencimento e o reconhecimento da nossa dependência como indivíduos na sociedade como um todo, é difícil trabalhar por uma sociedade melhor. O que nos leva à ação e à mudança é a consciência de que sofreremos as consequências se algo não for feito sobre esta ou aquela situação. Dependemos dessa sociedade para o nosso bem estar; portanto, precisamos atuar nela.

Dependência como um valor teológico. O exercício que fizemos na consulta teológica em Itu não tinha a intenção de focar a situação da criança, buscando soluções para a mesma. Visava conversar com a criança e a partir dessa conversa refletir sobre nossos conceitos teológicos. A inspiração veio de Mateus 18.1-5, quando os discípulos disputavam qual deles seria o maior no reino de Deus. Um debate essencialmente teológico. Jesus respondeu colocando uma criança no meio deles e dizendo: "Eu lhes asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no reino dos céus. Portanto, quem se faz humilde como esta criança, este é o maior no reino dos céus".

Na fala de Jesus a humildade é posta em evidência e a criança é apresentada como um referencial dessa humildade. Jesus vê na criança uma importante virtude: a humildade. E isso faz com que ela reconheça algo que os adultos desconsideram: o ser dependente.

Atualmente, dependência é um conceito com uma conotação negativa, ao passo que, em geral, o pertencimento é tido como algo positivo. O que me surpreendeu em nossa reflexão em Itu foi a nova perspectiva sobre a importância da dependência e sua ligação com o pertencimento, sobretudo em relação ao Criador.

Dependemos completamente dele, quer queiramos ou não. É ele quem sustenta a vida, o universo — algo que parece escapar da nossa percepção e atenção no dia-a-dia.

Dependência antes da queda

Dependíamos de Deus quanto a nossa identidade. A Bíblia começa com uma explicação sobre a criação dos seres humanos e nos diz que recebemos nossa identidade do Criador: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (Gn 1.26).

Fomos criados à semelhança do Criador para viver na dependência dele. Somos de sua jurisdição, pertencemos a ele. Portanto, ele nos criou como seres especiais, à sua semelhança, e deu-nos a capacidade de gerar filhos à nossa semelhança.

Dependíamos de Deus quanto às nossas realizações e posição social. Deus nos deu responsabilidades, um lugar de destaque na criação, um trabalho, uma missão: "Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra".

Ele delegou aos seres humanos o governo, um papel de liderança sobre toda a criação.

Dependíamos de Deus quanto às nossas habilidades específicas. E por fim, ele nos deu uma capacidade especial para cumprir nossas tarefas. A primeira tarefa atribuída a Adão foi dar nomes a todos os animais.

O poder de dar nomes, o potencial da palavra, da linguagem, da comunicação verbal, foi algo destinado apenas aos seres humanos e é a fonte de toda criatividade; o fundamento da poesia, da arquitetura, da moda, do artesanato, da música, do teatro, da filosofia, da história etc. Ou seja, esse "pacote" de atribuições dadas por Deus confere ao ser humano um lugar privilegiado na criação. E esse lugar na criação nos confere dignidade.

O homem e a mulher, criados por Deus, dependiam dele para tudo: sua identidade, seu propósito de vida, sua inteligência, seus relacionamentos, sua influência, seus recursos. Essa dependência do Criador foi julgada por Deus como algo bom. "Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom" (Gn 1.31).

Dependência após a queda. A dependência de Deus e interdependência entre os seres humanos sofreram uma grande transformação ao longo do tempo. Por que será que hoje trabalhamos incansavelmente para evitar todos os tipos de dependência; seja relacional, econômica, ou política?

Por escolha humana, houve uma ruptura entre o Criador e a humanidade que começou quando o homem e a mulher preferiram, em vez de depender de Deus, depender do seu próprio conhecimento.

Disse a serpente à mulher: "Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal". Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que comeu também.

Gênesis 3.4-6

O que Adão e Eva fizeram não foi *sair* da dependência, pois isto era insustentável — todo ser humano depende de Deus para sua subsistência. O que fizeram foi *negar* para si mesmos essa situação de dependência, tentando viver de forma autônoma. Em outras palavras, se opuseram à dependência, condição básica de vida, e declaram-na como sendo algo ruim, indesejável. A opção oferecida pela serpente era depender do seu próprio conhecimento do "bem e do mal". Com esse conhecimento, seriam como Deus. A vida após a queda passa a ser uma constante busca pela autonomia e uma negação contínua da nossa dependência de Deus.

Dependemos de nós mesmos quanto a nossa identidade. Logo que isto aconteceu, Adão e Eva esconderam-se de Deus. Agora, conhecendo o bem e o mal, eles sentiram vergonha. Por quê? Vergonha é um sentimento que expressa alienação e medo do abandono e da desgraça e é causado pelo fracasso em atendermos as nossas próprias expectativas.² A expectativa era que seriam iguais a Deus. Porém, viram essa promessa se desvanecer com a mesma rapidez com que comeram da fruta. Não se tornaram como Deus. Tornaram-se apenas mais conscientes da sua pequenez diante dele.

No ato de comer do fruto, Adão e Eva fizeram dois movimentos opostos e simultâneos: aproximaram-se do conhecimento do bem e do mal e afastaram-se do seu Criador, pois ambos sabiam que ele proibira esse ato. Ao desejarem uma sabedoria divorciada do Criador, abandonaram deliberadamente sua relação com Deus. Seus olhos se abriram para a beleza do fruto e seus corações se fecharam para Deus. Foi por isso que nesse ato eles se alienaram do Criador, deixaram de pertencer a ele. Eram de fato dependentes de Deus, mas agora se ressentiam disso e assim sentiam vergonha.

A escolha humana de se alienar de um relacionamento vivo e contínuo com Deus e de se basear numa sabedoria divorciada do Criador faz com que a imagem de Deus colocada na criação de todo ser humano se enfraqueça. Em seu lugar temos uma sociedade que está constantemente à procura de identidade. Buscamos essa identidade por meio da posição social, da origem familiar, da capacidade intelectual, das conquistas pessoais, do poder etc.

Dependemos de nós mesmos quanto às nossas realizações e posição social. Antes da queda, o ser humano se sentia realizado em cumprir as responsabilidades dadas por Deus num ambiente em que o mal não estava presente e, portanto, não estragava ou destruía o seu trabalho. Havia a confiança e a garantia de que tudo daria certo sob a providência do Criador.

Num mundo afastado do Criador, toda a natureza sofre; há um desequilíbrio da ordem criada que afeta os seres humanos e ameaça sua sobrevivência. A dor e o sofrimento se fazem presentes de forma constante — mais como regra do que como exceção.

O ser humano, cuja posição de destaque na criação lhe conferia a responsabilidade de governar e cuidar, passa a ter uma atuação de abusador e destruidor do meio ambiente. Quem tinha mais capacidades, tinha também mais responsabilidades no serviço ao próximo e à ordem criada.

Porém, ao trilharmos o caminho da autonomia baseando-nos em nossa própria sabedoria, inventamos a opressão.³ Antes, Adão e Eva se correspondiam, se complementavam em união. Agora, reina a luta pelo poder, o desencontro e a violência. A ordem de se multiplicar e encher a terra se torna em uma luta pelo domínio de um povo sobre o outro. O fraco é subjugado pelo forte; o que tem menos serve ao que tem mais. Os mais habilidosos ou capacitados usam sua inteligência para manipular, para adquirir poder, para se sobrepor ao outro. O poder, algo bom sob a dependência de Deus, passa a ser o alvo e o motivo das guerras e de toda sorte de dominação.

Dependemos de nós mesmos quanto às nossas capacidades. Nossas capacidades se tornam uma mercadoria, uma moeda de troca na busca por poder e posição social. Lançamos mão delas para nos sobrepor uns aos outros. Usamos a linguagem para difamar, oprimir e alijar pessoas. Usamos nossa criatividade para criar esquemas de "segurança" nos quais as outras pessoas se tornarão dependentes dos nossos serviços ou bens. Usamos a nossa arte para expressar repugnância pela moral e os bons costumes.

Um negócio infeliz. Quando Adão e Eva aderiram à proposta da serpente, o que eles realmente fizeram foi desprezar o amor de Deus em troca de conhecimento e, implicitamente, poder. O conhecimento é muito inferior ao amor. O conhecimento do bem e do mal só lhes fez mal. Sentiram que não mais pertenciam a Deus, que não tinham mais o direito de se achegar a ele. Não acreditavam que Deus ainda teria boas intenções para com eles. Deus tornou-se um ser a ser temido e evitado. O fato de precisarem dele, de não terem seus poderes, sua soberania, seu controle sobre todo o mundo criado, causou constrangimento e vergonha. A única alternativa era a fuga.

Joel B. Green, em seu livro sobre expiação, diz que a única coisa capaz de combater a vergonha é o amor. Longe de Deus e de seu amor, a situação só foi

piorando. E é por isto que o mundo "jaz no maligno". Separados do amor de Deus, os seres humanos deixam de usufruir do único antídoto contra o mal. O amor ao próximo ainda é o maior obstáculo contra o mal. A humanidade alienada de Deus está aberta para praticar todo tipo de perversidade contra o seu semelhante. Por outro lado, aqueles que andam com Deus recebem dele o mandamento de amar assim como foram amados por ele.

Independência moderna

Na sociedade moderna, o alvo de todos é conquistar a independência. Queremos ter a garantia de que escolheremos nossa profissão, nossa religião, o parceiro conjugal, a maneira de construir a família, de se vestir, o candidato político, a forma de participação na comunidade e os bens.

Essa é a grande conquista da modernidade, cujas origens são calcadas no movimento humanista com suas ideias de progresso e culto à razão humana — pilares da cultura e sociedade modernas.

O problema é que, com todos os avanços tecnológicos e científicos, o mundo ainda é um lugar de dor, ódio, guerra, engano, decepção e opressão. As crianças nas cidades mais modernas continuam extremamente vulneráveis. Hoje temos a capacidade técnica de destruir nosso próprio habitat, o planeta. A grande decepção do mundo atual foi descobrir que a ciência e a tecnologia não cumpriram o seu mandato de "salvar" a humanidade de suas mazelas.

Os indivíduos modernos gozam de muitas liberdades; mas, apesar delas e em parte por causa delas, vivem grandes angústias existenciais. Insistem em pensar que a autonomia seria a solução para seus problemas, mas sentem-se fragmentados, desconectados, fragilizados, abandonados e convictos de que não pertencem a nada e a ninguém.

Apesar da decepção, insistimos no mesmo otimismo que acometeu Adão e Eva. Séculos depois, a sociedade moderna continua seduzida pelo "conhecimento do bem e do mal". Proclamamos a ciência e a tecnologia como nossa tábua de salvação

ao ponto de levar mulheres a desprezarem o seu próprio leite materno em favor do leite em pó! O resultado é a vergonha. É vergonhoso ter comida suficiente para alimentar o mundo inteiro e ainda assim ter crianças passando fome em sua própria cidade! É vergonhoso termos capacidade tecnológica para conectar o mundo inteiro via internet e termos grandes bolsões humanos que não sabem sequer ler ou escrever!

Esse ideal de independência falhou porque é fruto da mais antiga mentira da história da humanidade. Fomos criados para sermos dependentes de Deus e interdependentes entre nós. As sociedades modernas trocaram a coerção do estado pré-moderno e das guerras religiosas, realizadas em nome de Deus, por um mundo de coerção dos desejos interiores e individuais, que vivem em eterno conflito com o desejo de paz e harmonia em comunidade. Somos escravos de nós mesmos e de nossos caprichos egocêntricos. Agora escolhemos uma série de coisas, mas continuamos com a violência doméstica e urbana, com os problemas de ordem psiquiátrica, com os conflitos relacionais, com os vícios e comportamentos autodestrutivos, com a exploração sexual de crianças e adolescentes, com a corrupção de nossos governantes, com a dominação econômica dos grandes sobre os pequenos, com a fome e a miséria de muitos em contraste com o luxo e a ostentação de poucos.

A verdade é que, no lugar da independência que tanto buscamos, somos cada vez mais dependentes do "bem e do mal" das outras pessoas. Toda sociedade, em qualquer época, sob qualquer estrutura, depende da atitude, dos valores morais e éticos e das responsabilidades individuais das pessoas que a compõem.

O paradoxo da cruz: a dependência e o pertencimento

A cruz sempre foi considerada um paradoxo — nela encontramos uma série de significados aparentemente contraditórios. A vida do Filho de Deus encarnado é uma vida de obediência ao Pai e de dependência completa das outras duas pessoas da Trindade: o Pai e o Espírito Santo. Lemos que Jesus orava ao Pai e que era guiado pelo Espírito Santo.

Por que toda essa dependência? Ele não é Deus? Sim, e por causa disso cada um pertence aos outros dois. Na verdade eles têm a mesma essência — esse é o mistério da Trindade. Porque o Pai, o Filho e o Espírito Santo compartilham da mesma essência, eles, em sua pessoa, dependem uns dos outros. Não porque não sejam completos, mas porque são perfeitos. Vimos que a revelação da Trindade é em parte a revelação de uma comunhão perfeita, que inclui a interdependência e o pertencimento. A vida de Jesus demonstrou de forma perfeita, completa, que ele pertencia a Deus.

A Trindade é algo a imitar. Como afirma o bispo Christopher Mwoleka, da Tanzânia, "Deus não dá esses mistérios para exercermos a arte de especular; eles são exemplos para imitar". Seguindo isso, podemos aprender muito, inclusive que precisamos depender das crianças assim como elas dependem de nós.

A crucificação coloca em evidência um absurdo! O homem perfeito, Deus-homem, que depende do Pai, foi à cruz para ser executado por seres humanos que escolheram não depender de Deus. Aquele que é a Palavra de Deus, que estava no princípio com Deus, e que era Deus, aquele que criou o ser humano, *humildemente* se sujeitou à morte pelas mãos do próprio ser humano! Seres humanos conhecedores do bem e do mal julgaram e condenaram seu Criador, completamente bom, à cruz! Este o resultado final da dependência do homem de seu próprio conhecimento: a criatura pregando o seu criador numa cruz.⁷

Poderíamos dizer que o problema é que os judeus do tempo de Jesus não reconheceram nele o Criador — o que é verdade. Ainda assim, é absurdo que nós não o reconheçamos como nosso Criador mesmo depois de sua morte e ressurreição!⁸

A dependência de nosso próprio conhecimento do bem e do mal nos leva ao mal. Por toda a história de Deus com a humanidade vemos que, quando as pessoas dependem do Criador, fazem o que é bom. Quando se desviam, desconfiam, e dependem de si mesmas, ou de outros "deuses", fazem o que é mal. A nossa salvação depende de um plano de redenção desenhado pelo Criador e não por nós mesmos.

A obediência e a dependência de Jesus no Pai resultaram em vitória sobre essa tendência humana de confiar na própria sabedoria, de seguir um caminho que leva a morte. Quem aceita aquele que é a Palavra de Deus, depende dele para sua salvação, e, por depender dele, passa a pertencer a ele.

Dependentes de Jesus, interdependentes de nossos irmãos

Na oração sacerdotal de Jesus registrada por João, ele deixa claro que seu alvo é o resgate de uma relação entre os seres humanos e Deus, sendo ele o elo, numa relação de pertencimento: "A fim de que todos sejam um, e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste" (Jo 17.21).

Uma dependência saudável é recíproca, e que por isto nos leva ao pertencimento. Precisamos reconhecer que dependemos uns dos outros, que as crianças dependem de nós, adultos, mas que nosso futuro está nas mãos das crianças de hoje. Precisamos perceber que os idosos precisam das crianças e vice-versa. Precisamos buscar em Deus o verdadeiro pertencimento, cheio de amor e de responsabilidade pelo outro. Devemos então trilhar um caminho baseado na dependência do Triúno Criador, cuja imagem e semelhança está em nós, imitando seu amor, sua obediência e sua confiança para podermos enfrentar nossas sociedades que estão sob o senhorio de Jesus Cristo, o Redentor, mas em rebelião contra ele. Assim nos sentiremos cidadãos dignos do Rei, pertencentes à sua casa e prontos para nos juntarmos à sua mesa assim que eles nos chamar.

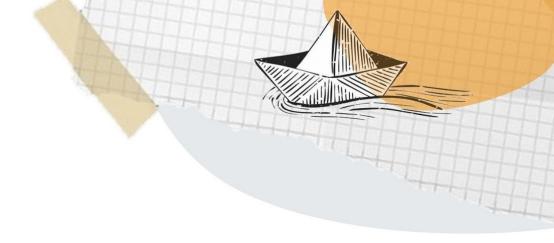
Para pensar

- Como praticamos a interdependência em nossos relacionamentos (amizades, relacionamento conjugal, pares)?

- Como mostramos aos nossos filhos que, apesar de sua crescente autonomia, existe uma interdependência em nossas relações familiares que não deve ser rompida, mesmo que isso implique uma pequena perda de liberdade individual?
- Como mostramos a eles que sua dependência no futuro é algo inevitável, porém não vergonhoso?
- Como mostrar para nossas organizações sociais e igrejas que devemos manter um relacionamento de interdependência com os "beneficiários" dos nossos programas? Como interagir com eles de forma que percebam que pertencem a nós e que nós pertencemos a eles?
- As relações intereclesiásticas de nossas igrejas locais vivenciam a interdependência em amor?
- Na relação da igreja brasileira com a sociedade brasileira, dependemos da Palavra de Deus para exercer o papel de sal, para ter uma atuação profética?
- Como podemos depender de Deus, e, ao mesmo tempo, pertencer a esta sociedade?

James B. Gilbert e Elsie Bueno Cunha Gilbert são missionários no Brasil desde 1998.

James é norte-americano e Elsie é pernambucana. Moram em Viçosa, MG, e trabalham com a ONG Rebusca, que atende crianças e famílias em situação de risco social. James é pastor e professor de teologia sistemática e Elsie é editora da revista Mãos Dadas.



Parte 3

no olhar do Antigo Testamento

A criança: sua natureza, suas necessidades, seu potencial

BETTY BACON

As qualidades positivas e as negativas da criança aparecem no vocabulário, nos relatos de incidentes e nas advertências contidas em toda a Bíblia. Por isso devemos observá-la de forma mais atenta. Consideraremos o que caracteriza a criança em si e como suas qualidades são utilizadas no ensino bíblico. Por *criança* refiro-me a todas as fases de crescimento — desde o nascer (e até antes) até a idade adulta.

"Os filhos são herança do Senhor, uma recompensa que ele dá" (Sl 127.3). É verdade que, na prática, as responsabilidades às vezes parecem ofuscar a recompensa. Os filhos precisam de sustento material, moral e espiritual. Trazem problemas e preocupações. Quanto custou aos pais criar Sansão, adolescente travesso que só arrumava problemas! (Jz 13-14). Acontece, porém, que a mesma graça de Deus que os põe no mundo está disponível para esse sustento. Os filhos são herança para a família, para a igreja, para a nação. E as crianças que nascem de um estupro ou fora do casamento? Ou que nem sabem quem são seus pais? Na Bíblia temos Jefté, expulso da família pelas circunstâncias do seu nascimento, mas que pela graça de Deus se tornou salvador da pátria (Jz 1.1). Conheço alguns brasileiros que tiveram experiências de rejeição semelhantes às de Jefté, e que hoje são uma bênção no meio profissional e nas igrejas. Um menino de rua se converteu, estudou, e veio a ser um dos principais gerentes de uma grande firma internacional. Todos os dias faz um culto rápido com café da manhã para todos os funcionários. Outro, que nem sabia quem era seu pai, e que deu muito trabalho para os parentes que o criaram, aceitou a

Jesus como Salvador e Senhor aos 12 anos e hoje é um conhecido teólogo e professor de Bíblia.

O Salmo 127 é uma lição de valores. As pessoas são mais valiosas do que os bens. São a herança da qual prestaremos contas.

Essa herança não inclui apenas nossos filhos carnais. São todos os que precisam receber de nós o cuidado e o carinho que nunca tiveram dos pais ou da família. O *órfão* do Antigo Testamento é *<oty o 'yatom'* — o solitário e privado de pai. Os órfãos, os meninos de rua, e aqueles cujos pais os abandonaram ou rejeitaram, carecem da oração e dos cuidados dos servos do Senhor. Pois o próprio Senhor se preocupa com suas necessidades e temos de compartilhar as preocupações de nosso Pai celestial. "Não prejudiquem as viúvas nem os órfãos; porque se o fizerem, e eles clamarem a mim, eu certamente atenderei ao seu clamor" (Êx 22.22-23); "Tu és o protetor do órfão" (Sl 10.14); "Tu amas o órfão" (Os 14.3). (Veja também Zc 7.10; Ml 3.5; Sl 68.5; Sl 146.9 e Pv 23.10-11.)

Jó analisou sua vida para ver se existia algum pecado que fosse a causa do seu terrível sofrimento. Entre outras práticas louváveis, cita seu cuidado para com crianças necessitadas. "Eu socorria o pobre que clamava por ajuda, e o órfão que não tinha quem o ajudasse" (Jó 29.12). Essa era a atitude esperada de alguém que o próprio Senhor definia como "irrepreensível, íntegro, homem que teme a Deus e evita o mal" (Jó 1.8).

Na lei de Moisés, parte do dízimo se destinava aos órfãos. "Quando tiverem separado o dízimo de tudo quanto produziram no terceiro ano, o ano do dízimo, entreguem-no ao levita, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva, para que possam comer até saciar-se nas cidades de vocês" (Dt 26.12). Era direito deles pegar o que fosse deixado no campo, no olival ou na vinha (Dt 24.19-21). De acordo com a mesma lei, eles tinham direito à justiça (Êx 22.22; Dt 10.17-18); quem lhes negasse a justiça cairia sob a maldição de Deus (Dt 27.19 — compare com Jó 24.3, 9). Os profetas clamaram contra as injustiças praticadas contra eles. "Ai daqueles que fazem leis injustas, que escrevem decretos opressores, para privar os pobres dos seus direitos e da justiça os

oprimidos do meu povo, fazendo das viúvas sua presa e roubando dos órfãos!" (10.1-2). (Veja Is 1.17, 23, Jr 5.28, Jr 22.3, Ez 22.7 e Ml 3.5.)

O descuido nessa área era uma transgressão tão grande que estava entre aquelas que desencadearam o exílio da pátria prometida aos patriarcas de Israel (Zc 7.10-14) e a perda do trono da família real de Judá (Jr 22.2-9). Na lista de Malaquias, há ainda outros pecados incluídos:

Chegar-me-ei a vós outros para juízo; serei testemunha veloz contra os feiticeiros, e contra os adúlteros, e contra os que juram falsamente, e contra os que defraudam o salário do jornaleiro, e oprimem a viúva e o órfão, e torcem o direito do estrangeiro, e não me temem, diz o Senhor dos Exércitos (Ml 3.5).

E a capacidade espiritual da criança? A capacidade de captar verdades espirituais é uma das muitas qualidades da criança claramente expostas na Bíblia. O próprio Senhor Jesus a apontou:

Quando os chefes dos sacerdotes e os mestres da lei viram as coisas maravilhosas que Jesus fazia e as crianças gritando no templo: "Hosana ao Filho de Davi", ficaram indignados, e lhe perguntaram: "Não estás ouvindo o que estas crianças estão dizendo?". Respondeu Jesus: "Sim, vocês nunca leram: 'Dos lábios das crianças e dos recém-nascidos suscitaste louvor'?" (Sl 8.2; Mt 21.16).

No Salmo se lê "Da boca de pequeninos e crianças de peito suscitaste força, por causa dos teus adversários, para fazeres emudecer o inimigo e o vingador". A diferença dos textos do Antigo e do Novo Testamentos é que provavelmente a citação no Novo Testamento é da versão da Septuaginta, que parafraseou "força" para facilitar o entendimento dos leitores gregos. A NVI traz "firmaste o teu nome como fortaleza". O impressionante aqui é como o Senhor usa a palavra dos fracos e dependentes para anular a oposição dos adversários vingativos. No incidente do

templo, estes adversários seriam os fariseus e seus colegas; quem seriam no mundo de hoje?

As crianças e recém-nascidos do Salmo 8 são, literalmente, os que "mamam" e "chupam" (*llou 'olel'* e *qny 'yoneq'*). De todos os seres, são os que mais dependem do cuidado dos outros para o sustento e a sobrevivência. Davi entendia bem tal dependência e a paz de quem depende de Deus com toda a humildade:

Senhor, o meu coração não é orgulhoso e os meus olhos não são arrogantes. Não me envolvo com coisas grandiosas nem maravilhosas demais para mim. De fato, acalmei e tranquilizei a minha alma. Sou como uma criança recém-amamentada por sua mãe; a minha alma é como essa criança (Sl 131.1-2).

O recém-nascido precisa mamar. O cristão que acaba de nascer de novo deve ter fome e sede do alimento espiritual: "Como crianças recém-nascidas, desejem de coração o leite espiritual puro, para que por meio dele cresçam para a salvação" (1Pe 2.2). Ao crescer, a criança passa a comer comida mais forte, o que é normal. O mesmo princípio se aplica à vida espiritual:

Embora a esta altura já devessem ser mestres, vocês precisam de alguém que lhes ensine novamente os princípios elementares da palavra de Deus. Estão precisando de leite, e não de alimento sólido! Quem se alimenta de leite ainda é criança, e não tem experiência no ensino da justiça. Mas o alimento sólido é para os adultos, os quais, pelo exercício constante, tornaram-se aptos para discernir tanto o bem quanto o mal (Hb 5.12-14).

De todas as criaturas, as crianças e os recém-nascidos são as que mais dependem dos outros. Deus, porém, usa a fraqueza dos que dele dependem para vencer os fortes que se opõem. O magnífico Salmo 148 descreve o louvor de toda a criação. Começa com os coros celestiais, passa pelos reis e autoridades terrestres e chega até as pessoas mais humildes na terra: "Moços e moças, velhos e crianças.

Louvem todos o nome do Senhor, pois somente o seu nome é exaltado; a sua majestade está acima da terra e dos céus" (Sl 148.12-13). Aqui convém observar o equilíbrio do Espírito. Já vi igrejas onde as crianças estão ausentes de tudo. Não são discipuladas. Não participam de qualquer ministério. Em outras, tem havido uma ênfase excessiva no ministério jovem e os idosos são praticamente excluídos. Na igreja ideal, isto é, bíblica, todos têm seu lugar, assim como no Salmo citado, e devem receber os cuidados prescritos pela Palavra.

Quando o Espírito Santo vem, cada grupo recebe a bênção de acordo com sua idade: "Os jovens terão visões, os velhos terão sonhos" (At 2.17). Recebem conselhos sobre como atuar ao reagirem a essas visões. "Da mesma maneira, encoraje os jovens a serem prudentes" (Tt 2.6). A expressão "da mesma maneira" inclui o aconselhamento dado aos jovens como parte importante do ensino da igreja como um todo. Ele é posto ao lado dos conselhos dados aos homens e mulheres mais velhos.

Jesus comentou a humildade da criança. Ela não vem a ele com segundas intenções, para parecer importante no reino de Deus.

Quem se faz humilde como esta criança, este é o maior no reino dos céus. Quem recebe uma destas crianças em meu nome, está me recebendo. Mas se alguém fizer tropeçar um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe seria amarrar uma pedra de moinho no pescoço e se afogar nas profundezas do mar

(Mt 18.6; Mt 18.10-14).

"Os pequeninos podem 'crer em mim' — e ai de quem os desprezar!" Jesus chamou a si as crianças e disse: "Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o reino de Deus pertence aos que são semelhantes a elas" (Lc 18.16). É notável também o desempenho de João Batista, que começou seu ministério profético no ventre da mãe. "Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o bebê agitou-se em seu ventre, e Isabel ficou cheia do Espírito Santo" (Lc 1.41). E Isabel comentou: "Logo que a sua saudação chegou aos meus ouvidos, o bebê que está em meu ventre agitou-se de

alegria" (Lc 1.44). Através da mãe que o carregava, esse bebê que nem havia nascido percebeu a realidade do Cristo de quem seria precursor e cantou louvores a Deus pela revelação concedida.

No Antigo Testamento encontramos os pequeninos, no hebraico os [f 'taf', talvez definidos assim pelo andar com passos curtos (veja o inglês toddlers). Apesar do tamanho, estão incluídos como elementos integrados na comunidade, e junto com seus pais ouvem a palavra de Deus (Dt 29.11; Dt 31.12; Js 8.35; veja Sl 148.12-13). Lemos também que "Esdras trouxe a Lei diante da assembleia, que era constituída de homens e mulheres e de todos os que podiam entender" (Ne 8.2-3; Ne 10.28). E entendimento começa bem cedo!

Encontramos também os fracos, os *Er 'rak'*. Quando Jacó teve o famoso reencontro com o irmão Esaú, este sugeriu que o acompanhasse (com toda aquela gente armada!) até chegarem no monte Seir. A resposta é interessante: "Jacó, porém, lhe disse: 'Meu senhor sabe que as crianças são frágeis (*rak*) e que estão sob os meus cuidados ovelhas e vacas que amamentam suas crias'" (Gn 33.13-14). Essa fragilidade muitas vezes descreve aquilo que é tenro, vulnerável por estar em crescimento e que ainda não alcançou a maturidade. Caracteriza o "renovo tenro" do alto do cedro em Ezequiel 17.22. A palavra é usada para se referir à inexperiência de Salomão diante da enorme tarefa de construir o templo. "Davi pensava: 'Meu filho Salomão é jovem e inexperiente (*rak*)'" (1Cr 22.5; 29.1). Felizmente, o próprio Salomão aceitou a avaliação do pai e pediu sabedoria a Deus. Sobre o caráter de Roboão no início de seu reinado, o cronista fala que, literalmente, ele era "jovem, frágil (*rak*) de coração" (2Cr 13.7). Sendo frágil, Roboão foi influenciado pelos colegas e tomou decisões erradas que acabaram dividindo o reino.

As implicações disso para as crianças em nossa família, igreja e nação, são várias. Jacó não exigia dos pequeninos mais do que podiam suportar. O apóstolo adverte quanto ao perigo de dar uma grande responsabilidade cedo demais a quem ainda é novo em Cristo. O presbítero "não pode ser recém-convertido, para que não se ensoberbeça e caia na mesma condenação em que caiu o Diabo" (1Tm 3.7). Davi, embora não pudesse construir o templo, fez de tudo para instruir e apoiar o filho a

quem Deus escolhera para a tarefa, levando em conta as carências dele e fazendo de tudo para supri-las.

O "renovo tenro" precisa de proteção e direção. Nos lares de hoje, as crianças e adolescentes são expostos a múltiplos perigos, como a desunião dos pais, a corrupção via internet e mídia, a falta de convivência sadia entre pais e filhos por causa das exigências do trabalho ou do estudo, e às vezes até a participação demasiada nos trabalhos da igreja. E imagine o quanto falta aos "renovos tenros" criados na rua, doutrinados por outros moradores de rua; ou às crianças cujas mães estão encarceradas.

Outros renovos tenros que foram prejudicados pelo ambiente corrompido em que cresceram foram os meninos de Betel. "Eliseu foi para Betel. No caminho, alguns meninos que vinham da cidade começaram a caçoar dele, gritando: 'Suma daqui, careca!' Voltando-se, olhou para eles e os amaldiçoou em nome do Senhor. Então, duas ursas saíram do bosque e despedaçaram quarenta e dois meninos" (2Rs 2.23-24). Esse juízo terrível atingiria não só os meninos, mas também seus pais, com quem sem dúvida aprenderam essas atitudes desastrosas. Na Ásia, meninos muçulmanos de oito e nove anos já recebem treinamento para serem terroristas. Alguns são ganhos para Jesus, mas muitos crescem para praticar ataques suicidas.

Nas ruas de hoje a vulnerabilidade é ainda maior. Não afeta apenas os meninos de rua sem lar, mas também os que ficam na rua durante todo o tempo livre, em contato com traficantes e outros marginais. É o caso de alguns meninos de Niterói, filhos de prostitutas, que não podiam entrar em casa enquanto as mães recebiam os "fregueses". A vulnerabilidade afeta meninos que são mais discipulados pelos colegas de escola do que por pais cristãos. Alcança os que estão presos em instituições por diversas infrações e que podem aprofundar-se no crime e na prostituição por causa do contato com colegas mais velhos e experientes.

O renovo precisa de orientação para crescer direito, para alcançar a maturidade desejada. Ele precisa de espaço psicológico para crescer. "Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela, e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles" (Pv 22.6). A planta está madura quando começa a dar frutos. A

pessoa está madura quando é capaz de, sozinha, tomar decisões morais corretas ("os adultos, os quais, pelo exercício constante, tornaram-se aptos para discernir tanto o bem quanto o mal" — Hebreus 5.14). Muitos pais são incapazes de orientar os filhos adolescentes porque eles mesmos ainda são adolescentes com problemas psicológicos. Outros, diferentes do pai do filho pródigo, não deixam espaço para as crianças tomarem as próprias decisões. O renovo precisa de espaço para se desenvolver, tanto psicológica quanto espiritualmente.

O Antigo Testamento alerta também para a melhor maneira de transmitir a grandeza de Deus aos mais novos. "Quando os seus filhos lhes perguntarem: 'O que significa esta cerimônia?', respondam-lhes: É o sacrifício da Páscoa ao Senhor, que passou sobre as casas dos israelitas no Egito e poupou nossas casas quando matou os egípcios" (Êx 12.26; Êx 13.14). "Disse ele aos israelitas: 'No futuro, quando os filhos perguntarem aos seus pais: 'Que significam essas pedras?', expliquem a eles: Aqui Israel atravessou o Jordão em terra seca'" (Js 4.21-22). Aproveitem ao máximo a curiosidade natural da criança.

No Antigo Testamento, o termo run na'ar também é usado para referir-se às crianças. E ele tem uma variedade de significados. Foi usado quando Moisés, com 3 meses de idade, chorava no cesto no rio Nilo (Êx 2.6). Quando Jeremias, ao ser chamado para o seu difícil ministério, afirmava a impossibilidade de aceitar a tarefa: "Eu não sei falar, pois ainda sou muito jovem (na'ar)" (Jr 1.6). Foi usado para se referir aos adolescentes que já trabalhavam, mas que ainda não tinham uma posição ou uma autoridade de adulto na sociedade. José, quando jovem, estava nessa categoria. Quando "tinha dezessete anos, pastoreava os rebanhos com os seus irmãos. Ajudava (literalmente 'era na'ar com) os filhos de Bila e os filhos de Zilpa, mulheres de seu pai" (Gn 37.2). Foi usado para descrever os jovens espiões recebidos e protegidos por Raabe (Js 6.23). Josué era o moço assistente (na'ar) de Moisés, isto é, seu auxiliar (Êx 33.11). Samuel viveu sua infância como na'ar na casa do Senhor em Silo (18m 2.18). O profeta Isaías foi irônico na resposta ao rei Ezequias, quando ele pediu orientação diante das ameaças do general assírio: "Digam a seu senhor que assim diz o Senhor: 'Não tenha medo das palavras que você ouviu, das blasfêmias que

os servos do rei da Assíria lançaram contra mim" (2Rs 19.6). Aqui servos é a tradução de na ar, como significando: "Não tenha medo das blasfêmias desses meninos de recado". E falava dos altos oficiais do poderoso exército, sem dúvida vestidos de gala! Na cultura da antiga Israel, o jovem, ou na ar, tinha responsabilidades. Trabalhava. Aprendia, absorvendo aquilo que o tornaria mais útil como adulto, quando teria mais influência na sociedade que eventualmente se tornaria seu lugar definitivo.

Outro termo do Antigo Testamento para *criança*, e às vezes até para o jovem adulto, é *dly 'yeled'*, algo "gerado" ou "dado à luz". Seu uso, e o do verbo com o mesmo sentido, muitas vezes revela o papel de Deus no nascimento do ser humano, a forma como ele nasce e deixa uma prole. Graus diferentes do verbo são empregados conforme o seu sujeito: o pai "faz nascer" a criança (*hifil*); a mãe dá à luz (*qal*); a criança é o "nascido" (*nifal*); a parteira "cuida do nascimento" (quase sempre *piel*); e o nascimento é registrado (usando o *hitpael*). Trata-se de um nascimento, de deixar uma prole. As experiências das mulheres dos patriarcas, Sara e Rebeca, confirmam que o nascimento de uma criança é fruto da vontade soberana de Deus; como também seria o caso da mãe de Sansão, e mais tarde da mãe de Samuel (Gn 17.17, 19; Gn 25.21, 26; Jz 13; 1Sm 1-2). De fato, Deus já está controlando a situação antes mesmo do nascimento.

Tu criaste o íntimo do meu ser e me teceste no ventre de minha mãe. Eu te louvo porque me fizeste de modo especial e admirável. Tuas obras são maravilhosas! Digo isso com conviçção. Meus ossos não estavam escondidos de ti quando em secreto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra. Os teus olhos viram o meu embrião; todos os dias determinados para mim foram escritos no teu livro antes de qualquer deles existir (Sl 139.13-16).

É significativo o uso desse verbo nas genealogias, em que os filhos gerados faziam parte do plano mestre de Deus, tanto para povoarem a terra como para levarem o Cristo, que vem ao mundo como descendente de Adão, de Abraão e como "filho de Davi". Nas genealogias, nem sempre "gerar" remete à geração

imediatamente anterior, como por exemplo, em Crônicas: "Mizraim gerou os luditas, os anamitas, os leabitas, os naftuítas, os patrusitas, os casluítas, dos quais se originaram os filisteus e os caftoritas" (1Cr 1.11-12). O mesmo parece acontecer no primeiro capítulo de Mateus, onde as "quatorze gerações" de Davi até o exílio babilônico omitem três reis que teriam ocupado o trono de Judá, sem por isso invalidar a ascendência do "Rei de Israel" (Mt 1.8; 1Cr 1.10-16). Os filhos (yeled) dos estrangeiros residentes na terra restaurada em Ezequiel merecem uma menção especial: "Distribuam essa terra entre vocês de acordo com as tribos de Israel. Vocês a distribuirão como herança para vocês mesmos e para os estrangeiros residentes no meio de vocês e que tenham filhos (yeled). Vocês os considerarão como israelitas de nascimento; junto com vocês, a eles deverá ser designada uma herança entre as tribos de Israel" (Ez 47.21-22). Baseado nisso, é possível inferir que toda criança nasce porque Deus quer, para um propósito já definido por ele, e com direitos que devem ser respeitados.

Finalmente, quais as qualidades necessárias nos que procuram ajudar as crianças? Elas podem ser encontradas nas atitudes de Deus Pai, na maneira como ele estabelece e nutre o relacionamento com seus filhos. Ele nos inclui na família. Somos aceitos. "Em amor nos predestinou para sermos adotados como filhos, por meio de Jesus Cristo, conforme o bom propósito da sua vontade" (Ef 1.5). Dá-nos o seu Espírito para confirmar isso, pois "O próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8.16). Tem alvo definido. Quer "levar muitos filhos à glória" (Hb 2.10). Para tanto, disciplina seus filhos: "Deus nos disciplina para o nosso bem, para que participemos da sua santidade" (Hb 12.10). Como Pai do filho pródigo, e do irmão deste, Deus dá um belo exemplo. Ele abre mão da sua tremenda dignidade para nos receber e nos restaurar. Dá liberdade para tomarmos decisões sem sermos obrigados a tanto. Ao errarmos, faz de tudo para nos trazer de volta, pagando um alto preço para possibilitar esse retorno. Orienta nossas atitudes tantas vezes defeituosas para com os irmãos. Haja vista as implicações de "esse teu filho" contra "este seu irmão" (Lc 15.30, 32). Quer comunhão e comunicação conosco. "Nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo" (1Jo 1.3). Se pela graça de Deus imitarmos as atitudes e ações desse Pai, seremos bem-sucedidos em nosso ministério junto aos pequeninos e os jovens.

Betty Bacon nasceu em 1927, perto de Oxford, na Inglaterra. Bacharelou-se em língua e literatura inglesas na Universidade de Londres. Chegou ao Brasil em 1951 como missionária da Latin Link. Lecionou hebraico e Antigo Testamento em vários seminários brasileiros e participou da tradução da Bíblia NVI.

A criança como sinal

MILTON SCHWANTES

Alguns textos do Antigo Testamento se tornaram conhecidos por terem sido retomados no Novo Testamento. São passagens como "o povo que andava em trevas viu grande luz" e "um menino nos nasceu" (Is 9. 2, 6; Mt 4.16).

Quando partes do Antigo Testamento são mencionadas no Novo, elas geralmente se distanciam de sua origem — quase nos esquecemos de onde vêm. É justo que elas sejam lembradas justamente por estarem no Novo Testamento; afinal, ele apresenta um testemunho novo, contém o Antigo Testamento, está cumprido. No entanto, isso é insuficiente, pois o Novo Testamento apenas retoma partes do Antigo.

Assim, minha intenção não é substituir o Antigo Testamento; quero relê-lo, dar a ele um sentido novo e mais profundo a partir do evento de Jesus, o Cristo. Por isso, o Novo não dispensa o Antigo — ele nos anima a lê-lo, e com uma atenção renovada.

Ao observar Isaías 6-9 e 11, pretendo resgatar o sentido isaiânico dessas passagens. Veremos que tal resgate não elimina o sentido que partes desses capítulos obtiveram no Novo Testamento; em vez disso, aprofunda-o.

Além disso, esses capítulos de Isaías celebram as crianças. Em Isaías 8.18, por exemplo, elas chegam a ser entendidas como "sinais e maravilhas em Israel"! Antes de abordar o sentido messiânico das crianças em Isaías 6-9 e 11, porém, situarei o profeta nesses capítulos.

A época e as profecias de Isaías

Era o oitavo século antes de Cristo. Os reinos de Israel e Judá ainda gozavam de certa autonomia no contexto internacional. Porém, a invasão assíria, vinda das regiões mesopotâmicas, era iminente. Isaías começou a atuar em 740 e profetizou até meados de 700.

Quando Isaías começou seu ministério, Amós (em torno de 760) já havia sido silenciado e Oseias ainda profetizava. Porém, eles eram mensageiros no norte. Isaías era sulista, como seu contemporâneo, Miqueias. Contudo, este era do interior, de uma pequena vila, enquanto Isaías era filho da capital. Nascera em Jerusalém, ali fora vocacionado e ali profetizou.

As profecias isaiânicas abordam muitos conteúdos — afinal, ele atuou durante quarenta anos. Dentre as múltiplas facetas de suas mensagens, destacam-se três: o apelo à justiça, a confiança em Sião e a utopia messiânica. Falaremos sobre a última mais adiante. Agora, restrinjo-me a algumas observações sobre as primeiras.

O apego à justiça marca os primeiros pronunciamentos. É a exigência central e o padrão de medida. É a reivindicação e o parâmetro das denúncias. Em Isaías 1.17, nos deparamos com uma síntese sobre o sentido da justiça aos olhos de Isaías:

Aprendei a fazer o bem;
Atendei à justiça;
Repreendei ao opressor;
Defendei o direito do órfão,
Pleiteai a causa das viúvas.
Isaías 1.17

Isaías representa a teologia de Sião, do templo de Jerusalém — isso o diferencia de Miqueias, por exemplo, que prenuncia a ruína de Sião (Mq 3.12). A posição de Isaías é outra. Ele foi vocacionado no templo, como se vê no capítulo 6. Afirmava que Sião era a "habitação" de Javé (Is 8.18). Isaías era simpático ao santuário, mas não por

ser o lugar do altar de sacrifícios. Nesse ponto, o profeta é bem crítico: "De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios?" (Is 1.11). Isaías defendia o santuário por outro motivo. Para ele, Sião é asilo para os pobres, lugar de defesa dos oprimidos: "O Senhor fundou a Sião, e nela encontraram refúgio os aflitos do seu povo" (Is 14.32).

O profeta merece nossa atenção. A seguir nos dedicaremos mais profundamente a alguns de seus capítulos, especialmente Isaías 6-9 e 11.

Um panfleto em época de crise

Os capítulos 6 a 9 formam um conjunto. Há uma sequência entre as diversas cenas, uma unidade interna. Além disso, há uma espécie de quadro em torno deles. Os textos antecedentes e os precedentes estão integrados. Em Isaías 5.26-30 temos a estrofe de um hino, ao qual também pertence Isaías 9.8-21. Em Isaías 5.8-25 começa uma sequência de "ais" da qual Isaías 10.1-4 também faz parte. Esse hino e esses "ais" formam um tipo de quadro em torno do trecho que nos interessa: Isaías 6.1 até Isaías 9.7. É uma espécie de panfleto. E esse conjunto se refere ao mesmo episódio histórico. A partir de 740, os assírios, vindos da Mesopotâmia, avançavam com seu projeto imperialista e se apressavam em constituir um império. As regiões da Síria e da Palestina são contadas como parte dele. Afinal, os generais assírios pretendem subjugar até mesmo o distante Egito. Sua conquista ameaça os assírios.

Em 734 e 733, os temíveis exércitos assírios alcançam as fronteiras da Síria e ameaçam invadir os territórios setentrionais de Israel. Sob essa situação de ameaça externa, Síria e Israel se aliam para fazer frente à iminente invasão e entram em negociações com Judá, para que entre nessa coalizão antiassíria. O rei de Judá, na época o soberano Acaz, titubeia, mas por fim alia-se aos assírios. Paga-lhes o tributo. Em consequência, os exércitos da Síria e de Israel invadem Judá para pressionar seu soberano a uma mudança de atitude. Eles pretendem destronar Acaz e substituí-lo por outro. Esses episódios são conhecidos como "guerra siro-israelita".

Um documento de resistência

Nessa ocasião, Isaías profetizava em Jerusalém. Por um lado, ele jamais apoiou uma aliança com os assírios. Opôs-se à submissão de Judá à Assíria. Por outro, também não apoiava a coalizão antiassíria proposta por Síria e Israel, afirmando que ela não tinha futuro. Assim, o profeta contestou tanto uma aliança com os assírios quanto um pacto contra eles. Não se deveria confiar nem em armas nem em militares! Isaías opôs-se a qualquer solução militar e denunciou-a como completamente insuficiente. Para ele, carros de combate e exército não passavam de "carne". Não eram do Espírito. Por isso, eram frontalmente contra Javé (veja Is 31.1-3). Quem quisesse ir com Javé, quem pretendesse seguir o Espírito, teria de confiar na palavra profética. E o profeta anunciava que tanto os generais assírios quanto os militares siro-israelitas — por mais que esbravejassem — em breve seriam eliminados. Não valeria a pena aliar-se a um deles. Era melhor desistir das armas e confiar nessa palavra. Essa posição isaiânica está sintetizada no seguinte versículo: "Se o não crerdes, certamente, não permanecereis" (Is 7.9).

Em Jerusalém, Isaías foi pouco admirado por sua postura e isso é compreensível. Os partidários de uma aliança com a Assíria refutaram o profeta do mesmo modo que seus opositores, os adeptos de um pacto com Síria e Israel. E Isaías foi marginalizado, hostilizado por ambos os partidos.

Os capítulos de Isaías 6-9 se referem praticamente à atuação isaiânica nessas circunstâncias peculiares da "guerra siro-israelita" de 733-732. Os capítulos 7 e 8 narram os episódios e os capítulos 6 e 9 foram redigidos nessa ocasião. Aliás, é muito provável que o conjunto dos capítulos 6-9 tenha sido escrito no decorrer dos acontecimentos. É o que deduzo de Isaías 8.16-18. O profeta se refere a um documento, um "testemunho" redigido por ele num ambiente de expectativa. Isaías tornara pública sua posição antimilitarista e fora hostilizado por todas as partes. Estava até sendo acusado de conjurador e subversivo (Is 8.12). E enquanto aguardava o desdobramento dos acontecimentos, tratou de anotar o que sucedera em espécie de

documentário — que hoje chamaríamos de dossiê. Fez isso porque sabia que seu Deus, Javé, haveria de confirmar a veracidade de sua palavra.

Portanto, os capítulos 6-9 são uma espécie de panfleto escrito pelo profeta Isaías para divulgar sua oposição à elite, em especial militar, da capital de Judá, Jerusalém. O que nos interessa nesse panfleto é o papel atribuído pelo profeta às crianças.

Crianças que são sinais

As crianças desempenham um papel relevante nesse panfleto de resistência composto pelos capítulos 6-9 de Isaías. Elas representam denúncias e utopias. São símbolos.

Isso é visto no próprio Novo Testamento, cujas releituras do Antigo relacionam os textos de Isaías 6-9 com o nascimento de Jesus. É o que observo em Mateus 1.23; 4.15-16; Lucas 1.32-33, 79. À luz do Novo Testamento, as crianças citadas em Isaías 6-9 são particularmente significativas para a compreensão do texto.

Na verdade, os capítulos 6-9 não são os primeiros nem os únicos nos quais Isaías se refere a meninos e meninas. Apesar de não ser nosso foco, convém citarmos outras passagens nas quais Isaías exercita o sentido profético das crianças: em Isaías 1.17, ele exige a defesa dos órfãos. Em Isaías 1.23, denuncia a ausência do direito deles em Jerusalém. Em Isaías 10.2, acusa os governantes de os estarem roubando.

A era messiânica irromperá justamente para esses pequeninos, ameaçados de forma tão contínua. É o que se lê em Isaías 11.6. O profeta se refere também a crianças em outros contextos: Isaías 8.4-5; 9.17; 10.19; 13.18; 20.4. Esses exemplos mostram que os capítulos 6-9 não são uma exceção nas profecias isaiânicas. A importância que ele atribui às crianças condiz com o que conhecemos de outras manifestações suas. Nos capítulos em questão, a primeira passagem que se relaciona com nosso assunto é Isaías 6.13.

A semente santa

A interpretação de Isaías 6.13 é difícil, especialmente a frase final. Qual seria seu sentido?

Devemos entendê-la numa perspectiva de esperança, pois fala de um *broto* que é semente santa (Is 6.13).

Por um lado, o broto de uma planta atesta que houve corte e destruição; por outro, que a esperança está renascendo. Um broto de esperança. Embora ainda seja frágil, no futuro será um tronco, uma árvore. Trará frutos.

O capítulo 6 não esclarece quem seria este broto. Deixa a questão completamente em aberto e não dá indícios para a identificação da semente santa. Sua última frase tem a função de promover a pergunta. Ela inquieta o leitor, que quer saber quem seria este misterioso broto repentinamente citado. A questão fica em sua mente ao concluir o capítulo 6, que é a narração da vocação do profeta.

Portanto, ainda que a frase final do versículo 13 seja de difícil compreensão, ainda que muitos nem mesmo a atribuam ao profeta Isaías, mas a algum intérprete posterior, sua função é muito relevante. Os capítulos subsequentes se desenvolvem a partir da pergunta exposta na frase: Quem é o broto? Quem é esta semente santa? De fato, há nos capítulos 7-9 e 11 uma visível preocupação em respondê-la. Vejamos!

Um-Resto-Volta

Na cena narrada em Isaías 7.1-9, um menino ocupa um lugar importante. Embora não seja central, seu papel é relevante.

Os exércitos da Síria e de Israel se aproximavam de Jerusalém. Pretendiam forçar Judá e seu rei Acaz a aderir à aliança antiassíria. Temeroso, Acaz prepara sua defesa e, em especial, a de Jerusalém. Enquanto inspeciona as obras de fortificação, Isaías vai ao seu encontro. Estão em jogo duas propostas completamente diferentes: Acaz confia em suas armas e fortificações, pois teme os exércitos invasores da Síria e de Israel. O profeta propõe outra postura. Para ele, a fúria dos agressores não durará. Em breve será ruína. Por isso, Acaz não deve temer nem preparar-se para a guerra. "Aquieta-te!" — esta é a palavra de ordem do profeta.

Nesse encontro, Isaías vai acompanhado por seu filho. Seu nome é estranho: "Um-Resto-Volta". A rigor, nem se trata de um nome — é uma mensagem. Por intermédio do menino, Isaías leva em sua companhia um recado ao rei. Trata-se de uma promessa. Quando o rei desistir de confiar em armas e passar a crer na palavra isaiânica, haverá chance. Com os militares, não há futuro. Sem eles, há: "Um resto volta".

Esse futuro não está baseado em grandes seguranças e garantias. Afinal, seu símbolo é um menino. Porém, a utopia profética é representada justamente dessa forma frágil.

O futuro do povo de Deus não está no poder, mas na fraqueza. É mediado pelo resto. Esse é o broto ou a semente santa. O resto são as minorias abraâmicas, nas quais D. Hélder nos ensina a confiar.

Emanuel

Em Isaías 7.10-17, o cenário é outro — possivelmente o palácio. Isaías apelara ao rei para que desse crédito à palavra profética, mas Acaz aparentemente não reagiu. Isaías então insiste em que haja uma decisão.

O profeta propõe que o rei peça um sinal que lhe ateste que as palavras isaiânicas realmente vêm de Javé. Porém, ele se esquiva de pedir tal sinal. E isso é compreensível, pois o sinal o comprometeria com a proposta de Isaías: afastamento dos militares e confiança irrestrita no resto, nas frágeis minorias.

Em reação, o profeta apresenta um sinal. E são duas as consequências provenientes dele. Por um lado, reafirmando o que já fora dito em versículos anteriores, o sinal implicará em aniquilamento dos agressores, da Síria e de Israel. Por outro, o sinal também trará a destruição de Acaz e de sua dinastia. Um rei que se recusa a escutar a palavra profética está cavando sua própria ruína! Nenhum estado militarista tem qualquer futuro.

Porém, em que consiste esse sinal, cujas consequências são tão marcantes? O sinal que Javé dará é este: "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel" (Is 7.14).

Aqui uma criança está no centro das atenções; a mensagem isaiânica é representada basicamente por um menino e toda a cena dos versículos 10-17 converge para ele.

A mãe da criança não está mais no centro. O texto cita uma jovem mulher, mas não sabemos quem é ela. Seria uma mulher da corte ou a esposa do profeta? Talvez seja dispensável identificá-la. Afinal, o sinal converge para seu filho, e não para ela.

A criança-símbolo leva o nome de Emanuel. Trata-se de uma formulação hebraica que significa "Conosco-está-Deus". Segundo o contexto da cena, isso não quer dizer que Deus está conosco genericamente, ou seja, com toda e qualquer pessoa. Aqui o *nós* não é indefinido; está claramente identificado. É o profeta e as pessoas que aderem à sua proposta. Estão excluídos tanto o rei Acaz quanto seus militares e sua corte.

O nascimento e o crescimento desse menino-símbolo têm como consequência a ruína dos invasores (Síria e Israel) e do próprio rei de Judá. O castigo não será instituído por um contrapoder, igualmente violento e agressivo. Essa ruína será promovida por um menino que nasce, cresce e vai aprendendo a discernir entre o bem e o mal.

Isaías confia no futuro da fraqueza, e desconfia até mesmo do presente da valentia. Profetiza sobre Emanuel ("Conosco-está-Deus") e desautoriza Acaz e seus generais.

Rápido-presa pressa-saque!

Na cena apresentada em Isaías 8.1-4, uma criança ocupa novamente o lugar central. Nela se condensa a mensagem isaiânica. Seu nome certamente é estranho: "Rápido-presa pressa-saque!". Não se trata de um nome comum na cultura hebraica; é uma criação isaiânica derivada do conteúdo de sua mensagem profética.

Israel e Síria estavam sendo uma ameaça ao território de Judá, e Acaz e seus generais preparavam a defesa militar. Para Isaías, tais preparativos bélicos não faziam sentido. Os invasores em breve seriam mera ruína. Já vimos essa tese isaiânica em

Isaías 7.1-9 e em Isaías 7.10-17. Tanto "Um-resto-volta" quanto "Emanuel" eram símbolos que previam que a ruína das tropas siro-israelitas era iminente. A cena de Isaías 8.1-4 traz novamente esse alerta, e de maneira contundente. Isaías expõe em público um cartaz com os dizeres: "Rápido-presa pressa-saque!". E quando lhe nasce um filho, põe-lhe como nome essas palavras de ordem, profetizando a destruição da Síria e de Israel. Ambos serão feitos *presa* e *saque* e isso sucederá *rápido* e com *pressa*.

Os exércitos estavam por se confrontar. Sírios e israelitas estavam bem preparados para suas pretendidas conquistas, assim como os generais de Judá. Estavam em jogo o trono e o poder. Nessa confrontação internacional de exércitos bem treinados, Isaías intervém com cartazes e crianças. Estranho! Sua lógica é completamente diferente, pois ele confia em algo aparentemente insignificante. Em todo caso, a memória bíblica dá razão a essa lógica e não demonstra admiração pela lógica das armas para atacar ou defender, ou pela lógica dos altos comandos, que "nos quartéis ensinam a antiga lição de morrer pela pátria e viver sem razão".

Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz

Em Isaías 9.2-7 (ou 9.1-7, conforme outras traduções), uma criança está novamente no centro das atenções. Trata-se de um hino celebrativo que comemora a estrondosa alegria — júbilo como em dia de colheita — de um povo que andava em trevas. Há dois motivos para essa alegria. Por um lado, comemora-se a libertação. O jugo dos opressores foi desfeito — e sem luta ou combate. A libertação veio sem guerra. "Como no dia dos midianitas" (v. 4), Javé interveio e pôs a correr todos os agressores, tanto a Síria e Israel quanto a própria Assíria. As trevas estavam vencidas. Por outro lado, o motivo da alegria é o nascimento de uma criança. Nela está a razão principal das comemorações. "Um menino nos nasceu. Um filho se nos deu" (Is 9.6).

Esse menino será o governante: "o governo está sobre os seus ombros". Instaurará uma situação de "paz sem fim", de "direito e justiça". E por inaugurar tal regime, a criança desde já leva títulos extraordinários. Seu nome será: "Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz" (Is 9.6).

Hoje, por meio da descoberta de textos egípcios, sabemos que esses títulos tinham um significado especial nos tempos de Isaías. Os faraós egípcios intitulavam-se assim. Portanto, os títulos mencionados nesse trecho são emprestados da linguagem da corte egípcia. A diferença é que Isaías aplica esses atributos grandiosos a um menino. Ele, por assim dizer, aliena a linguagem cortesã.

Um menino é, pois, festejado como luz do povo — não um adulto. Aqui está o detalhe decisivo do capítulo. Costumamos negligenciá-lo, transformando sorrateiramente a criança num adulto. Afinal, são-lhe atribuídos títulos importantes, adultos, sem dúvida imponentes e inclusive de origem internacional! Porém, ainda assim, sua implicação não é internacional nem imponente. É escandalosa. Um menino de origem desconhecida assume os títulos. Adota-os. Se essa tensão existente entre a grandiosidade dos atributos e a pequenez de seu portador é imperceptível, retira-se de Isaías 9 sua especificidade. Ela está em um menino designado príncipe — o messias libertador é uma criança!

Sairá um rebento

Isaías 11 já não pertence ao panfleto dos capítulos 6-9. É posterior a ele. Embora sua datação seja desconhecida, é importante constatar que sua temática é similar a do panfleto e por isso está relacionada a ele. Isaías 11 retoma a figura do broto de Isaías 6.13, designando-a *rebento* e *renovo*: "Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes, um renovo" (Is 11.1).

Houve destruição. Acaz foi deposto e vimos que o nascimento do Emanuel implicava a ruína da casa de Acaz (Is 7.17). Restou somente um toco, "o tronco de Jessé". O *rebento* ou *renovo* pressupõe, pois, a ruína da monarquia e do militarismo que lhe dava sustentação. O *rebento* ou *renovo* não é um monarca!

Sua principal qualidade é que sobre ele pousará o Espírito de Javé. Ora, a Bíblia raramente correlaciona a concessão do Espírito a um monarca. O Espírito é característico do tempo dos juízes. Ele se apossa deles e os capacita a serem libertadores de um povo oprimido (Jz 11.29). O rebento ou renovo é um juiz justo e libertador, não um monarca substituto. Para Isaías, os monarcas de Jerusalém

estavam associados ao militarismo, haviam refutado as promessas proféticas e — de acordo com Isaías 7.13 — "cansavam a Deus". Isaías não aguardava outro monarca, mas um libertador à semelhança dos da época dos juízes.

A tarefa desse renovo cheio do Espírito é a efetivação da justiça. O mesmo fora dito do menino em Isaías 9.7: ele instaurará uma situação de direito e justiça. O capítulo 11 repete isso e acrescenta que a defesa dos pobres é o coração da justiça. Afirma que o renovo "julgará com justiça os pobres e decidirá com equidade a favor dos mansos da terra; ferirá a terra com a vara de sua boca e com o sopro dos seus lábios matará o perverso" (Is 11.4).

As expectativas em torno do renovo são grandes. Sua tarefa é abrangente. Contudo, ele mesmo não passa de um renovo, de um rebento. É fraco como os fracos que defende! A própria pequenez é a mediação para a libertação dos pequenos. Nesse sentido, não é acaso que, no cenário paradisíaco do lobo que pasta com o cordeiro (Is 11.6-9), os pequeninos, as crianças de peito e os recém-desmamados sejam os mediadores e os primeiros beneficiados com a restauração da justiça e da paz. Os menores são agentes proféticos!

Crianças — sinais e símbolos

Vimos que Isaías 6-9 e 11 constantemente retomam o tema do broto, do renovo, das crianças. Nesses capítulos, o profeta agrupa sua mensagem em torno dos menores. Existe inclusive uma passagem na qual Isaías formula uma espécie de síntese da sua proposta: "Eis-me aqui, e os filhos que o Senhor me deu, para sinais e para maravilhas em Israel da parte do Senhor dos Exércitos, que habita no monte Sião" (Is 8.18).

Nessas crianças, Isaías vê condensada sua profecia. São parábolas de utopia que irradiam a partir das crianças. Mas ele não reduz o enfoque nem se restringe sentimentalmente a elas. Ele visa à libertação dos "oprimidos da terra" (Is 11.4). Tem em mente a ameaça aos soberanos em Jerusalém (Is 7.17) e a ruína do militarismo (Is 7.3-9). As crianças são sinais dessas denúncias e dessa esperança.

Percebe-se que Isaías não enfrenta a corte e seu monarca Acaz dentro da lógica dos poderosos, que apostam em armas e em estratégias militares. O profeta aposta no inverso, que está no reverso da história. Brotos e renovos, meninas e meninos são sinais e símbolos de que a utopia renasce a partir desse reverso.

* * *

Vimos que os capítulos 6-9 de Isaías formam um conjunto. O capítulo 11 está em suas imediações, mesmo que não o integre. Esse conjunto é uma espécie de panfleto em que está documentada a resistência do profeta contra as ações políticas e militares de Acaz e de sua corte. É um documento de resistência política, não de adesão ou conivência.

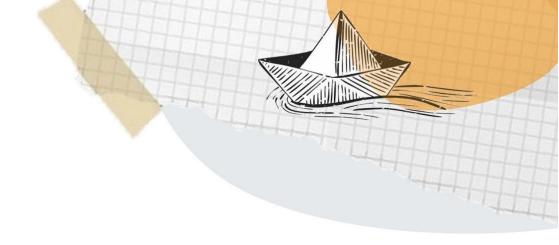
As crianças ocupam um lugar de destaque nas diferentes cenas e partes desse panfleto. Seus nomes são simbólicos: "Um-resto-volta", "Emanuel", "Rápido-presa pressa-saque", "Maravilhoso Conselheiro". No mesmo nível se encontram designações como *broto* (Is 6.13) e *rebento* (Is 11.1). Em algumas cenas, as crianças estão no centro das atenções. São idênticas à linguagem profética. É surpreendente que elas cheguem a ocupar um lugar de tanto destaque em nosso panfleto. Afinal, é um ambiente social no qual o adulto, em especial o ancião, detém a hegemonia.

Essas crianças estão nas imediações dos pobres. É o que acontece em outras passagens isaiânicas (veja Is 10.1-2) e o que se observa em Isaías 11.4! Ele profetiza a partir das crianças, dentro da perspectiva de sua profecia em defesa dos empobrecidos, nos quais vê — de acordo com Isaías 3.14-15 — o âmago do povo de Deus. Essa predileção de Isaías pelas crianças poderia ser em parte explicada à luz de seu contexto, já que Isaías foi profeta em Jerusalém, na capital de Judá, onde teriam existido muitas crianças abandonadas. Isaías profetiza desde os fracos. Opõe-se ao poder, em especial ao militar. Denuncia-o como mera *carne* (Is 31.3). A mediação do Espírito é essa carne. É o renovo, a fraqueza. Isaías prepara o caminho do Messias fraco e pobre, do Messias criança.

Nesse panfleto, o profeta fala da presença de Javé de maneira concreta, apresentando-o como Deus-conosco. Na resistência, anuncia a radical proximidade

de Javé. Crianças a assinalam. Simbolizam-na. Mas nosso Deus não se esgota em tais aproximações; não se restringe a tais encarnações. Porém, simultaneamente, não é acessível nem compreensível sem elas. Sua proximidade é indispensável — e assinalam-na as crianças e os pobres. Consequentemente, é indispensável que os compreendamos como sinais e símbolos messiânicos.

Milton Schwantes foi professor do Programa de Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo até o ano de 2012. Dedicou-se principalmente à exegese de textos bíblicos.



Parte 4

no olhar do Novo Testamento

A criança no meio

WILLIAM L. LANE

Que todas as suas expectativas sejam frustradas, que todos os seus planos sejam atrapalhados, que todos os seus desejos sejam reduzidos a nada, que você possa experimentar a impotência e a pobreza de uma criança, e então cantar e dançar no amor de Deus que é Pai, Filho e Espírito. Larry Hein

Desde as primeiras consultas e discussões sobre a Teologia da Criança (TC), as reflexões têm sido motivadas e inspiradas por Mateus 18.1-5. A TC tem sido majoritariamente construída a partir desse diálogo entre os discípulos e Jesus sobre quem seria o maior no reino dos céus, focando principalmente o gesto de Jesus de colocar uma criança "no meio deles". De certo modo, é justamente isso que a TC pretende em relação a toda a teologia — colocar a criança no centro do debate teológico. Ela pretende "revisar a teologia cristã como um todo, prestando atenção à criança colocada no meio por Jesus".¹

Assim, precisamos voltar ao texto bíblico, examinar atentamente o gesto e as palavras de Jesus e deixar esse texto nos inspirar e nos motivar.

O texto e sua interpretação

O texto de nossa análise é um breve diálogo entre Jesus e os discípulos, provocado por uma pergunta: "Quem é o maior no reino dos céus?". A trama é simples. Os discípulos aproximam-se do mestre, lhe fazem uma pergunta e Jesus lhes responde, como em tantos outros casos. Porém, sua resposta introduz uma complexidade. Um novo sujeito — uma criança — é trazido para o diálogo. Um sujeito inicialmente ausente, à margem, não diretamente parte do grupo de discípulos, tampouco de sua preocupação. Eles pensavam em grandeza, hierarquia, primazia, distinção e sucessão do mestre.

O texto que está diante de nós é simples; porém, é provocador e, de certo modo, perturbador. Ao examiná-lo, partimos de uma perspectiva discursiva por meio da qual analisaremos as ações das pessoas no tempo e no espaço.²

Porém, antes de voltarmos ao texto, queremos saber como ele era ouvido, lido e entendido pelos antigos intérpretes cristãos.

O que diziam os antigos

A teologia cristã tem uma longa e sólida herança de comentários das Escrituras. Desde os pais da igreja até os dias de hoje, a busca pelo sentido de uma passagem bíblica é primordial para toda reflexão teológica. Por isso, em praticamente todas as épocas da teologia cristã, os livros da Bíblia foram comentados — seja em forma de traduções, comentários, sermões, credos, ou confissões. Seguindo essa herança, toda reflexão teológica sobre a criança precisa se inspirar na exposição das Escrituras. Entretanto, antes de nos dedicar à exposição de Mateus 18.1-5, vejamos como esse texto foi entendido e interpretado por alguns dos pais da igreja. Destacamos os comentários de Jerônimo, Crisóstomo, Orígenes, Hilário de Poitiers e Epifânio. Como representante da tradição reformada, destacamos João Calvino.

Jerônimo procura entender o que motivou os discípulos a perguntarem a Jesus sobre quem seria o maior no reino dos céus justamente "naquela hora". Em sua opinião, está em jogo o fato de que Jesus acabara de pedir a Pedro que pagasse o imposto devido ao templo (Mt 17.24-27) e os discípulos perceberam que "o mesmo imposto foi pago tanto para Pedro quanto para Jesus". Os discípulos concluíram que, se Pedro pagou o mesmo valor que o mestre, ele estaria sendo colocado acima dos

demais. Então, para Jerônimo, a figura da criança contrasta com a atitude dos adultos:

Assim como essa criança cujo exemplo eu lhes apresento não permanece irada, não guarda as ofensas sofridas, não se enamora com a vista da beleza feminina, não pensa uma coisa e fala outra, da mesma forma, se vocês não tiverem pureza e inocência semelhante, não poderão entrar no reino dos céus.⁴

Crisóstomo interpreta o texto de modo semelhante. Ele entende que a pergunta foi provocada por um sentimento de perturbação dos discípulos em relação a Pedro. Jesus entregou as chaves do reino a Pedro e o abençoou (Mt 16.17, 19). Quando Jesus pede a Pedro que pague o imposto "por mim e por você", os discípulos ficam incomodados.⁵

Para Orígenes, conhecido por aplicar uma interpretação mais alegórica ou espiritual ao texto, a criança que Jesus chama e coloca no meio dos discípulos representa o Espírito Santo que se humilhou. Jesus usou a criança como exemplo para que seus discípulos seguissem o exemplo do Espírito Santo.⁶

Para Hilário de Poitiers, a simplicidade da criança é demonstrada porque ela "segue seu pai, ama sua mãe, não consegue desejar o mal ao próximo, não se preocupa com riqueza, não é orgulhosa, não tem ódio, não mente, acredita no que lhe é dito e toma como verdade o que dizem a ela". Nós encontramos o caminho de entrada no reino quando conseguimos nos apropriar desse hábito e dessa vontade em todas as nossas emoções.⁷

Epifânio, o Latino, observa que Jesus não só repreende a ambição dos apóstolos, como também reprime a ambição dos cristãos em todo o mundo. Com o exemplo da criança, Jesus mostra que aquilo que ele vive por meio de sua natureza, nós devemos seguir por meio da santidade, pois uma criança não sabe guardar ressentimento ou ficar amargurada. Não sabe pagar o mal com o mal. Não tem pensamentos desprezíveis. Não comete adultério e assassinato nem se envolve em um incêndio criminoso. Ela é completamente apática com relação ao roubo, às brigas e a

tudo que possa lhe conduzir ao pecado. Não sabe injuriar as pessoas, blasfemar, machucar ou mentir. Ela acredita no que ouve. Não analisa o que lhe mandam fazer. Ama os pais com todo afeto.

Para Epifânio, por meio do viver em santidade, devemos ser o que a criança é em sua simplicidade.⁸

Dentre os representantes da Reforma, Calvino se dedicou extensamente a interpretar e comentar as Escrituras. Sobre as circunstâncias desse diálogo com Jesus, ele diz que devemos prestar atenção na ocasião em que isso acontece. Jesus predisse sua morte e isso provocou angústia nos discípulos. Calvino indaga: "Como é possível que essa angústia desaparecesse por um momento? Certamente, é porque a mente das pessoas busca tanta ambição que, esquecendo-se da situação corrente de conflito, elas se apressam, sob a influência ilusória de falsa imaginação, em busca de triunfo".9

Calvino diz ainda que essa disputa dos discípulos se deu porque eles abandonaram o que lhes fora dito sobre a morte de Cristo e fixaram suas mentes na ressurreição, pensando que Cristo estabeleceria um reino terreno e imediatamente conquistaria prosperidade e riqueza.¹⁰

Para Calvino, os discípulos cometeram dois erros. O primeiro foi deixar de lado a cruz e desejar as recompensas, a honra e o descanso. O segundo foi criar uma disputa entre si sobre quem seria o maior em vez de cooperarem uns com os outros.

Calvino situa o exemplo da criança colocada no meio deles nesse contexto de disputa entre os discípulos. Para ele, a criança é um "emblema de humildade".¹¹

A visão dos antigos sobre a criança pode ser agrupada em quatro interpretações distintas. A criança simboliza: a) a simplicidade (Jerônimo e Crisóstomo); b) o Espírito Santo (Orígenes); c) a pureza moral (Hilário e Epifânio) e d) a humildade (Calvino). Para alguns, essa é a condição para se "entrar no reino dos céus" (Jerônimo, Crisóstomo etc). Outros entendem que Jesus está deixando um exemplo de como nos relacionar com os outros no reino dos céus (Calvino).

Essa reflexão serve de pano de fundo para a interpretação do texto. O desafio de compreender o texto não só nos leva a procurar entender o que a criança

representa, mas também a entender a que exigências ela atende. Ou seja, ser como uma criança nos dá acesso a que no reino?

Para isso, analisaremos o texto em sua dimensão espaço-temporal.

A dimensão espaço-temporal

Toda ação e fala acontecem no tempo e no espaço. As marcas de tempo e espaço no texto são mais que simples informações sobre onde e quando os fatos aconteceram. Elas se referem também ao sentido do texto. Com essa perspectiva, voltamos nossa atenção ao texto em busca da identificação e da interpretação dessas marcas.

Naquela hora

A primeira expressão de Mateus 18.1 diz respeito ao momento em que o diálogo aconteceu: "Naquela hora". Isso necessariamente nos leva ao texto anterior. Jesus e os discípulos haviam chegado a Cafarnaum e foram abordados pelas pessoas que arrecadavam para o templo o imposto de duas dracmas. Elas perguntaram se o mestre não pagaria o imposto devido. Depois de entrarem em casa, Jesus pergunta a opinião de Pedro.

Nesse episódio, Jesus sugere que o cidadão do reino não precisaria pagar o tributo — apenas o estrangeiro. No entanto, para evitar a polêmica, ele fala para Pedro tirar o imposto de sua pesca.

Nesse momento, os discípulos indagam Jesus sobre um assunto aparentemente não relacionado. Porém, olhando mais atentamente, percebemos que a relação existe.

O assunto é a partida de Jesus e o reino, conversa que os ocupava desde a Galileia, quando Jesus outra vez falara de sua morte e ressurreição (Mt 17.22-23). Agora a discussão se volta para quem seria o maior no reino. Talvez a preocupação dos discípulos fosse a sucessão de Jesus, caso as predições sobre sua morte se cumprissem.

A conversa está também na sequência do pedido de um pai para que Jesus curasse o filho endemoninhado que os discípulos não puderam libertar. Depois da cura, os discípulos perguntam a Jesus por que não puderam expulsar o demônio. Jesus responde que foi por causa da pequenez de sua fé.

Esse foi o contexto. Os assuntos eram: a sucessão de Jesus, o poder, a capacidade e a qualificação dos discípulos e o pagamento ou a isenção de imposto. Naquela hora, os discípulos queriam saber sobre o maior no reino de Deus.

A conversa é "de gente grande". Não é um ambiente para crianças. Preocupar-se com poder, preferências, garantias e conforto parece ser uma característica da mente adulta; de um grupo de pessoas interessadas em discutir sucessão, qualificação e diferenças entre si.

Jesus "em casa"

O diálogo acontece "em casa". A expressão está em Mateus 17.25: "Ao entrar Pedro em casa, Jesus se lhe antecipou [...]". O texto paralelo de Marcos 9.33-37 confirma esse lugar: "Tendo eles partido para Cafarnaum, estando ele em casa, interrogou os discípulos: De que é que discorríeis pelo caminho?" (Mc 9.33).

Jesus havia se mudado para Cafarnaum (Mt 9.12-13). Porém, acredita-se que essa casa era de Pedro, pois ali haviam se reunido em outras ocasiões (Mc 1.29). De todo modo, Cafarnaum foi um local importante para o ministério de Jesus na Galileia, local considerado pela profecia de Isaías como "os confins de Zebulom e Naftali" (Mt 4.15; Is 9.1-2). Embora Jesus ensinasse também na sinagoga de Cafarnaum (Mc 1.21; Jo 6.59), essa discussão não acontece lá, e sim na casa de Pedro.

O ambiente não é a sinagoga ou o templo, nem há uma discussão com os religiosos da época sobre o reino de Deus. Jesus está acompanhado de seus discípulos, pessoas próximas com quem ele compartilhava ensinamentos específicos sobre o reino, e eles estão em um ambiente familiar fora dos centros de culto, ensino ou poder religiosos.

Nesse ambiente, os discípulos parecem se sentir mais à vontade para consultar Jesus sobre coisas que eles não tinham entendido. Em muitas ocasiões, foi depois de se afastarem das multidões e irem para um lugar mais privativo que os discípulos indagaram Jesus sobre algum assunto (Mt 13.36; 17.19) ou que Jesus lhes explicou algo em particular (Mt 16.13, 24; 24.1-2; 26.1). Da mesma forma, nesse ambiente caseiro e privado, Jesus responde a indagação dos discípulos sobre o maior no reino dos céus.

Pessoas e ações

Para entendermos o gesto de Jesus e a lição dada aos discípulos, é preciso nos atentar para as personagens da cena. Quem são, o que fazem e como são caracterizadas, não só nesse texto, como também no Evangelho de Mateus.

Os discípulos

De acordo com Mateus, o relato tem início com uma ação dos discípulos. São eles que começam o diálogo, que têm a iniciativa de se aproximar de Jesus e o interrogar. Jesus responde a pergunta dos discípulos primeiramente com um gesto (chamou uma criança e a colocou no meio deles), depois com uma exortação (Mt 18.3-5).

Nesse ambiente particular e restrito, os discípulos tiravam suas dúvidas, buscavam orientação e faziam as perguntas difíceis. Sem o constrangimento de serem repreendidos em público, como faziam os fariseus, os discípulos podiam tratar de assuntos relacionados a eles mesmos. No capítulo anterior, eles haviam perguntado a Jesus por que não puderam expulsar o demônio. A resposta de Jesus confronta o tamanho de sua fé (Mt 17.20).

Nesse mesmo episódio, Lucas nos relata que "Todos ficaram maravilhados ante a majestade de Deus. Como todos se maravilhassem de quanto Jesus fazia, disse aos seus discípulos: 'Fixai nos vossos ouvidos as seguintes palavras: o Filho do Homem [...]" (Lc 9.43, 44). Os discípulos não entenderam e tinham medo de interrogá-lo (Lc 9.45). Porém, começaram a discutir sobre quem seria o maior.

Lucas ressalta o contraste entre a admiração do povo por Jesus, a missão do Filho do Homem e o desejo de grandeza dos discípulos. O desejo destes de saber quem seria o maior era uma afronta ao que Jesus acabara de ensinar sobre seu sofrimento.

Além do mais, os discípulos são muitas vezes descritos como aqueles que não entendiam os ensinamentos. Eles não entenderam a advertência de Jesus sobre o fermento dos fariseus (Mt 16.5-12), Pedro não entendeu a transfiguração (Mt 17.4), eles não entendiam as profecias sobre Elias (Mt 17.10) e não sabiam por que não puderam expulsar o demônio (Mt 17.19).

Quando Pedro reconhece ser Jesus o Cristo, Jesus diz que não foi carne e sangue que o revelou (Mt 16.17), ou seja, Pedro seria incapaz de entender se não fosse a revelação do Pai. Isso se confirma quando Jesus prediz sua morte e Pedro o reprova por falar dessa maneira. Jesus o repreende dizendo: "Arreda-te, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço [...]" (Mt 16.21-22).

Esses relatos mostram os discípulos sendo caracterizados como pessoas que não entendiam o conceito de majestade e humildade da missão do Filho do Homem. Eles buscavam grandeza, proeminência, poder e privilégios. No episódio de Mateus 18.1-5, não é diferente. Essa falta de compreensão e o desejo de grandeza se contrastam nitidamente com a segunda predição de Jesus de que o Filho do Homem seria entregue nas mãos dos homens (Mt 17.22-23).

O gesto e as palavras de Jesus também contradizem claramente a atitude e os desejos dos discípulos.

Jesus

Diante da pergunta dos discípulos, Jesus chama uma criança e a coloca "no meio deles". Um gesto singelo, sem grandes elucubrações, surpreendente, provocador e profundamente confrontador para quem estava preocupado com grandeza. Talvez os discípulos esperavam que Jesus mencionasse a fé, a dedicação e a ousadia de alguns

deles. Quem sabe até pensassem que Jesus lhes ofereceria um modelo para seguir. Porém, a pergunta deles é respondida de outra forma.

Em outras passagens, Jesus já havia deixado claro aos discípulos que ele não buscava grandeza. Diante da confissão de Pedro, Jesus os adverte a não dizerem que ele era o Cristo (Mt 16.17). Depois da transfiguração, ele não permite que seus acompanhantes contassem o que tinham presenciado (Mt 17.9). Jesus tinha também definido o discipulado como carregar sua própria cruz e segui-lo (Mt 16.24). Por um lado, essas e outras passagens apontam para a essência do poder e da majestade de Jesus, mas não conforme valores sociais, políticos e religiosos desse mundo. Por outro, apontam para a grandeza do sofrimento, da humildade e da simplicidade.

São duas visões de poder e majestade que se confrontam no diálogo entre os discípulos e Jesus. De um lado, os discípulos, que ainda não haviam entendido a essência da missão do Filho do Homem; do outro, Jesus, que falava de exaltação, se transfigurou e admitia ser o Cristo, mas que falava também em morrer, sofrer e ser entregue nas mãos dos homens.

A criança

Nesse texto a criança é objeto de uma ação/palavra de Jesus. Jesus a chama e a coloca "no meio deles" (Mt 18.2). A criança não fala, não faz parte do diálogo. Porém, é a figura central de uma lição sobre grandeza. O Evangelho de Marcos acrescenta que Jesus tomou a criança "nos braços" (9.36). Lucas não registra a expressão "no meio deles"; em vez disso, diz que Jesus a colocou "junto a si" (9.47). Essa expressão de aconchego e contato físico não se encontra em Mateus. Porém, Mateus expande a resposta de Jesus ressaltando algumas características da criança que são necessárias para que alguém possa "entrar no reino dos céus". Os versículos 3 e 4 de Mateus 18 não encontram paralelo em Marcos e Lucas.¹²

A criança colocada no meio pode ter sido uma criança da casa. Talvez ela estivesse ouvindo a conversa ou foi chamada por Jesus porque estava nas proximidades. Em geral, o lugar da criança era no seio da família, seja em eventos religiosos ou sociais. Nem sempre havia separação entre crianças e adultos.

A posição social e religiosa da criança era ambígua. De certo modo, ela tinha seu lugar no ritual religioso. Desde a infância, era trazida para a dedicação e incluída nas cerimônias religiosas, não só no judaísmo e no cristianismo, mas também nas práticas religiosas do Egito, Grécia e Roma. O culto público é, em muitos sentidos, uma extensão das práticas religiosas da família e do clã.¹³

Na perspectiva helenista, a criança era considerada inocente e pura. Nascia como uma matéria-prima que necessitava ser trabalhada. A educação e a instrução eram os meios de transformar essa matéria-prima em um ser capaz, sábio, inteligente e adulto.¹⁴

Além disso, ela representava fraqueza e insignificância. No judaísmo não havia o conceito da inocência da criança. Em vez disso, consideravam-na corrompida desde sua concepção (Sl 58.3) e sua individualidade não era levada em conta. Provavelmente, era também considerada mais baixa na escala social.¹⁵

Naturalmente, Jesus vivia sob a influência tanto da tradição e da religião do Antigo Testamento, quanto da mentalidade grega. Portanto, nem sempre está claro se Jesus reflete a perspectiva helenista ou a judaica sobre a criança. Aparentemente, ele não advoga a visão da inocência da criança. Nesse texto em particular, percebe-se que a questão não era moral. Jesus não estava dizendo que era preciso se tornar puro e inocente como uma criança para entrar no reino.

Síntese

Observamos até agora que esses eventos ocorreram em Cafarnaum, cidade de Jesus (Mt 9.12-13), à beira do mar da Galileia. A Galileia era conhecida como terra dos gentios. No tempo de Salomão, vinte de suas cidades foram entregues a Hirão, rei de Tiro, em pagamento pelo material adquirido para a construção do templo (1Rs 9.10-11). A Galileia foi o local da infância de Jesus e Cafarnaum, em particular, foi o cenário de boa parte de seu ministério público. Jesus foi levado para a Galileia por seus pais, em retorno do Egito, fugindo de Herodes (Mt 2.22). Ali foi batizado (3.13), morou (4.12, 13), chamou os discípulos (4.18) e começou o ministério de ensino e cura

(4.25). Foi para lá também que se dirigiu depois da ressurreição para encontrar-se com os discípulos (26.32; 28.7, 10, 16).

Contudo, mais do que uma descrição geográfica da origem e atuação de Jesus, a Galileia era, no mundo sócio-religioso judaico e na esfera político-social romana, um local desprezível e irrelevante. Os Evangelhos enfatizam a importância desse ambiente para o ministério de Jesus.

Ele escolhe esse contexto, à margem, fora dos grandes centros urbanos e do poder, para preparar os discípulos e revelar sua missão. Não foi em uma sinagoga, utilizando um ensino formal, que Jesus os ensinou, mas em casa.

Valores em conflito

Depois de analisarmos as ações das personagens no tempo e no espaço, voltaremos a atenção para o enunciado de Jesus nos versículos 3 a 5 de Mateus 18 para entender quais valores foram idealizados por Jesus para o cidadão do reino e quais foram rejeitados por ele, mas ambicionados pelos discípulos.

Há várias expressões que requerem uma análise mais detalhada. De um lado, há ações condicionais: se converter, se tornar como criança (v. 3), se humilhar (v. 4) e receber uma criança (v. 5). De outro, as ações principais decorrentes dessas: entrar no reino (v. 3), ser maior no reino (v. 4) e receber a Jesus (v. 5). O que Jesus quis dizer com essas palavras? Como esse texto pode nos ajudar a entender o lugar da criança na teologia e o lugar da teologia na criança?

É importante notar que os versículos 3 e 4, em que Jesus ressalta o converter, tornar-se como criança e humilhar-se, são característicos de Mateus — não se encontram em Marcos e Lucas.

Ações condicionais

O que significam essas expressões? A expressão "converter" (*strefo*, em grego), não tem necessariamente a conotação de conversão a Cristo, de uma mudança regeneradora de vida, no sentido de conversão a uma nova religião. Esse termo, típico dos Evangelhos e de Atos, é usado várias vezes no sentido de voltar-se para

alguma coisa (Mt 5.39). Nesse contexto, significa mudar de ideia ou valores, deixar de se preocupar com o poder e voltar-se ao exemplo da criança.

Além de se converter, era necessário "tornar-se como crianças". As duas expressões juntas podem ser traduzidas como "voltar a ser como crianças". 6 Como diz Barbaglio:

"Note-se que o texto não diz que é preciso tornar-se criança. Aqui não se oferece nenhum ideal de infância. Nem se propugna por sonhos de beleza e de inocência infantil. Está totalmente ausente a ideia romântica da eterna criancinha". ¹⁷

A ambição dos discípulos e os valores do reino dos céus são incompatíveis. É impossível conciliá-los. Para que os discípulos pudessem entrar no reino, era preciso deixar de lado sua ambição e voltar-se para aquele exemplo da criança.

Conforme observamos antes, os intérpretes cristãos divergem quanto ao que significa "tornar-se como crianças"; se Jesus estava ressaltando a simplicidade, a pureza moral ou a humildade da criança. Nesse contexto de disputa entre os discípulos, é possível afirmar que a questão em jogo não era a pureza moral da criança ressaltada por Jesus. Certos elementos da simplicidade e da humildade confrontavam os valores sociais ambicionados pelos discípulos. O biblista Giuseppe Barbaglio sugere que:

Jesus a propõe como modelo não por suas eventuais qualidades morais, mas por sua posição no fundo da escala social. E exorta os seus a tornarem-se pequenos diante de Deus e dos homens, isto é, a reconhecerem a própria indigência e impotência de se deixarem de lado atitudes de orgulho e sonhos de autoexaltação.¹⁸

O versículo 4, iniciado pela expressão *portanto* (*oun*, em grego), infere que se converter e se tornar como criança significa "se humilhar como esta criança". "A humildade, entendida como reconhecimento sincero e operativo da própria pequenez, é, por isso, colocada por Mateus no centro dos valores cristãos e das existências propostas à Igreja."¹⁹

Para Calvino, a qualidade da criança ressaltada por Jesus é a humildade de não saber o que é ser preferido pelo outro e o que é disputar os primeiros lugares. A lição que Jesus deseja que seus seguidores aprendam é não buscar distinções e não ser seduzido por ambições.²⁰

Essas expressões são apresentadas como condições para "entrar" e ser "maior no reino dos céus" (v. 3, 4). O versículo 5 fala de "receber uma criança". Segundo o teólogo Alexander Bruce, Jesus não está exigindo que os discípulos sejam bondosos com as crianças, ainda que ele valorizasse isso. Antes, Jesus deseja que seus discípulos recebam a criança como companheira de discipulado, a despeito de sua insignificância e humildade.²¹ Há uma ligação estreita entre receber uma criança em nome de Jesus e receber o próprio Jesus.

Consequências

As três consequências decorrentes dessas condições são: entrar no reino (v. 3), ser maior no reino (v. 4) e receber a Jesus (v. 5). Marcos e Lucas não mencionam o reino — pelo menos não no texto paralelo.²² "Entrar no reino" pode ter dois sentidos,²³ sendo o primeiro, escatológico. Quem não se converter e não for como uma criança, não poderá fazer parte do reino futuro de Cristo. Nesses termos, a fala de Jesus assume um caráter soteriológico. Trata-se da condição para a salvação do cristão. Seria semelhante ou paralelo ao que Jesus diz para Nicodemos sobre "nascer de novo" (Jo 3.3), e "ver o reino de Deus" corresponderia a "entrar no reino dos céus", citado em Mateus.

O segundo sentido se refere a entrar no reino de Deus na vida aqui na terra. Nesses termos, poderia ser uma referência aos valores exigidos da comunidade dos discípulos de Jesus, ou seja, seria preciso adotar e incorporar esses valores para fazer parte da comunidade. Pode também ser uma referência à adoção de uma ética social compatível com o ensinamento de Jesus. Os que assim procedem, "entram" no reino de Deus. Conforme Barbaglio: "A relação dos homens com Deus corresponde àquela das crianças com os adultos. Aceitá-lo é indispensável para entrar no reino. Aceitá-lo é o distintivo do verdadeiro discípulo de Cristo".²⁴

Sabemos que o ensino de Jesus sobre o reino engloba tanto a vida aqui na terra quanto a vida futura. O reino é instaurado com a vinda de Cristo e é definitivamente restaurado em sua segunda vinda. Entretanto, nesse caso específico, os versículos que se seguem demonstram a preocupação de Jesus com a maneira de receber e tratar os pequeninos e aborda questões relativas à vida dos discípulos na terra. Então, "entrar no reino" tem a conotação de cultivar valores e um modo de vida na comunidade dos seguidores de Jesus.

Isso eliminaria também qualquer alusão à pureza moral da criança. Calvino entende que a criança tem muitos erros e lembra que Paulo nos ensina a sermos crianças não no entendimento, mas na malícia (1Co 14.20). Para Calvino, Jesus quer ensinar muito mais sobre as relações humanas e as disputas de poder do que propriamente sobre a simplicidade e a inocência necessárias para entrar no reino definitivo de Deus.

Da mesma forma, "ser maior no reino dos céus" expressa valores que devem ser incorporados na vida do discípulo. Jesus confronta e inverte os valores de poder dos discípulos. Embora pareça um contrassenso, Jesus está "exaltando" a humildade! Em outros termos, ele quer mostrar que o seu reino não se constitui nas mesmas bases dos reinos da terra e da sociedade contemporânea.

Como diz Haddon Willmer: "A criança é a chave para o reino não porque ela nos instrui, através do exemplo e do simbolismo, mas porque ela provoca em nós uma crise. Ela desmancha as certezas e seguranças que temos e nos conduz a possibilidades inesperadas". 25

Talvez a expressão do versículo 5, que declara que quem recebe uma criança recebe Jesus, seja ainda mais radical. Isso qualifica toda ação e atitude de acolhimento de uma criança "tal como esta" como acolhimento do próprio Cristo.

No Novo Testamento há duas conotações fundamentais no ato de receber. ²⁶ Uma diz respeito à recepção dos enviados de Jesus, os apóstolos. Jesus afirmou que quem recebesse seus discípulos, receberia o discípulo e aquele que o enviou (Mt 10.40-42). Isso evoca a noção dos povos antigos de que o emissário de um senhor era

como o próprio senhor presente. Assim, Jesus conferia aos apóstolos e discípulos a autoridade de sua própria presença. Onde eles estivessem, ali estaria o próprio Jesus.

A outra conotação diz respeito a receber a mensagem do evangelho de Cristo, expresso muitas vezes pelo recebimento da *palavra* de Deus (At 8.14; 11.1; Tg 1.21; 1Ts 1.6). Em Mateus 18, Jesus equipara o acolhimento de uma criança ao acolhimento do próprio Cristo. Isso tem vários desdobramentos. Significa acolher não só as crianças consideradas insignificantes na sociedade, mas acolher também a simplicidade e a humildade representadas por elas. Significa ainda acolher todos os *pequeninos*. E os que creem em Cristo, seus seguidores, são chamados assim (Mt 18.6).

Isso requer uma nova disposição dos discípulos. Exige dar valor ao que não é valorizado, acolher o que não é acolhido, dar atenção aos que não chamam atenção.

Em Mateus, esse acolhimento tem também uma dimensão escatológica. Quando o Filho do Homem vier em majestade e glória, ele acolherá os justos, porque ele teve fome e eles lhe deram de comer. Os justos perguntarão: "Quando foi que te vimos com fome e te demos de comer?" (Mt 25.37). O rei responderá: "Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes" (v. 40). Naturalmente, *pequeninos* nesse texto, como em Mateus 18.6, tem a conotação não só da criança, mas também de todos os que creem em Cristo.

De todo modo, a expressão "tal como esta", de Mateus 18.5, sugere receber uma criança e receber quem ele representa — uma pessoa desprovida de defesa, à margem da sociedade, e seu modo simples e humilde de enxergar a vida. Como declara Willmer, "A criança colocada no meio por Jesus diz algo de grande importância: é uma chave para o reino de Deus".²⁷

Síntese

O diálogo entre os discípulos e Jesus em Mateus 18.1-5 expõe o conflito entre os valores dos discípulos e os de Cristo e seu reino. As ambições, expectativas e anseios dos discípulos eram incompatíveis com os valores que Cristo ensinava e que pretendia solidificar em seu reino aqui na terra.

A exigência de Jesus para os que querem segui-lo e fazer parte da comunidade do reino é entender a simplicidade. Não enxergar a vida pelos olhos da disputa por poder e fama, nem pensar no reino em termos de hierarquias humanas e extratos sociais, mas ser capaz de encarnar o próprio Cristo por meio do recebimento de uma criança.

Entrar no reino, ser o maior no reino e receber a Cristo significa nos desprover de toda a complexidade das lutas humanas. Extrair da mente, dos desejos e das ambições qualquer pretensão por grandeza e sofisticação e entender a simplicidade de Cristo e do reino.

Implicações para a Teologia da Criança

Como essa passagem nos ajuda a situar a reflexão teológica sobre a criança e a criança na reflexão teológica?

Um aspecto importante para a Teologia da Criança é se a criança colocada no meio serve como objeto ilustrativo para uma lição ou se significa interação, inclusão e influência da criança na teologia. Aparentemente, a criança é chamada como objeto de ilustração. Porém, na conclusão de sua exortação aos discípulos, Jesus se identifica pessoalmente com ela ao igualar seu recebimento com o recebimento dele.

De maneira geral, trazer a criança para o meio da reflexão teológica pode nos ajudar a não transformar a teologia em instrumento de poder e de segmentação da comunidade teológica. Na história do cristianismo e nos dias de hoje, a teologia é, consciente ou inconscientemente, utilizada como modo de rotular pessoas ou implicitamente declarar quem são os maiores no reino da teologia X ou Y.

A teologia pode também ser utilizada de forma discriminatória quando pessoas são julgadas ou marginalizadas por não concordarem com esse ou aquele ponto da teologia oficial de um grupo.

Entretanto, em um tom mais positivo, a criança no meio do debate teológico, de acordo com a exposição desse texto, abre possibilidades para enxergar a tarefa teológica na perspectiva da simplicidade do reino e para resgatar o valor da criança e

o que ela representa na sociedade e no reino. Naturalmente, isso se desdobra não só em ações específicas para com a criança (dar de comer, dar de beber, acolher, vestir e visitar — Mateus 25.35-36), mas também em mudanças de valores e atitudes.

A sociedade brasileira convive com certas ambiguidades em relação à criança. De certo modo, pelos direitos constitucionais à educação, saúde e moradia, e pelos direitos adquiridos por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente, a criança brasileira é alvo de todo cuidado e atenção. Além do mais, depois do público feminino, é o público infantil que define os interesses do mercado. Assim, a tendência é que cada vez mais produtos, serviços e esforços publicitários sejam destinados às crianças. Paradoxalmente, boa parte da população infantil no Brasil vive em situação de risco ou carece de direitos básicos, como educação, saúde e moradia.

Mesmo no contexto eclesiástico, tem havido uma centralização dos cultos, nos quais as crianças participam pouco e a linguagem é primordialmente adulta, em detrimento de atividades educacionais e recreativas para as crianças. Até as igrejas protestantes com uma longa tradição em escola bíblica dominical estão constatando um declínio na participação das famílias nessa atividade ou a estão extinguindo de forma deliberada, pelo menos em grandes centros urbanos, para concentrar esforços no culto público. Talvez algumas dessas igrejas desenvolvam mecanismos para compensar essa perda.

Inspirados nesse texto, só alcançaremos esse objetivo ao nos distanciar dos espaços e tempos "oficiais" da teologia e nos assentar nos ambientes caseiros "da Galileia" para ouvir as palavras confrontadoras de Jesus sobre nossos valores e atitudes.

William L. Lane é pastor presbiteriano e professor de hebraico, exegese e teologia bíblica. É mestre em teologia pelo Calvin Theological Seminary, em Grand Rapids, Estados Unidos, e mestre em missiologia pelo Centro Evangélico de Missões, em Viçosa, MG.

Crianças que crescem como Jesus

HAROLD SEGURA

MANFRED GRELLERT

Jesus é nosso mestre e modelo. Como mestre, ele nos ensinou o caminho da plenitude; como modelo, nos mostrou com sua experiência de vida em que consiste essa plenitude. Portanto, se quisermos saber o que é uma existência realizada e plena, devemos fixar nossos olhos nele. O apóstolo Paulo nos encoraja a buscarmos chegar "à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo" (Ef 4.13).¹ Jesus é essa medida de perfeição.

Um modelo de humanidade

Quando afirmamos que Jesus é o modelo de humanidade, aceitamos a premissa tomando como referência o Jesus adulto, ou jovem adulto: o mestre de Nazaré, dos diálogos no caminho para Samaria, dos milagres junto ao mar da Galileia, que enfrentava corajosamente os poderosos, que sofreu no Gólgota, enfim, o homem que os evangelistas nos apresentam depois que o Pai confirmou sua vocação à margem do rio Jordão. Ao nos incentivar a seguir a Jesus, a tradição espiritual cristã quase sempre se refere ao Jesus que tinha por volta de trinta anos. Porém, o que dizer do Jesus menino? Ele também é modelo de vida e desenvolvimento? Devemos segui-lo? Não tenho dúvidas — sobretudo vendo que os evangelistas, em especial Mateus e Lucas, se dedicam a mostrar em detalhes a grandeza da sua pequenez. Para Ana e Simeão, o Jesus a quem serviram e adoraram foi o menino que tomaram nos braços

no templo de Jerusalém. Ana "deu graças a Deus e falava a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém" (Lc 2.38).

Nossa espiritualidade evangélica deve muito ao modelo do Jesus menino como referência de vida cristã — e deveríamos passar a refletir sobre isso. Há muitas maneiras de estudar "o menino". Por ora, exploraremos as implicações do seu modelo de desenvolvimento como pessoa humana. Essas primeiras impressões abrem um largo caminho para compreender como nossas igrejas podem servir às crianças de maneira mais integral e buscar a *vida em abundância* (Jo 10.10) para elas. Não é assim — com sentido integral e humanizador — que se cumpre a *missio dei* (missão de Deus)?

Sem a especulação dos apócrifos

Lucas 2.52 será a base do paradigma do desenvolvimento de Jesus, conforme é descrito pelo evangelista: "Jesus ia crescendo em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens". O modelo de desenvolvimento de Jesus como pessoa humana se projeta em direção a quatro dimensões integradas: sabedoria, estatura, graça diante de Deus e graça diante da comunidade. Lucas 2 apresenta Jesus até os 12 anos e diz pouco sobre sua infância. Os outros evangelistas fizeram o mesmo e se concentraram no ministério adulto, na paixão, morte e ressurreição de Jesus, deixando ocultos os anos de sua infância. Talvez seja por isso que esses anos foram um terreno tão fértil para a produção dos evangelhos apócrifos.²

É só verificar, por exemplo, o que se diz do Jesus menino no *Evangelho da infância* ou em alguns livros de história conhecidos por sua imaginação especulativa.

Se por um lado os evangelhos dizem pouco, por outro, aquilo que dizem é de enorme significado e importância. Vemos o Jesus menino sempre próximo de seus pais e participando dos ritos da fé judaica: foi circuncidado no tempo apropriado (Lc 2.21) e apresentado no templo de acordo com a lei (v. 22). Junto com esses procedimentos comuns estão dois acontecimentos extraordinários: a confirmação da sua vocação messiânica por parte de dois respeitados anciãos, Simeão (2.25-28) e Ana (2.36-38), e o encontro do menino com os mestres da lei, que se assombraram com

sua inteligência (2.46-47). Lucas se distancia dos exageros dos apócrifos — a ausência de milagres extravagantes reforça a descrição de Jesus como um rapaz comum, embora destinado por Deus Pai para uma missão singular. O evangelista diz também que Jesus, assim como outros rapazes, pertencia a uma família que vivia em condições de pobreza; isso se deduz da oferenda que seus pais trouxeram no dia em que o apresentaram no templo: "duas rolinhas ou dois pombinhos" (2.24), e não um cordeiro de um ano. Eles deram a *oferta dos pobres* (Lv 12.6-8).

Sabemos que Lucas era médico; por isso, suas descrições sobre o crescimento de Jesus têm bastante valor. Diz ele que "o menino crescia e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele" (2.40). Algo parecido é dito sobre Samuel (1Sm 2.21) e João Batista (Lc 1.80), o que insere Jesus na respeitável tradição dos profetas bíblicos. A palavra crescia (em grego, auxáno [$\eta \ v \notin \alpha \ v \in \nu$]) pode ser traduzida também por "ficava grande" e se refere ao desenvolvimento físico — ou em anos de vida — próprio de uma criança.³ Tem a ver com o despertar natural da vida, com aquilo que acontece como parte da graça natural de Deus quando a criança desfruta de condições normais de amor, cuidado e atenção. Jesus recebeu esse amor de seus pais e familiares.

Lucas acrescenta que o menino crescia "em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens". Tudo isso indica uma relação saudável com Deus Pai e o aprendizado das Escrituras, o que era natural dentro de uma família judaica. No caso de Jesus, os sinais da presença de Deus eram evidentes aos olhos do povo. Apesar das condições externas desfavoráveis (perseguição e migração) e das limitações materiais que cercaram sua vida, a graça de Deus estava com ele. Embora nem sempre essas condições fossem adequadas, suas convicções de fé e de vida se fortaleceram com o passar do tempo. Ele confiava na vontade de Javé e tinha certeza de que sua presença o acompanhava.

Crescimento integrado

Há outro trecho em Lucas que nos dá uma percepção ainda maior de Jesus aos doze anos (Lc 2.52): "Jesus ia crescendo em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e

dos homens". E em outra versão: "Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e diante dos homens" (Bíblia de Jerusalém). Essa frase indica um crescimento harmonioso e um processo dinâmico em que a pessoa constrói e, ao mesmo tempo, é construída. De certa forma, esse versículo lembra o que é dito acerca de Samuel (1Sm 2.21) e o que é ensinado em Provérbios sobre o desenvolvimento pessoal (Pv 3.4). Portanto, Lucas deixa claro que Jesus foi um ser humano — uma verdade negada muitas vezes e de muitas maneiras — cujas experiências básicas (Hb 2.17) em seu desenvolvimento físico e psicossocial eram semelhantes às de qualquer pessoa.

Apesar de ser a mesma palavra de Lucas 2.40, o termo *crescia*, utilizado em Lucas 2.52, tem um significado diferente no original grego. A palavra empregada aqui é *prokopto* ($\rho \circ \varepsilon \kappa \circ \tau \varepsilon \nu$). O primeiro termo se refere mais ao desenvolvimento cronológico, e o segundo, ao progresso ou avanço integral resultante do esforço próprio, do compromisso com o desenvolvimento por parte de sua comunidade mais próxima, e da graça de Deus.

Talvez a principal novidade apresentada por esse texto de Lucas é o desenvolvimento integral de Jesus em quatro dimensões: em *sabedoria*, em *estatura*, na *graça de Deus* e também na *graça dos homens*. Esse desenvolvimento envolve tanto a dimensão *biológica* quanto a *psicológica*, a *social* e a *transcendente*⁴ — essa última relacionada aos valores, à religião e à espiritualidade. Essas dimensões estão em uma unidade inter-relacionada; assim, a divisão clássica de mente, corpo e alma, ou a moderna, de desenvolvimento *físico*, *mental*, *social* e *espiritual*, é agrupada num só conjunto para mostrar o desenvolvimento de Jesus.

Levando em conta o contexto da cultura hebraica, dizer que o rapaz crescia em sabedoria é uma referência ao saber que resulta do temor de Deus (Pv 1.7). Para os judeus, a sabedoria procedia da consideração da vontade de Deus como a norma para orientar o estilo de vida. Essa sabedoria relaciona os valores da vida diária com a formação do caráter de cada pessoa. Era uma sabedoria distinta da que era apregoada pelos gregos, que se reduzia à cognição ou saber acadêmico. Provavelmente, Jesus cresceu em sabedoria como resultado de seu constante contato com as Escrituras, que

ele escutava, meditava, memorizava e vivia. Como todo bom jovem judeu, ele certamente sabia de cor muitos textos dos Salmos, de Deuteronômio e do profeta Isaías. Sabemos que esses textos foram citados com frequência durante seu ministério, juntamente com outros trechos dos livros sagrados. Nesse sentido, sabedoria é mais que conhecimento intelectual — ela não o invalida, mas o pressupõe. Em síntese, trata-se de um desenvolvimento que integra o intelectual e o moral, o cognitivo e o de valor. É viver de modo saudável e sábio, de acordo com o desígnio de Deus para a vida humana. Além disso, Jesus crescia em *estatura*, o que aponta para o cuidado do corpo e a promoção intencional da sua saúde. Como para todas as pessoas, esse desenvolvimento implica uma alimentação saudável, abrigo, recreação e outras condições. Lucas dá a entender que Jesus cuidava do seu corpo e o protegia como um dom de Deus e um bem excepcional.

Ele crescia também "em graça diante de Deus e dos homens". Encontramos aqui duas dimensões que, mesmo relacionadas, têm sua definição própria. A primeira parte tem relação com o conhecimento de Deus e com o relacionamento amistoso e amoroso que se desenvolvia entre Jesus e seu Pai. Nesse sentido, é surpreendente a argumentação que o Jesus adolescente — de doze anos — apresenta a José e Maria quando eles o encontram no templo: "Não sabiam que eu devia estar na casa de meu Pai?" (Lc 2.49). Ele parece ter estabelecido prioridades em seu sentido de vida e em seu projeto de missão, embora fosse muito jovem para tais avanços! Quanto à segunda parte, que se refere ao crescimento diante dos homens, pode ser uma referência ao que hoje chamamos desenvolvimento afetivo-social, que inclui a graça que alcançava Jesus por intermédio das pessoas com quem ele convivia (família, amigos, vizinhos, conhecidos e outros).

Um ser humano integral e indivisível

É importante acrescentar que, por trás das breves referências dos evangelhos à infância de Jesus, especialmente das apresentadas por Lucas, há uma visão do ser humano (antropologia) sob a ótica da cultura hebraica. Esse elemento pode ajudar a

delinear a compreensão ou o imaginário bíblico sobre a infância e, a partir disso, ampliar a compreensão das quatro dimensões do desenvolvimento de Jesus.⁶

Para os hebreus, o ser humano é uma pessoa (sem a carga individualista da mentalidade moderna). Essa pessoa é uma *unidade* composta de coração (interior) e corpo (exterior), sem possibilidade de separação. Não é possível separar o interior (o oculto) da sua manifestação externa. A psique tem uma dimensão corporal ou somática (externa) e, ao mesmo tempo, uma dimensão que tem a ver com as emoções (emotiva), com as afeições (afetiva), com o intelecto (intelectual) e com a vontade e o caráter (volitiva). Concluímos então que esses quatro aspectos usados por Lucas para descrever o crescimento de Jesus constituem uma unidade que, apesar de poder ser diferenciada, não pode ser separada — a não ser atentando-se contra essa forma hebraica de conceber o ser humano como *uno* e *indivisível*. As dimensões intelectual-cognitiva, afetiva, religiosa e volitiva são partes do *coração* e são inseparáveis do *corpo*, que abrange as dimensões biológico-somática, de motricidade e de sociabilidade.

Com espírito de missão

Pensando em nossa missão cristã, resta fazer algumas considerações de ordem pastoral sobre Jesus como modelo de desenvolvimento integral da infância, adolescência e juventude. Em resumo, Jesus é o melhor modelo de plenitude humana, e há séculos isso tem sido reconhecido pela tradição cristã, que se refere a ele como o homem novo e modelo de humanidade. A meta de todo ser humano é alcançar a estatura de Jesus Cristo ou, como diz o apóstolo Paulo, avançar visando ser "varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo" (Ef 4.13, Almeida Revista e Corrigida). Essa vida plena está associada ao reino de Deus, que é a nossa causa. Por isso, o Senhor nos convida a trabalhar com meninas e meninos por seu bem-estar e pelo bem-estar de suas famílias e comunidades, por sua capacitação como agentes de transformação, por relacionamentos saudáveis e comunidades interdependentes e fortalecidas e por estruturas e sistemas novos.

É válido lembrar que a atenção ao desenvolvimento integral começa com o cuidado do corpo. Para as crianças em condição de pobreza — como é o caso da maioria no continente americano — isso significa passar pela primeira infância com saúde integral, tendo o afeto e o cuidado dos pais e acesso aos sistemas de saúde e a uma educação de qualidade. A educação integral para a vida instrui o coração, cuida do corpo e adestra as mãos. Nós, que procuramos esse modelo formativo, devemos lutar para que todas as crianças e jovens desfrutem de uma escola adequada, de lares estáveis e de igrejas que formem corações. Se sabedoria é mais que inteligência, o acesso a uma escola razoável é prioridade.

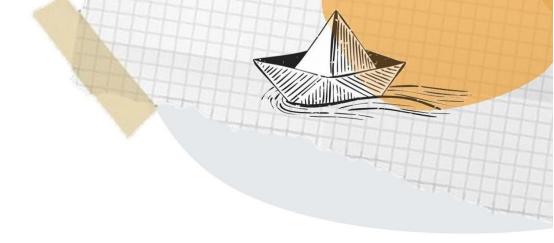
Além disso, plenitude segundo o modelo de Cristo não é apenas determinado psicológica, maturidade bem-estar físico ou boas condições grau sócio-econômicas. Tem a ver também com a dimensão espiritual (transcendente), que engloba os valores da vida e desenvolve o caráter de acordo com a vontade do Criador. Não há desenvolvimento integral nem vida plena sem confiança em Deus, que é o que dá sentido, significado e verdade à vida. A plenitude é também uma questão de convicções, não só de condições. É uma plenitude que não pode ser obtida com abundância de alimentos, nem com condições materiais desproporcionais, nem com excesso de poder. Ela vai além: "ultrapassa todas as considerações de natureza biológica, econômica ou de bem-estar".10

O diferencial cristão ao se trabalhar pelo desenvolvimento da infância é a perspectiva integral ou holística, que não reduz meninas e meninos a meros alvos de compaixão assistencialista, mas que os aceita como pessoas criadas à imagem e semelhança de Deus e sujeitos participantes da própria transformação. A criança é mais que um ser carente de alimentação, saúde e escola — é alguém que tem sede de vida plena, de transcendência, de Deus. Que anseia crescer como um todo — como crescia Jesus.

[Traduzido por Hans Udo Fuchs]

Harold Segura é pastor, teólogo e administrador de empresas. É colombiano e mora com a família em Costa Rica, onde trabalha como coordenador de relações eclesiásticas da Visão Mundial Internacional para a América Latina e Caribe. É casado e tem dois filhos.

Manfred Grellert é pastor batista e doutor em teologia. Trabalha com a Visão Mundial, tendo exercido diferentes funções em âmbito nacional, regional e internacional.



Parte 5

no olhar da sociedade (psicologia, educação e história)

Dos tais é o reino dos céus

A Igreja e as crianças na história cristã

ALDERI MATOS

Não faz muito tempo que as crianças se tornaram objeto de estudos acadêmicos na área de história. Um pioneiro desse campo foi o medievalista e historiador francês Philippe Ariès (1914-1984). Em seu livro A Criança e a Vida Familiar sob o Antigo Regime (1960), mais tarde publicado com o título Séculos de Infância: uma história social da vida familiar, ele propôs uma tese controvertida — que a criança não existia na mente dos homens e mulheres da Idade Média e que o reconhecimento da infância como um estágio distinto da vida foi uma descoberta posterior ao Renascimento. Essa posição recebeu muitas críticas, que levaram o autor a rever alguns de seus conceitos em obras subsequentes. De todo modo, como aponta W. A. Strange em seu livro Children in the Early Church ("As crianças na igreja antiga"), Ariès alertou os estudiosos para a possibilidade de que as épocas passadas podem ter tido pressupostos a respeito da infância muito diferentes dos atuais.

Strange observa que na antiguidade havia atitudes ambivalentes em relação às crianças. Os pais certamente amavam seus filhos, mas a angustiosa necessidade financeira podia fazer com que os abandonassem para morrer. As pessoas queriam o melhor para os filhos, mas muitas vezes pensavam neles como animais a serem domesticados e os criavam com extrema severidade. As crianças eram valorizadas; todavia, numa sociedade em que se aceitava com naturalidade a escravidão, elas com

frequência eram objeto de exploração e abuso. Os judeus costumavam ter um conceito mais elevado da vida infantil, dando especial ênfase à educação de seus meninos (ver Dt 6.6, 7, 20-25; Js 4.21-24; Sl 127.3-5; Pv 22.6). No entanto, foi o cristianismo que ofereceu uma contribuição especialmente positiva nessa área. O autor norte-americano C. John Somerville observa: "Por dois mil anos até o presente, os apelos em benefício dos corpos, mentes e espíritos das crianças têm partido em grande parte de homens e mulheres da igreja".

Um precedente essencial

Jesus colocou os pequeninos numa posição privilegiada ao afirmar que o reino de Deus "pertencia" a eles e que os adultos só entrariam nesse reino caso se tornassem como crianças (Mt 18.1-4; 19.13-15). Certamente esta foi uma afirmação revolucionária numa época em que as crianças ocupavam um lugar de inferioridade, como também acontecia com as mulheres e os escravos. O Mestre não exerceu um ministério específico junto aos menores, mas, seguindo os padrões culturais do seu tempo, considerou-os como incluídos nas famílias a que pertenciam. Ao ministrar aos adultos, estaria por extensão alcançando também os seus grupos familiares. Além disso, ele não somente demonstrou genuíno interesse pelas crianças, mas exortou os seus seguidores a dedicarem a elas especial atenção e cuidado (Mt 18.5; Mc 9.42). Curiosamente, percebe-se uma atitude diferente nas epístolas do Novo Testamento, pois seus autores encaram as crianças de modo mais convencional: elas eram indivíduos sob a autoridade dos pais, sendo vistas como exemplos de imaturidade e de potencial para crescimento.

As crianças eram parte integrante das primeiras igrejas domésticas não só por causa da sua presença inevitável, mas devido à importante convicção de que pertenciam a Deus e à igreja, sendo, por isso, consideradas "santas" (1Co 7.14). Como tais, elas não eram meras expectadoras passivas, mas deviam ser ensinadas e exortadas junto com os adultos (Ef 6.1-4; Cl 3.20ss). É digna de nota a inclusão das crianças nessas listas de deveres domésticos encontradas no Novo Testamento. Também é marcante o elemento de mutualidade que se observa nesses textos — não

só os adultos tinham direitos e deveres quanto às crianças, mas estas também possuíam direitos e obrigações em relação aos seus pais. Desse modo, a família não devia ser uma instituição autoritária, como acontecia tantas vezes naquela época, mas um lugar em que todos os membros pudessem crescer juntos na sua vida comum em Cristo. Portanto, ao chamar a atenção para as crianças, falar delas, curá-las e recomendá-las como exemplos e objeto de cuidados, Jesus transmitiu aos seus seguidores a responsabilidade de dar a elas um lugar central em sua vida comunitária.

Cristãos no mundo pagão

Quando a Igreja ainda era minoritária na sociedade pagã, uma criança cristã ficava mais protegida que as demais do perigo do infanticídio, comum naqueles tempos antigos. A *Didaquê*, um manual eclesiástico do início do segundo século, determinava de modo enfático: "Não matarás uma criança no ventre, nem matarás um recém-nascido" (2.2). Diferentes autores cristãos também condenavam o abandono de menores e a educação permissiva dos adolescentes. Ao mesmo tempo, curiosamente, os primeiros cristãos não se preocuparam em criar escolas exclusivas para seus filhos, mas permitiram que frequentassem instituições pagãs. Eles não queriam formar guetos segregados da sociedade.

Um fenômeno revelador era a participação das crianças nos sacramentos. Os testemunhos mais antigos acerca do batismo infantil são dados por Tertuliano, Hipólito e especialmente Orígenes, no terceiro século, que descreveu essa prática como uma tradição da Igreja recebida dos apóstolos. Mesmo que essa alegação não possa ser comprovada, ela demonstra o alto apreço em que as crianças eram tidas pela Igreja. O batismo de infantes não tinha só o sentido de iniciação e inclusão na comunidade cristã, mas também acentuava a ideia de solidariedade familiar, como se percebe em alguns textos bíblicos (At 16.15, 33; 1Co 1.16). Outros testemunhos antigos nesse sentido são os de Cipriano de Cartago e Agostinho. No que se refere à Santa Ceia ou Eucaristia, a participação das crianças nesse sacramento era comum e não foi contestada nos quatro primeiros séculos da era cristã. Algumas autoridades que a mencionam são Cipriano, as *Constituições Apostólicas*, Agostinho e escritores da

igreja grega ou oriental. Num período posterior, a crescente reverência pelos elementos da Ceia fez com que as crianças fossem afastadas da mesa de comunhão.

Tensões na experiência medieval

No Medievo existiram atitudes contrastantes em relação às crianças, como Daniele Alexandre-Bidon e Didier Lett destacam em seu livro Les Enfants au Moyen Âge ("As crianças na Idade Média"). Por um lado, houve forte ênfase no tema da inocência dos infantes, o que fazia deles seres sagrados e uma espécie de emissários de Deus. Por outro lado, eles podiam ser vistos como perturbadores da meditação ou da vida intelectual dos religiosos. Atribuía-se o nascimento de crianças deformadas ou doentes a interferências demoníacas ou punição divina. Os nascimentos múltiplos (gêmeos) eram considerados sinais de pecados como adultério e fornicação. Quando os bebês morriam antes de serem batizados, isso causava grande angústia nos pais, pelo temor de que ficassem privados da salvação. A valorização da vida monástica podia levar à ruptura precoce dos laços familiares. Muitas crianças eram enviadas aos mosteiros com seis ou sete anos de idade (os oblatos), como ocorreu com o inglês denominado Venerável Beda, no final do sétimo século, e com a alemã Hildegarda de Bingen, no início do século 12. Em seu livro O Deus da Idade Média, o célebre historiador Jacques Le Goff emite uma opinião interessante. Ele considera que a grande beneficiária do destaque dado à Virgem no período medieval não foi a mulher, mas a criança. O tema da mãe de Deus (Theotokos) e da criança especial a ela associada, o menino Jesus, contribuiu para a promoção dos infantes de um modo geral. O lugar simbólico ocupado pela criança experimentou uma evolução.

Ao mesmo tempo, a Igreja continuou a combater a contracepção, o aborto e o abandono de menores. Os pais carentes que, premidos pela necessidade, quisessem se desfazer de um dos seus filhos, eram incentivados a deixá-lo num local público, como a porta das igrejas, para que pudesse ser recolhido. Na maior parte dos casos, a educação infantil ocorria no âmbito familiar. Além disso, havia as escolas monásticas, paroquiais e episcopais. O bispo francês Teodulfo de Orléans ordenou em 798: "Os sacerdotes mantenham escolas nas regiões agrícolas e nas grandes vilas rurais, e, se os

fiéis quiserem confiar-lhes seus filhinhos para aprender as letras, não se recusem a recebê-los e ensiná-los, e os ensinem com muito amor. Não exijam pagamento". A morte era uma ocasião que também revelava o afeto dedicado às crianças: elas eram sepultadas com tanto desvelo e cuidado quanto os adultos. Muitos epitáfios antigos revelam sentimentos de mais profunda afeição.

A centralidade da família puritana

A Reforma Protestante deu uma contribuição significativa à sociedade ao valorizar o casamento e a família como o contexto divinamente ordenado para a vida cristã. A família protestante era patriarcal, tendo o esposo e pai como o líder inconteste. O ambiente familiar caracterizava-se por afeto, reciprocidade, trabalho e frugalidade, sendo também uma escola de religiosidade e cidadania. Quanto ao lugar ocupado pelas crianças, os puritanos ingleses e norte-americanos foram incomparáveis. C. John Somerville, autor de *The Discovery of Childhood in Puritan England* ("A descoberta da infância na Inglaterra puritana"), observa que o puritanismo inglês foi uma das poucas épocas em que as crianças se tornaram centrais para a religião. Para esse grupo, a finalidade primordial da família era glorificar a Deus. Assim sendo, os puritanos viam a família essencialmente como uma pequena igreja, onde as devoções e a prática dos preceitos cristãos eram essenciais. Um deles escreveu: "Se queremos que a Igreja de Deus permaneça entre nós, devemos levá-la para os nossos lares e nutri-la em nossas famílias". Outros propósitos da família eram o benefício da sociedade e a realização pessoal da cada integrante da unidade familiar.

Sob a liderança firme e amorosa do pai e a participação atenta da mãe, os filhos eram objeto de grande interesse. Em sua fé calvinista profundamente bíblica, os puritanos tinham a convicção básica de que seus filhos pertenciam a Deus, que os havia confiado aos seus cuidados. Algumas das advertências puritanas mais solenes voltam-se contra a negligência dos pais em educar apropriadamente sua progênie. Os deveres dos pais incluíam prover as necessidades materiais das crianças, ensiná-las a trabalhar e, acima de tudo, dar-lhes treinamento moral e espiritual. A disciplina era levada a sério, visando restringir as tendências negativas e promover a vida cristã. Na

concepção puritana, como nota Leland Ryken em seu livro *Santos no Mundo*, os filhos eram criaturas decaídas cuja inclinação pecaminosa devia ser redirecionada para Deus e para a bondade moral. Em três aspectos os puritanos anteciparam modernas teorias de desenvolvimento: a importância do treinamento precoce, o ensino mais pelo exemplo que pelas palavras e o equilíbrio entre a severidade e o apoio positivo. O legado dos puritanos se faz sentir até hoje em seus países de origem.

Na longa e multifacetada história do cristianismo, as crianças têm ocupado um lugar de maior ou menor destaque em diferentes grupos, épocas e locais. Obviamente, muitas vezes houve atitudes e comportamentos pouco apreciáveis em relação a elas, notadamente quando pobres e marginalizadas. Todavia, de maneira geral, a contribuição das igrejas no tocante à infância foi mais positiva do que negativa, em comparação com o que ocorria na sociedade ao redor. Certamente o fator preponderante que contribuiu para isso foi, e continua a ser, o exemplo do próprio Cristo, em seus ensinos e em suas ações concretas. O que se requer dos cristãos e das igrejas atuais é que tratem as crianças de dentro e de fora da comunidade de fé de maneira coerente com os valores do evangelho.¹

Alderi Matos, doutor em história da Igreja pela Escola de Teologia da Universidade de Boston, é professor do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. É ministro ordenado da Igreja Presbiteriana do Brasil e o historiador oficial dessa denominação.

A criança e a fé

BLANCHES DE PAULA

Todos nós experimentamos o que é ser criança. Nossas lembranças da infância possivelmente se misturam às histórias que nossa família conta. Lembranças como os primeiros passos, as primeiras palavras e a chegada na escola são muito ricas de significado para a formação de nossa identidade. A proposta deste capítulo é tecer um diálogo entre a criança e a fé. Seria pertinente perguntarmos às crianças o que elas entendem sobre fé. A criança expressa sua compreensão do mundo mais por meio dos sentidos do que por meio de um discurso elaborado (mundo adulto). Portanto, vamos falar daquilo que não conhecemos muito, mas que percebemos e sistematizamos por meio de nossos relacionamentos com as crianças.

A fé e as crianças

Na Bíblia há muitos textos que falam sobre fé. Porém, qual deles fala na perspectiva da criança? Como falar de fé no mundo delas? Discorrer sobre isso é um desafio que nos aproxima de alguns conceitos que adquirimos na infância. Nossa fé adulta está diretamente vinculada com a vivência e a convivência no mundo infantil. A fé é cultivada nas relações que travamos desde que nascemos. Portanto, está ligada aos significados e ao sentido que damos à vida. Porém, o que isso tem a ver com a forma de sermos agentes do evangelho junto às crianças? Como o estudo da fé nos ajuda a estreitar laços humanos e didáticos com elas?

Sabemos que somos seres sociais e que o desenvolvimento da nossa fé tem sutilezas a partir das relações humanas. Relacionando-se com os outros, o ser

humano se encontra e se define como pessoa. Isso influencia o significado que damos à vida e a maneira como desenvolvemos a fé.

Segundo Íris Serbena, a fé começa a ser percebida ou assimilada pela criança nas linguagens (verbais e não-verbais) inseridas no relacionamento.

Ao primeiro choro, com o sopro de vida nos pulmões, se dá o início da educação para a fé. Antes mesmo de ouvir falar de Deus ou pronunciar seu nome, a criança terá sentido na pele e respirado o oxigênio da atmosfera de Deus, e percebido sua realidade velada que cerca o mundo das pessoas. Por isso se diz que a fé entra pela carne.¹

Assim, a fé está situada nas relações e tem a ver com o sentido da vida. Serbena afirma ainda que:

O conhecimento de Deus é, antes, um encontro com os pais. A criança constrói a imagem de Deus aos poucos, com os elementos recebidos dos adultos. Sempre que os pais se mostram severos e exigentes, ela vai formando a ideia de um Deus hostil, mais dado ao castigo que à graça, que vê muitos erros e poucas virtudes. Esse tipo de tirania pode, no futuro, dar lugar à revolta. Tudo o que a criança vive hoje, obscuramente, com os pais, é o que será descoberto amanhã, mais claramente, entre ela e Deus.²

A fé está vinculada à busca por segurança em alguém ou algo que é considerado *o centro da vida humana*: "Procuramos algo para amar e que nos ame, algo para valorizar e que nos dê valor, algo para honrar e respeitar e que tenha o poder de sustentar nosso ser".3

James Fowler, autor da teoria dos estágios da fé, relaciona a fé com o significado atribuído à vida e também com o reconhecimento da necessidade do outro. Isso porque a fé está ligada às perguntas da vida e suas relações. E é a partir das relações que se pode perceber a importância desse estudo para a vida da criança.

A fé e os relacionamentos

A fé, interpretada por meio da relação, começa nos primeiros anos de vida, quando o bebê interage com seus pais ou responsáveis. Entre eles há fidelidade, lealdade e segurança. Há uma relação entre o desenvolvimento humano e a fé; mas de que forma isso acontece? Para nos ajudar, vamos examinar o aspecto psicológico, de acordo com o pesquisador Erik Erikson, e o aspecto teológico, de acordo com James Fowler.

Erik Erikson foi um estudioso da psicologia. Considerou a cultura e o aspecto social como indispensáveis para o desenvolvimento da pessoa. Em sua teoria sobre o desenvolvimento humano, visualizou o ser humano da infância à velhice. Segundo ele, em cada estágio da vida a pessoa enfrenta crises, que devem ser encaradas como momentos de transição dos estágios do desenvolvimento humano. Cada pessoa vivencia essa transição de uma maneira. Portanto, a crise não é encarada como algo destrutivo e negativo. Esses momentos são chamados crises *normativas*, ou seja, esperadas no decorrer da vida. Sua teoria está fundamentada em três dimensões: a) biológica: herança dos pais, genética; b) individual: a pessoa em si; c) cultural: relação da pessoa com sua cultura e sociedade. Essas três dimensões são necessárias para a formação da identidade.

O desenvolvimento humano na criança

A seguir estão quatro estágios do desenvolvimento humano abordados por Erik Erikson e que envolvem a infância. Os estágios estão ligados entre si, ou seja, se a criança está no segundo estágio, tudo o que herdou anteriormente influenciará a etapa seguinte. Assim, cada estágio pode ser vivenciado de forma sadia ou patológica (doentia) e essa vivência está relacionada com o equilíbrio das três dimensões citadas.

Formação da confiança (confiança versus desconfiança)⁴

Esse estágio do desenvolvimento humano vai do nascimento até aproximadamente um ano e seis meses. A confiança desenvolvida na criança está vinculada com sua

relação com o novo mundo após o nascimento. Os representantes desse novo mundo são os pais ou responsáveis. Para Erikson, a criança não se fixa somente na oralidade (amamentação, seio materno), que é um marco nessa fase; mas também na aquisição de novas experiências a partir dos tipos de relacionamentos estabelecidos. O nascimento dos dentes, bem como a sensação de perda sentida pelo bebê quando a mãe sai, são testes de confiança em sua vida. A confiança é alcançada por meio do contato com as pessoas, pois, para o bebê, não há separação entre ele e o outro: "A criança, sentindo-se querida e incluída nos significados dos pais, tem um senso interior de fidedignidade e confiabilidade que pode contrabalançar os terrores da separação e do abandono".⁵

A religião possui uma profunda relação com a confiança, sendo a mais antiga e duradoura instituição a serviço desse sentimento. Quando a criança encontra um ambiente propício para seu desenvolvimento como pessoa, ela sairá desse estágio com esperança, que é um aspecto indispensável para uma fé saudável. Porém, se ela encontra um mundo não-receptivo ao seu desenvolvimento, poderá levar para o segundo estágio a desesperança. Sua fé, portanto, torna-se fragilizada.

Formação da autonomia (autonomia versus vergonha e dúvida)

Esse estágio vai dos 18 meses aos 3 anos, aproximadamente. Ressaltam-se os cuidados com a higiene pessoal (urina, fezes), reter e/ou soltar. A criança pede para fazer xixi e cocô e começa a andar e a falar. A autonomia se evidencia quando ela começa a se desvincular de certas dependências anteriores. O reter e o eliminar são desafios do próprio crescimento e a criança já faz uma distinção entre ela e a outra pessoa. Geralmente experimenta os limites por meio do *não* (respostas que pode ouvir frente a suas atitudes) e começa a descobrir de forma significativa o seu corpo, principalmente pelo funcionamento do intestino.

A vergonha e a dúvida se vinculam à exposição da criança. Em nossa cultura, a vergonha está relacionada a um sentimento de culpa. A criança passa pelo jogo do olhar: a vergonha ocorre pelo que é visto e a dúvida, pelo que não é. Quando é continuamente exortada, e de maneira sarcástica e debochada, sem um diálogo ou

conversa, a criança pode desenvolver vergonha e dúvida, principalmente no que se refere à autoaceitação. Porém, se houver condições apropriadas para atravessar esse estágio sem se manter no extremo da vergonha e da dúvida, ela adquirirá força de vontade e senso de lei e ordem. Os pais ou responsáveis podem ajudar a criança a enfrentar um possível sentimento de culpa.

Formação da iniciativa (iniciativa versus culpa)

Esse estágio acontece dos quatro aos cinco anos. O desejo de conquista está muito presente na criança. Ela se mostra mais ativa e está descobrindo novas áreas de seu corpo, especialmente os órgãos genitais. O referencial lúdico (a brincadeira) é extremamente importante, pois a criança está vivenciando os papéis sexuais pela primeira vez. As chamadas "vozes constrangedoras dos pais" e do próprio ambiente cultural podem gerar culpa e autojulgamento.

Recomenda-se aos pais ou responsáveis contar histórias da vida em sociedade e em família, nas quais se misturam sonhos e conquistas — isso é muito importante para o exercício do seu imaginário e para sua visão de futuro. A criança poderá desenvolver a iniciativa sem culpa em meio a um ambiente que incentive a descoberta de novos aspectos da vida de forma equilibrada. Os pais devem criar o hábito de dialogar constantemente com ela, evitando uma linguagem baseada na ironia e na censura. A criança deve ser incluída em todos os assuntos da família.

O desenvolvimento da criatividade (indústria versus inferioridade)

Esse estágio corresponde à idade de seis anos em diante e o destaque é a escola. A idade escolar começa a fascinar a criança. Ela inicia o contato com o trabalho e aquilo que produz é visto como sua construção. Aprende a utilizar as ferramentas e utensílios da própria cultura e a educação mostra os valores e os insucessos próprios dessa cultura. O senso de produtividade será indispensável para sua participação na sociedade e para a formação da noção de profissão.

O sentimento de inferioridade pode ser desencadeado na vida da criança, principalmente quando ela não é reconhecida ou preparada pelos pais e pela sociedade com uma educação saudável. As contradições sociais podem tornar-se uma barreira para ela, limitando o desenvolvimento de sua curiosidade e o interesse pelo conhecimento. O incentivo dos pais ou responsáveis nessa fase deve desencadear a capacidade criativa da criança, desde que não seja uma cobrança exagerada.

Os estágios da fé

James Fowler, pastor metodista e psicólogo, é um estudioso da fé e de sua relação com o desenvolvimento humano. Seus estudos resultaram na teoria dos estágios da fé. Tal teoria, no entanto, não é como uma escala de realização, que possibilita medir a fé das pessoas. Os estágios não representam alvos educacionais ou terapêuticos a serem alcançados. Fowler não invalida nem desconsidera que a fé é dom de Deus (Ef 2.8) e que Deus é quem dá o crescimento (1Co 3.7).

Os estágios da fé possibilitam um mergulho na compreensão de como a criança lida e encara a fé no seu desenvolvimento humano. Escolhemos os quatro primeiros estágios, que cronologicamente incluem a infância e adolescência.

Primeira vivência da fé (fé indiferenciada)⁶

A dependência do bebê é muito maior do que a de outros mamíferos. É necessário que ele se sinta querido e bem-recebido em seu ambiente. Para Fowler, as pré-imagens de Deus estão inseridas nesse primeiro estágio, quando a criança não diferencia a si mesma dos outros. As pesquisas nesse campo ainda são muito restritas.

A confiança na vida e no mundo pode se fazer ausente quando o relacionamento com os pais ou responsáveis e a assistência recebida pela criança são inadequados. Os provedores representam a dependência e uma relação da criança com "alguém poderoso". É esse "alguém poderoso" que contribui para os conceitos de Deus nos próximos estágios.

Para Erikson, a confiança da criança em alguém que se considera com poder para cuidar dela vai levá-la a elaborar sua conceituação de Deus. Portanto, o estabelecimento de relacionamentos saudáveis é indispensável no início da vida.

Fé percebida (fé intuitivo-projetiva)

Nesse estágio acontecem os fenômenos da imitação e dos *porquês*. As novidades encontradas pelas crianças ainda não têm categorias nem estruturas previamente desenvolvidas. As conversas entre elas parecem mais monólogos em forma de diálogo, porque cada uma fala para si mesma. Elas não sabem comparar diferenças. Deus mora no céu, mas é encontrado em imagens antropomórficas (em forma de ser humano).

A percepção de Deus está centrada em símbolos e imagens concretas (histórias bíblicas, por exemplo). Realidade e fantasia se misturam. Do início até a metade desse estágio, as histórias contadas para as crianças abrem um grande cenário para a formação de imagens sempre associadas a um final feliz. Na outra metade, pode-se perceber o medo da morte e a percepção dos limites da vida. Os *nãos*, os tabus e as proibições são geralmente projetados para a sexualidade e a religião.

A criança percebe Deus da seguinte maneira: ele mora no céu, pode ser visto num cartão, é descrito como homem, fala por sinais, é conhecido pela televisão e está presente no mundo todo.

É necessário criar nos espaços de aprendizagem, como a escola dominical, um ambiente em que a criança expresse livremente as imagens que está formando. Isso pode ser feito, por exemplo, por meio de parábolas. É muito saudável incentivar o uso da imaginação da criança, evitando a imagem de um Deus que traga terror e destruição.

Fé simbolizada (fé mítico-literal)

Nesse estágio temos a presença do pensamento lógico — a criança já sabe definir espaço e tempo. Ela tende a investigar e a testar o novo (ensinamento dos adultos) e fala sobre sua própria experiência. Deus se torna mais pessoal e está relacionado com as atitudes dos pais. Apesar de continuar a ser entendido em termos antropomórficos, a relação com Deus é de reciprocidade (há um compartilhar, um dar e receber em relação a ele). Deus é visto como um velho de barba branca e de forma mais

detalhada. Assim como os pais (ou responsáveis), ele faz o que acha melhor. Sua justiça é também baseada na reciprocidade e as pessoas também devem ser justas.

A criança tende a se apegar mais intensamente às regras e atitudes morais e constrói um mundo mais ordenado. É necessário, portanto, oferecer a ela subsídios para que não se torne extremamente exigente, perfeccionista e supercontroladora.

Fé compartilhada (fé sintético-convencional)

Na fase da adolescência, toda a educação na fé será indispensável para a formação saudável da identidade. Estamos denominando esse estágio de fé compartilhada. Deus parece estar vinculado a um relacionamento profundo, no sentido de desejo de conhecimento do outro. Existe nele algo de misterioso, que transparece na busca por plenitude da vida frente aos limites que ela mesma impõe. Deus geralmente é visto como companheiro, amigo pessoal, sempre pronto a dar sua orientação e apoio.

O adolescente é convencional quanto à opinião de outros e apreende novos valores a partir do que obtém de seus relacionamentos e da maneira como organiza internamente esses valores. Sua perspectiva das coisas ainda é dependente, pois sua identidade ainda está em formação. Como mencionado, os outros estágios desenvolvidos por Fowler relacionam-se à fase adulta e à terceira idade.

Como utilizar os conteúdos apresentados

A fé é um pilar que sustenta não só a espiritualidade, mas também a dimensão pedagógica das igrejas. Os autores citados aqui nos ajudam a perceber o estreito relacionamento entre a fé e o desenvolvimento humano, bem como sua importância para a convivência em nossas comunidades.

Cada estágio em Fowler retrata uma compreensão de fé. Além disso, a teoria do desenvolvimento da fé nos possibilita conhecer um evangelho comprometido com a saúde integral das igrejas. A educação da fé é um rico subsídio para o conteúdo de

nossos diálogos com as crianças. Apresentamos a seguir algumas orientações sobre como este capítulo pode ajudar no trabalho dos pais e educadores com as crianças:

- Procure uma capacitação contínua para compreender melhor a vida das crianças e dos adultos e como eles interagem;
- Conceitue sua imagem de Deus e procure perceber como ela influencia a vida das crianças com quem você convive;
 - Dialogue com as crianças a respeito da fé que elas têm;
- Participe com as crianças das atividades dadas a elas desenhando junto, por exemplo;
 - Compartilhe com as crianças sua experiência de fé;
 - Inclua as crianças nas decisões da família e da igreja;
- Inclua a participação das crianças na organização de cultos ou devocionais voltadas para elas;
- Promova encontros de pais, de educadores, de crianças e de todos esses grupos juntos;
- Promova momentos de transição de uma classe para a outra na escola dominical (ex: festas, confraternizações, devocionais conjuntas das classes);
- Procure recursos em outras áreas do conhecimento humano (psicologia, pedagogia, sociologia).

Blanches de Paula é pastora da Igreja Metodista e psicóloga. É doutora em ciências da religião e leciona na Universidade Metodista de São Paulo na área de teologia pastoral e ciências humanas e sociais.

14.

A criança como chave hermenêutica

Uma aproximação psicoteológica

KARIN H. K. WONDRACEK

Minha porta para a Teologia da Criança (TC) tem duas chaves — o que só acontece com portas significativas. Tenho carregado ambas em meu "chaveiro hermenêutico" e ambas abrem a porta que dá acesso a uma linda casa — a casa da criança em relação — dentro de mim.

A primeira chave foi forjada nas leituras da Bíblia — primeira porque é mais antiga e porque foi construída enquanto eu era criança e ouvia a voz da mãe narrando histórias ao pé da cama. Essa voz, carregada de sua própria história, de entonações e sotaques de seus pais e avós, que já contavam as mesmas histórias, passou para mim — consciente e inconscientemente — uma preciosa carga afetiva de informação. Falo do contato com a Bíblia, Palavra de Deus-pai e mãe, e do contato com a própria mãe, que acalmava temores noturnos e me entregava nos braços de Deus para dormir. Deve ser por isso que o Salmo 131 sempre foi meu predileto. E é nele que quero usar a primeira chave:

Senhor, o meu coração não é soberbo,

Nem os meus olhos são altivos;

Não me ocupo de assuntos grandes e maravilhosos demais para mim.

Pelo contrário, tenho feito acalmar e sossegar a minha alma;

qual criança desmamada sobre o seio de sua mãe,

qual criança desmamada está a minha alma para comigo.

Espera, ó Israel, no Senhor, desde agora e para sempre.

Salmo 131, Almeida Revisada Imprensa Bíblica

Eis a atitude da criança que sabe seu tamanho e sua fragilidade. Poderíamos discorrer longamente sobre o desamparo infantil que requer a presença de um adulto protetor. Nascemos em desamparo, e uma das tarefas da vida, segundo Freud, é aceitar o desamparo, que tem sua matriz na infância, mas se manifesta também na vida adulta — pois diante das forças da natureza e da morte, não temos domínio. A aceitação do desamparo na presença de Deus é uma das portas que se abrem nesse salmo.

Quero me deter no versículo 2, e, tal como tenho aprendido com a tradição judaica, me abrir para duas possibilidades de interpretá-lo, sem decidir por uma delas. Minha chave forjada na leitura da Bíblia recebe aqui uma camada de psicanálise.

A psicologia e a teologia da amamentação

Qual criança desmamada sobre o seio de sua mãe, qual criança desmamada está a minha alma para comigo.

Salmo 131.2

A primeira possibilidade é que essa criança acabou de ser amamentada e, portanto, está naquele delicioso torpor de saciedade. Nesse caso, Deus-mãe me alimentou, me saciou e nele tenho alimento conjugado com aconchego. O que sacia um bebê é a combinação de alimento e carinho — "com açúcar e com afeto". Logo, nossa teologia, além de boa em nutrir, tem de se tornar aconchegante e amorosa.

Encontro em Winnicott (1896-1971), que antes de psicanalista era pediatra, uma das melhores reflexões sobre a relação entre mãe (ou cuidador) e bebê e sua importância para a constituição do eu.²

Uma de suas afirmações mais significativas, inclusive para nossa chave hermenêutica, é que não existe uma criança sem a mãe: "Nenhuma psique pode ser entendida como existindo isoladamente. O desenvolvimento do *self* do bebê só

prospera no ambiente de brincadeira, de amor e, acima de tudo, de espelhamento da atenção da mãe".³

Para a TC, a criança no colo da mãe é um lembrete de que não existimos sem Deus. A relacionalidade com ele está, desde Adão e Eva, como fundante do nosso ser. A dependência infantil nos exorta a sempre nos lembrarmos deste fato e nos inspira a "nascermos de novo" e a nos deixarmos recriar através da dependência de Deus. O místico Irmão Lourenço, em cartas escritas significativamente na cozinha do mosteiro, expressava que "o hábito mais santo e necessário em nossa vida espiritual é a presença de Deus. Isto significa sentir um prazer constante em sua companhia, falar com ele humilde e amorosamente em todas as ocasiões, a cada momento, não limitando a conversação de forma alguma".⁴

Alimentação é presença. No livro *A Criança e seu Mundo* (capítulo "Alimentação do bebê"), Winnicott afirma que "a alimentação da criança é uma questão de relações mãe–filho, o ato de por em prática a relação de amor entre dois seres humanos".⁵

Nutrição, em outras palavras, é a prática da relação de amor de um corpo que se doa para outro corpo carente — e aqui está a matriz que será profundamente ressignificada no "isto é meu corpo" da Santa Ceia. Jesus Cristo fundamenta na relação primeira — a mãe que dá o próprio corpo ao bebê — a instituição do mais significativo ritual cristão, e com isso atinge as marcas da experiência mais primitiva do ser humano.

Além disso, o aleitamento, o fato concreto de tomar parte no corpo materno durante uma relação satisfatória, fornece um esquema para todos os tipos de experiências de que o instinto participa. Assim, o salmista faz, de forma direta, uma ponte entre a experiência da amamentação e sua relação com Deus — "tal qual uma criança...". A beatitude originária se tornou a matriz para as experiências de relação com outros seres humanos e com Deus.

Porém, Winnicott salienta também que a alimentação não é só beatitude. Quando o bebê se sente esfomeado e desconfortável, ele "ataca" vorazmente o peito e fantasia que está agredindo o seio, para depois descobrir que "atacou" a própria mãe: "Há um *elemento agressivo* muito forte no primitivo impulso de amor, que é o impulso para mamar". Em outras palavras, o estado de beatitude pós-mamada também vem pela percepção de que a mãe sobreviveu ao ataque esfomeado e continua amorosa e inteira. Dessa forma, a mãe assegura ao bebê que sua fome não foi *grande demais*, e que ela é capaz de lidar com as intensidades do seu corpo e psiquismo. O fato de experimentar graça e perdão também pode ter sua matriz aqui.

A psicologia e a teologia do desmame

A segunda possibilidade de interpretação do estado do bebê do Salmo 131 é que o salmista se refere a uma criança um pouco maior, que está vivendo a situação do desmame: "Como uma criança desmamada no peito de sua mãe".

Nesse caso, o corpo da mãe já não fornece alimento e a criança precisa contentar-se apenas com o aconchego. Ela teve de passar para outros alimentos, pois já não há aquela completude paradisíaca do começo da vida, em que ambos se bastavam. Portanto, o salmista se refere a uma situação de acatamento, de renúncia e de apaziguamento com "menos".

Tem-se aqui uma base para as experiências de quando Deus não me dá tudo que quero (as "coisas grandiosas demais") e que requerem que eu faça um trabalho de aquietamento interno ("fiz calar e sossegar a minha alma"). É um trabalho duro, pois o meu eu deve cessar de querer o "céu" e se contentar com menos. Porém, como todo bom trabalho, traz frutos para a experiência de si e do outro: "Na experiência do desmame, já é um fato importante que a mãe resista a todos os sentimentos associados ao desmame, e se resiste é porque, em parte, a criança a protege e, também em parte, porque ela pode-se proteger". Ou seja, passar pela crise do desmame sem "acabar" com o outro proporciona uma primeira experiência de superação de crise e gera crescimento mútuo. O bebê e a mãe aprendem a lidar com frustrações e a se preservar sem a intermediação do seio.

A teologia precisa resgatar esse modelo de sobrevivência durante a crise para ajudar as pessoas a preservarem a relação com Deus *depois* de não receberem "grandes coisas"! Todo o temor associado neuroticamente ao "pecado contra o

Espírito Santo" mostra a fantasia de que a relação com Deus não sobreviva ao ataque do cristão raivoso — tal como a criança (mal) desmamada no colo da mãe, que imagina que ela não sobreviveu a seu ataque. No outro extremo, há cristãos que interpretam doenças ou acidentes como castigos de Deus por pecados cometidos, como se a mãe se vingasse e por isso recusasse dar o seio.

A frustração moderada é o motor do crescimento, já diziam Freud e Winnicott. Ela possibilita que, por meio da fantasia, se construam satisfações provisórias e que se aceitem estas em lugar das primeiras. A fralda e a chupeta entram no lugar do seio, e com elas o bebê pode imaginar que voltou à situação paradisíaca. Fantasiar é o motor da criatividade; e no sossego da alma a criança brinca, o adulto trabalha, o poeta compõe e o agricultor planta. E todos, com brincadeiras, canções, piadas e trabalhos, potencializam o gesto criativo por meio do qual participam da atividade de Deus e assim fazem girar a roda da vida.

Usadas na abordagem da criança, como feito no Salmo 131, as contribuições de Winnicott e de outros teóricos nos convidam a considerar a relação mãe/pai-criança como chave hermenêutica da relação Deus-ser humano. Não apenas a criança deve ser considerada, mas também a qualidade relacional presente na fundação do ser humano e na construção da relação de Deus com o ser humano. Porém, isso será mais detalhado na abordagem da segunda chave hermenêutica.

A teologia do desenvolvimento humano: a segunda chave

Aqui uso a segunda chave hermenêutica, forjada em três etapas: o miolo vem da leitura da teoria psicanalítica, a cobertura vem da observação de bebês e a "usinagem" vem da teologia, especialmente a partir do contato com a obra de James E. Loder. Teólogo de Princeton, também formado em psicanálise, ele pesquisou e sistematizou a simultaneidade do desenvolvimento psicológico e teológico em todas as etapas da vida. Em outras palavras, investigou a relação entre o desenvolvimento psicológico e o desenvolvimento espiritual do ser humano. Vejamos, de forma resumida, seus comentários apenas sobre os primeiros 18 meses de vida.

Desenvolvimento psicológico: A fundação do ego

O espírito humano está no ser humano desde o princípio e constitui "o núcleo dinâmico do que significa tornar-se uma pessoa".¹¹ O nascimento é a primeira experiência na qual o espírito mostra sua força, e esta experiência pode ser reapropriada em períodos posteriores, como no novo nascimento, que é "uma transformação espiritual que restaura vida em face da morte".¹² O espírito humano é um protótipo ou forma que "nos empurra através do tempo em direção à completude".¹³

Loder não concorda com as teorias que afirmam que tudo já está determinado no desenvolvimento humano, pois o concebe com final aberto. O espírito humano é o *poder criador que luta para, através do caos, construir uma ordem*. Para Loder, há uma sequência de etapas que se inaugura no conflito do nascimento e se repete a cada fase crítica do desenvolvimento, a cada transição de estágio: 1) fase do conflito e caos; 2) busca de compreensão da situação e de uma saída; 3) liberação de tensão com a nova energia disponível; 4) avanço edificado sobre a nova ordem recém construída.

O desenvolvimento humano não é contínuo e ascendente; as próprias dificuldades são caminhos para novas aquisições. Depois do nascimento, há outras etapas críticas que seguem esse padrão, e o espírito humano é a força que conduz o desenvolvimento por dentro e para além do caos. Para compreendê-las, Loder ancora-se nas ideias do psicanalista Rene Spitz: a fundação do ego se dá por meio de quatro *organizadores* que se sucedem nos primeiros 18 meses de vida. Por meio deles, o bebê em desenvolvimento se relaciona com as pessoas e o ambiente, e, por meio dessa relação, percorre a sequência de etapas citada e cria estruturas internas que emergem do caos e o capacitam a atender às necessidades vitais.

1. O primeiro destes organizadores é a *boca*, por meio da qual o bebê recebe os meios de sobrevivência e experimenta o mundo. Isso acontece através de múltiplos reflexos e ações — sugar, sentir gosto, sentir o seio e outras partes do corpo materno e também sentir objetos. Porém, o alcance dessa relação por meio da oralidade é muito maior, pois "a boca começa a fazer de um modo primitivo o que o ego por fim

acabará fazendo de modo mais complexo e sofisticado por toda a vida: servir ao instinto de sobrevivência e de satisfação". ¹⁴ Pelo restante da vida, é o ego que entrará em contato com a realidade e selecionará o modo de relacionar-se com ela.

Para a teologia cristã, importa lembrar que o mandamento da Ceia, instituído por Cristo, está embasado no primeiro organizador psíquico, isto é, remete aos elementos mais arcaicos da nossa estruturação. Se é pela boca que o ego se inicia, também é pela boca que o cristão se organiza na comunhão com Cristo e seu corpo.

2. Dos três aos seis meses, há um novo organizador: diante de um rosto verdadeiro, o bebê reage com *sorriso*. Esse fenômeno é tão importante e regular que funciona como *imprinting* (gravação)¹⁵ do que significa ser humano. É uma "relação em espelho entre a face adulta e a face da criança, entre a criança que sorri e o retorno desse sorriso por parte do adulto". ¹⁶

A reação de sorriso perante a face sedimenta não apenas a capacidade de relacionar-se com a pessoa amada. Para o bebê, o abraço e o olhar da mãe é *a própria ordem cósmica*, na qual ele se sente inserido e tem sua identidade confirmada.

Basta imaginar a *transfiguração* perante tal presença para ver como o *imprinting* desta face é "implicitamente religioso e um sentir incipiente da presença de Deus". A face da mãe é o "protótipo originário da experiência religiosa" com a face de Deus. Perante a face da mãe o bebê sabe a que espécie pertence, e veremos adiante que esse é o paradigma dentro do qual o ser humano se reconhece dentro da nova criação, ao encontrar seu lugar como ser único e ao mesmo tempo pertencente a uma ordem maior:

Universalidade e particularidade, individualidade e pertencimento, satisfação subjetiva profunda e um senso de ordem objetiva última: tudo está condensado numa única presença, viva e harmoniosa.¹⁸

3. Aos seis meses, surge o terceiro organizador: a *angústia*. O bebê, nascido em relação com a mãe e a princípio fusionado com ela, experimenta angústia perante o seu possível desaparecimento. A angústia funciona como alarme que prepara o ego

para esta possibilidade, pois "a criança de seis meses está aprendendo a entender e a antecipar o 'não' dos pais".¹⁹

A possibilidade deste "não" (que já surge em experiências pequenas de não alimentar a criança quando ela quer, não tomá-la no colo, deixá-la sozinha ou com outra pessoa, por exemplo) cria a sensação interna de ausência, de vazio e de negação. Em casos extremos, isso pode impedir a composição do eu do bebê e despertar intensa sensação de aniquilamento: "Quando a face que organizou a personalidade em proporções potencialmente religiosas parece ir-se, isso se torna uma questão de significado existencial".²⁰

No começo, o bebê expressa sua angústia pelo choro e por outras reações psicossomáticas de desprazer (diarreia, eczema, insônia, choro e agitação). Porém, em torno dos quatorze meses, o ego do bebê se capacita a reagir defensivamente a esta angústia, por meio de um mecanismo de defesa chamado por Freud de *formação reativa*. Consiste em *sentir*, *dizer ou fazer exatamente o contrário* do que se deseja, com a energia que seria usada para o primeiro impulso. Diante da angústia sentida pela possibilidade do *não* dos pais, a criança reage contrariamente a seu próprio desejo e se capacita a dizer *não*, com energia e determinação, *antes* que eles o façam.

4. O não é o quarto organizador interpessoal. Não se trata de imitação dos pais, mas de uma aquisição do ego que se torna a base de discriminação entre a criança e o mundo. O mecanismo de negação é uma espécie de especialização da formação reativa, e, usando-o de várias formas, a criança estabelece fronteiras e delimita espaços. Como a negação funciona como separação, ela ajuda o ego da criança a se distanciar da mãe, dos objetos e do seu próprio desejo de fusão; e assim cria distâncias e torna mais objetivas as relações com pessoas e coisas.

A aquisição do não é um *movimento espiritual* de proporções existenciais, pois dá o alicerce para a separação entre consciente e inconsciente e entre interno e externo. Loder conclui que o ego surge a partir de um movimento de defesa perante a angústia, ou seja, a identidade da pessoa é iniciada por uma defesa. Por mais engenhoso que este desenvolvimento possa parecer, ele tem consequências desafortunadas.

A primeira é que aquilo que se compreende por "desenvolvimento" é o desenvolvimento do ego. Como a origem do ego é fundamentalmente defensiva, baseada no $n\tilde{a}o$, chega a ser irônico que se valorize como mais alta aquisição psíquica uma estrutura fundada no $n\tilde{a}o$ e na repressão. "Todo o assim chamado desenvolvimento normal subsequente é desenvolvimento do ego, de modo que ele ocorre sobre a base da repressão, isto é, sobre a base do $n\tilde{a}o$ ".²¹

A segunda é o sepultamento da face amada. Embora seja um magnífico movimento do ponto de vista defensivo, significa que "o poder e a significância da face como a marca daquilo que é ser humano estão sepultados debaixo da repressão".²²

O resultado é um ego incrivelmente competente para sobreviver e manter o equilíbrio entre prazer e desprazer, mas à custa de suportar, abaixo do desenvolvimento egoico e cercando todas as suas realizações, uma profunda sensação de vazio cósmico. Para Loder, a negação aparentemente triunfou:

O espírito humano tem sido forçado pelo pavor, pela "angústia do não-ser", a contradizer a si mesmo e perder contato com sua criação original, o fenômeno da face e seu poder de formar o destino humano na direção do divino.²³

A solidão cósmica resultante desse desenvolvimento se mostrará de diversas formas durante a vida. Estabelecida na fase de bebê, essa solidão retorna fortemente na adolescência, na meia idade e também na velhice. Em todas as suas buscas e realizações, nas aquisições intelectuais e na criação da cultura, o espírito humano desassossegado busca formas de superar a profunda ruptura em sua base. Esta é uma evidência para Loder concluir que "há algo teologicamente anormal no assim chamado desenvolvimento normal do ego". Esse afastamento da face se aproxima do conceito de pecado. Na compreensão teológica de Loder, baseada em Wolfhart Pannenberg e Soren Kierkegaard, pecado não adquire conotações morais, mas antes desenvolvimentistas, ou seja, "pecado pode ser compreendido como perversão ou

retorno para dentro do espírito humano, produzindo conflito interno, angústia e comportamento autodestrutivo". 25

Porém, o que foi abafado pela negação e pela repressão tenta retornar: "O que perdermos interiormente vaza para fora [...] para tornar tudo compreensível e assim nos contar quem somos dentro daquilo que de outra forma seria vastidão vazia do espaço em expansão".²⁶

A solidão cósmica "secreta" o anseio do espírito por uma face que lhe recorde quem é, de onde veio e para onde vai. "Por isso, há uma profunda busca pela face que fará pela pessoa adulta o que a face da mãe fez para a criança; a busca pela face que não vá embora".²⁷

A vida psíquica como um todo será marcada pela busca de soluções para anular o poder da negação sobre a existência humana e resgatar a presença de uma face que permaneça, colocando a vida em relação com o Uno, que é a ordem cósmica, a presença autoconfirmadora. Esse é o terreno da teologia do desenvolvimento humano e, por conseguinte, um lugar próprio da teologia feita a partir da criança.

Assim, compreendemos que, desde bem cedo, o ser humano busca por essa face que lhe revele a que espécie pertence e que seja uma "face que não vá embora". A presença espiritual de Deus expõe essa condição humana e simultaneamente oferece uma alternativa real para costurar essa ruptura, com Jesus Cristo como a face de Deus.

O andar no reconhecimento da face de Deus revelada em Jesus Cristo provoca a transformação à sua semelhança, ou seja, a "transfiguração do *imprinting*".²⁸ Contemplando a face de Deus revelada em Jesus Cristo, o ser humano sabe a que espécie pertence, como escreve o apóstolo Paulo:

E não somos como Moisés, que punha véu sobre a face, para que os filhos de Israel não atentassem na terminação do que se desvanecia. Mas os sentidos deles se embotaram. Pois até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece, não lhes sendo revelado que, em Cristo, é removido. Mas até hoje, quando é lido Moisés, o véu está

posto sobre o coração deles. Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado. Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade. E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.

2 Coríntios 3.13-18

Esses padrões teológicos fundamentais não se limitam a um estágio, mas estão presentes em cada etapa e no todo, indicando a dimensão teológica do desenvolvimento humano. Em cada idade, há um percurso psicológico e teológico a observar e a resgatar, para compreender o amor de Deus por cada ser humano, manifesto em cada idade.

Para a TC, fica o desafio de olhar para os primeiros meses de vida e a partir dali retirar todas as consequências possíveis que indiquem a prontidão do ser humano para a relacionalidade com Deus, bem como para se defender dela, por meio do pecado. Os dois movimentos estão presentes ali, e sua observação nos ajudará a compreender a profundidade da queda, porém, mais ainda, a profundidade do amor revelado em Jesus Cristo, "a face de Deus que não vai embora".

Karin H. K. Wondracek, psicóloga e psicanalista, é mestra em teologia e pesquisadora da relação entre psicanálise, antropologia filosófica e teologia. É membro da Associação Psicanalítica Sigmund Freud e do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos. É tradutora de Cartas entre Freud e Pfister e autora de, entre outros, Caminhos da Graça.

Reino de Deus, vitimização e sobrevivência

Um panorama da história da infância no Brasil

LYNDON DE A. SANTOS

A condição da infância no mundo ocidental e no Brasil mudou nos últimos séculos. Antes vista como pequeno adulto e submetida desde cedo ao trabalho, a criança passou a ser definida como um sujeito com individualidade, em uma fase da vida em que seu caráter, sua personalidade e seus talentos estão em formação. Políticas públicas voltadas para a defesa, a proteção, a saúde e a educação têm sido executadas como tarefas fundamentais por parte do Estado e de organizações civis. Porém, nem sempre foi assim e, apesar de muitos avanços, ainda há muito desamparo para com a infância em nossa sociedade.

Tal situação tem raízes históricas que interessam os movimentos sociais, o governo, as igrejas e todas as organizações que se preocupam com a infância no Brasil.

A história do Brasil tem sido marcada por diferentes práticas de exclusão social e as crianças foram alvo de práticas e mentalidades excludentes que existem até hoje. Somente a partir de 1959, com a *Declaração Universal dos Direitos das Crianças*, promulgada pela ONU, é que as crianças foram reconhecidas e consideradas como *sujeitos de direito*. As políticas públicas voltadas para a assistência à infância são determinações recentes no Brasil, sobretudo a universalização da educação e do acesso à saúde.

Ao observarmos os grandes períodos em que tradicionalmente a história brasileira se divide, poderemos compreender as diferentes falas, discursos, práticas e políticas voltadas para a infância. No entanto, é preciso percebermos que, desde a chegada dos portugueses, ser criança no Brasil já teve uma diversidade de significados. Antes disso, as crianças indígenas talvez fossem mais felizes em sua condição de vida e cultura.

Neste capítulo, falaremos das infâncias no Brasil de um ponto de vista histórico e historiográfico, sem a pretensão de esgotar o assunto, pois a literatura especializada em infância e na criança é vasta. Para uma abordagem mais completa, deveríamos falar, em outro momento, da infância a partir da literatura, como a de Monteiro Lobato, por exemplo, que por si só valeria um estudo. Seria necessário também um estudo histórico da visão e da prática dos protestantes em relação à infância desde que chegaram ao Brasil, desde as experiências da educação diária — os colégios, a interpretação teológica da infância, os materiais didáticos utilizados pelas igrejas e as missões voltadas para a evangelização de crianças. Essas lacunas precisam ser preenchidas para que se tenha uma compreensão mais ampla do que foi a infância no Brasil.

Limitamo-nos, portanto, a apresentar uma visão panorâmica da história da infância a partir de autores e estudos principais, enfocando sobretudo a condição da infância abandonada como situação, o que acontece até hoje. Propomo-nos a responder, do ponto de vista evangélico, até que ponto em nossa história as crianças foram o lugar e a vivência do reino de Deus, à luz de tantas injustiças que sofreram e têm sofrido.

História de infâncias

A preocupação dos historiadores com a história da família, da infância e das crianças abandonadas no Brasil é recente — remonta à década de 80. A demografia histórica dos anos 70 deu um impulso significativo ao estudo da família no Brasil, constatando que o modelo da família nuclear, monogâmica e cristã era mais exceção do que regra

na maior parte da nossa formação social. Relações ilícitas e concubinatos eram mais comuns que os modelos cristãos ibéricos e medievais transplantados para o Brasil e fortemente influenciados pelo discurso e pela prática do celibato clerical. Nessa configuração familiar, não poucas crianças ficaram desvalidas, abandonadas e expostas.

Na história do Brasil, as crianças permaneceram invisíveis e sem voz em boa parte dos relatos históricos. No entanto, com o interesse despertado nas últimas décadas, a historiografia dedicou-se a falar da *infância* no Brasil, identificando e diferenciando as crianças privilegiadas das desvalidas, tais como a escrava, a ilegítima e a exposta ou abandonada. Ao falarmos de infância no Brasil, não podemos cair no equívoco de usar um termo "guarda-chuva", que abrange uma diversidade de situações definidas pela cor da pele, classe social, etnia, condição de nascimento, acesso à educação e à saúde, violência em diferentes graus e outras situações condicionantes.

Muitas obras e artigos tratam de categorias de crianças como excluídos sociais entre outros em nossa história. Parte dessa produção revela "a presença de altos índices de crianças ilegítimas e de crianças abandonadas". De certa forma, essa situação de abandono se prolongou até nossos dias, através dos menores de rua, dos aprisionados nas unidades da antiga FEBEM ou em instituições semelhantes, das crianças exploradas pelo *pornoturismo* e das submetidas a diversas formas de trabalhos pesados. Então, não podemos ignorar uma parte importante, voltada para a história social da criança abandonada.

De acordo com o período da história, desenvolveram-se mentalidades e práticas voltadas para os infantes que em muito explicam o que somos hoje como sociedade.

As infâncias em nossa história

Do período medieval para o moderno, as transformações econômicas e sociais decorrentes do capitalismo geraram a necessidade de mão-de-obra para as indústrias

que surgiram nos séculos 17 e 18. Esse processo relegou às ruas milhares de crianças sem pais durante o dia ou as empregou em trabalhos que comprometiam sua integridade física. Na Inglaterra, o fenômeno das crianças sem pais foi bem descrito por Charles Dickens e pelos discursos denunciadores da revolução industrial. Para os filhos de famílias abastadas da aristocracia e da burguesia, as condições de crescimento foram melhores, embora estivessem sujeitas à mentalidade de cada época.

Portugal acompanhava as mudanças que aconteciam na Europa, mas com peculiaridades de sua própria história. Ao ocupar o Brasil, trouxe certas práticas relativas à infância, por meio das ações da Coroa, da Igreja e da administração pública. Essas práticas eram oriundas dos tempos ditos medievais.

Colônia

No período em que o Brasil foi colônia de Portugal, a infância foi tratada de diferentes formas. A Igreja Católica utilizava o termo *inocentes* para as crianças ou os que não "tinham condições de pecar". As idades definidoras do que seria a menoridade, a infância ou a inocência, variaram de acordo com os documentos eclesiásticos e com outras fontes documentais, como testamentos e inventários.⁴ Crianças negras recebiam desde cedo designações equivalentes aos seus valores no mercado:

Chamavam *cria de peito* a criança ainda na fase da amamentação e *cria de pé* as muito novas que já andavam. *Molequinho* e *molequinha* designavam [...] crianças até mais ou menos 7 anos; *moleque* e *moleca*, entre 8 e 14 anos; e *molecão* e *molecona*, entre 15 e 18 anos.⁵

Juridicamente, de forma geral, as crianças eram definidas por categorias reforçadas pelos discursos no cotidiano. No ato do batismo, os inocentes eram identificados como *legítimos* quando os pais eram casados na igreja, *ilegítimos* quando

não eram casados, e *expostos* quando abandonados em casas particulares ou na roda dos expostos. Na categoria dos ilegítimos havia ainda os *naturais*, quando filhos de pais solteiros, os *de danado couto*, quando resultantes de relações adúlteras, os *sacrilegos*, quando filhos de sacerdotes ou de religiosa com votos e os *incestuosos*.⁶

Gilberto Freyre mostra diferentes imagens das crianças no Brasil sob o domínio português e no império. Meninos e meninas, indígenas, negros e brancos viveram experiências distintas de infância, fosse na aldeia, na senzala ou na casa-grande. As brincadeiras, a educação, a alimentação, as obrigações, as doenças, a sexualidade e os comportamentos foram vividos a partir da condição de classe e das tradições de suas culturas entrelaçadas. Porém, Freyre aponta para as misturas que ocorreram na formação e na criação das crianças desde a unidade básica da nossa "civilização", que foi a casa-grande na relação com a senzala.

As relações entre as crianças e as mães, as amas de leite e as mucamas eram bastante afetivas e, ao mesmo tempo, *liberais* — inclusive consideradas exageradas. Segundo Freyre, nas casas-grandes a criação dos meninos tinha certo nível de liberdade, misturado com "vícios de educação, talvez inseparáveis do regime de economia escravocrata, dentro do qual se formou o Brasil". Entretanto, a convivência e a proximidade entre crianças brancas e negras não representava igualdade, pois nas brincadeiras e quando se apartavam por conta da idade do trabalho mais pesado, as relações permaneciam desiguais. §

As crianças negras não recebiam educação formal, e sim dos pais a partir de suas tradições ancestrais. No relacionamento com as brancas, algumas tiveram acesso à leitura, sobretudo no processo mais avançado de urbanização no século 19. Nos aldeamentos jesuítas, os *curumins* indígenas recebiam uma educação com valores cristãos, vestuário e modos culturais europeus. As crianças brancas, filhas dos grandes proprietários de terra e dos donos de engenho, tiveram oportunidades melhores de educação, mas ainda limitadas pelas condições da época.

A educação dos filhos de senhores de engenho em geral limitava-se aos rudimentos da leitura, escrita e aritmética. As primeiras lições eram dadas em casa, onde o padre residente ou algum parente alfabetizava a criança. A educação das

meninas muitas vezes terminava aí; a dos meninos continuava no Colégio Jesuíta de Salvador, com teologia, latim e as outras matérias do currículo barroco.⁹

A moral católica e jesuíta definia os valores familiares transmitidos pelos pais e pelos padres encarregados dos serviços religiosos das fazendas e dos engenhos. "Há referências em inventários e testamentos de que, com 4 ou 5 anos, as crianças já estavam engajadas no trabalho doméstico ou na lavoura, iniciando-se no aprendizado de algum ofício."¹⁰

Uma marca que permanece na cultura brasileira desde as práticas indígenas é a relação extremamente afetiva entre as mães e as crianças.

Império

No período imperial, a criança *surgiu* com representações distintas do período colonial. O deslocamento das famílias, o trabalho fora de casa, a dispersão dos pais, enfim, as mudanças causadas pela urbanização ainda incipiente, deram outra visibilidade à infância, já que os pais não conseguiam mais administrar o desenvolvimento dos filhos. As crianças tornam-se *menores* e adquirem a marca de abandonados e delinquentes por estarem livres e soltas nas ruas.

"No século 19, criança, por definição, era uma derivação que denominava quem era criado pelos que lhe deram origem. Eram as *crias* da casa, de responsabilidade (nem sempre assumida inteira ou parcialmente) da família consanguínea ou da vizinhança." Até os 3 anos, os pequenos eram carregados pelas mães, irmãos ou escravas. Os "desvalidos de pé" eram os que já andavam e podiam executar tarefas caseiras.

Testemunhos de viajantes estrangeiros — inclusive de alguns missionários protestantes — descrevem as faces da infância no período, segundo seus olhares. Sujeitas a tratamentos violentos, doenças e falta de educação formal regular, as crianças sobreviviam numa sociedade cada vez mais desigual. No Brasil oitocentista, a diversidade da condição infantil aprofundou-se: havia crianças negras, brancas pobres e ricas, filhos de imigrantes alemães, filhos de escravos, negrinhos e

mulatinhos.¹² A educação era informal. As mães eram *mestras naturais* que ensinavam a rezar, fazer renda e costurar. As primas ensinavam piano e canto, os tios disponibilizavam os livros, os oficiais ensinavam a ferrar os animais, fazer sapatos e construir cercas. As doceiras ensinavam "a fazer doces e flores artificiais, a dissecar animais e plantas, a fazer e enfeitar pratos".¹³ As governantas e os professores eram os elos entre os pais e os filhos, reforçando os padrões sociais. Por causa da troca de notícias, receitas, remédios e alimentos, as visitas entre as famílias também tinham um papel educativo.

A educação do menino imperador dom Pedro II foi um contraponto à realidade das crianças brasileiras do período. Sua formação foi tão rigorosa que, junto com circunstâncias familiares, gerou uma infância traumática e uma adolescência solitária. Pedro II foi educado por tutores que idealizaram um monarca "humano, sábio, justo, honesto, constitucional, pacifista e tolerante", em contraste ao comportamento e ao temperamento do pai. Segundo observadores, ele "era um menino tímido, ensimesmado e, seguramente, muito carente de afeto".¹⁴

A *principal* criança do império na perspectiva política experimentou uma infância infeliz, em comparação com outras crianças também infelizes sob diversas circunstâncias sociais.

República

Com o advento da República, a nova forma do Estado brasileiro trouxe mudanças relativas às políticas públicas dirigidas às crianças. No fim do século 19 e início do 20, a influência dos pensamentos positivista, cientificista e higienista tornaram o Estado um agente responsável pelo processo civilizador da sociedade. A criança passou a ser considerada um organismo em formação e em construção, sujeita à moldura que o Estado artífice deveria lhe dar.

Progresso e civilização eram ideias e convicções dominantes entre políticos, médicos, juristas e religiosos, e apareciam em seus discursos sobre a necessidade de ajustar a sociedade aos tempos da modernidade. Educar e cuidar da infância passou a

ser uma atitude natural para uma sociedade que almejava modernizar-se ao transmitir padrões civilizados aos cidadãos que constituíam a *República*.

A infância passou a ser interpretada como uma experiência a ser corrigida e apartada do meio social degradante, por meio de medidas preventivas, vigilantes e autoritárias sobre o corpo dos menores. No lugar da família, o Estado assumiu a autoridade sobre a infância e a caridade religiosa foi substituída pela filantropia de caráter social financiada pelo Estado e por organizações civis. Se no século 19 a infância era confundida com juventude, a sociedade republicana modificou suas conotações atribuindo periculosidade, pobreza e abandono a essa fase da vida.

Nos anos de 1926 e 1927 foi aprovado o Código do Menor, que representou o pensamento das elites dirigentes do país que queriam educar as crianças, tornando-as dóceis e servis à ordem estabelecida, a fim de garantir seus privilégios. Em vez de investir na educação básica, a ação governamental assumiu o cunho jurídico-assistencialista, que ainda permanece em suas práticas.

O período varguista (1930 a 1945) trouxe mudanças relativas às práticas educacionais, acentuando o papel do Estado em garantir ensino para as crianças. O Brasil se tornaria um país mais urbano e industrializado; porém, a implementação de políticas públicas não acompanhou o ritmo acelerado das transformações sociais. A infância ficou relegada às iniciativas das igrejas e instituições religiosas e à caridade de famílias que assumiam a criação dos desamparados.

Abandono, infanticídio e expostos

A incidência de crianças abandonadas em nossa história é um fato marcante, juntamente com a prática do infanticídio e o número de mortes por doenças. No período colonial, "a mortalidade infantil era expressiva, mas não destoava dos padrões europeus. Calcula-se que, como na França da época, metade das crianças não completava dez anos de idade". O abandono e o cuidado para com as crianças abandonadas foram um prolongamento das práticas desenvolvidas desde os tempos medievais.

O ato de expor os filhos foi introduzido no Brasil pelos brancos europeus — o índio não abandonava o próprio filho. Esse é outro lado perverso da colonização. Como consequência, o português introduziu leis, instituições e comportamentos de assistência e de proteção à infância abandonada, nos moldes do que havia adotado desde os tempos medievais. Tanto as leis como os modelos de instituições de abrigo e de proteção à infância sem-família foram forjados na longa-duração da história da Europa.¹⁶

O abandono e a exposição de crianças começaram com a presença portuguesa e seu projeto colonizador, sendo a Câmara Municipal, por imposição das Ordenações do Reino, o órgão responsável por encontrar meios para criar a criança sem-família. Na prática, constatou-se "a omissão, a negligência, a falta de interesse ou de assistência às crianças expostas". Durante a colônia, a Igreja Católica e o Estado desenvolveram formas indiretas de assistencialismo às crianças abandonadas. Porém, foi a sociedade civil que se compadeceu e se preocupou com os desvalidos e os sem-família.

Os jesuítas, que não tinham interesse em cuidar da sorte dos abandonados nem das crianças ilegítimas, voltaram-se somente para a educação dos indiozinhos. Embora tenham criado importantes colégios que foram responsáveis pela hegemonia educacional da infância brasileira, "nunca criaram uma única instituição destinada à educação da infância desvalida e desamparada. Nunca nenhum pequeno exposto pôde ser admitido nos colégios jesuítas".¹8

Crianças que morriam muito novas eram chamadas de anjinhos, e por causa da crença de que herdariam o paraíso, a morte de inocentes não era considerada traumática. Quanto ao infanticídio, não há registros em grande escala significativa, mas os historiadores insistem que tal prática ocorria entre os escravos que não queriam que os filhos também fossem escravizados. "Nada, porém, permite chegar a essa conclusão, pois a forma usual de ocultar rebentos indesejáveis ou livrar crianças escravas de cativeiro era abandoná-los em casas ou ruas ou levá-los às rodas dos expostos". ¹⁹ No século 19, entretanto,

o abandono de crianças e o infanticídio foram práticas encontradas entre índios, brancos e negros em determinadas circunstâncias, distantes da questão da concentração devastadora nas cidades, da perversa distribuição de bens e serviços entre as camadas sociais e das fronteiras que entre elas se estabeleceram.²⁰

A roda de expostos foi uma instituição de longa duração na história brasileira. Foi criada na colônia, passou pelo período imperial e só foi extinta na década de 1950. Esse "triste sistema", no entanto, cumpriu um importante papel, pois, por quase um século e meio, "foi praticamente a única instituição de assistência à criança abandonada em todo o Brasil".²¹

As *rodas* começaram no período medieval e foram implantadas no Brasil no século 18, em Salvador, Rio de Janeiro e Recife. Foram "um fenômeno essencialmente urbano e pontual" e eram insuficientes para dar conta da demanda.²² Muitas crianças eram deixadas nos monturos, nos caminhos, nas portas das igrejas e das casas e nas praças públicas à espera de uma alma caridosa que as recolhessem. Colocadas na roda dos expostos ou recolhidas casualmente, as crianças alheias proporcionavam a adoção por famílias — uma prática sempre difundida e aceita no Brasil.

A instituição da roda dos expostos serviu para garantir o anonimato do expositor e evitar males maiores, como o aborto e o infanticídio. Ela defendia a honra da família quando de uma gravidez indesejada e regulava o tamanho das famílias. A criança era logo batizada e inscrita num livro. Os bilhetes deixados eram transcritos e registrava-se o nome de batismo e os pertences, quando havia. No entanto, aconteciam certas fraudes. Algumas mães, por exemplo, depositavam os filhos e depois se apresentavam como amas-de-leite, recebendo auxílio para essa tarefa. Algumas amas-de-leite não comunicavam a morte da criança a fim de continuarem recebendo os benefícios.

A partir do século 19, as Casas de Misericórdia assumiram a roda dos expostos, recebendo ajuda de ordens religiosas femininas da Europa. Porém, não podiam

controlar a demanda. Muitas vezes, quando as crianças voltavam das casas das amas-de-leite, ficavam nas ruas perambulando, prostituindo-se e vivendo de esmolas e de pequenos furtos. Ainda assim, a roda procurava de alguma forma encaminhá-las para uma família ou uma ocupação.

A filantropia com bases científicas e não-religiosas surgiu como modelo assistencial a partir do fim do império e início da república. "Houve gradualmente a substituição, em alguns casos, ou a convivência pacífica, em muitos outros, da fé e da ciência." Até os anos 60, foram criadas associações filantrópicas de caráter particular e público para o amparo e a assistência à infância. Colônias agrícolas, casas de educandos artífices, asilos para a infância, abrigos, liceus e orfanatos procuraram acolher e educar os menores a partir das novas condições econômicas e sociais.

A partir de 1960, com a concepção do Estado do Bem-Estar, responsável por fundações como a FUNABEM (1964), e das FEBEMs, alterou-se o modelo e a orientação na assistência à infância abandonada. A constituição de 1988 possibilitou a inserção dos Direitos Internacionais da Criança e em 1990, com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o Estado assumiu a responsabilidade para com a infância e a adolescência desvalidas "e a criança e o adolescente se tornam sujeitos de direito pela primeira vez na história".²⁴

Considerações finais

Ao conhecer a história da infância ou das infâncias no Brasil, podemos ver quanta injustiça esses seres humanos criados à imagem e semelhança de Deus sofreram durante séculos de desigualdade. Muito dessa injustiça chegou até nós como extensão das práticas europeias e ibéricas. Os discursos religioso e científico reforçaram estigmas e preconceitos sobre os infantes, vítimas das condições sociais a eles impostas.

A religião, a ciência e o Estado transferiram para os corpos e personalidades em formação, construções, imagens, práticas e formas de violência institucionalizadas que não lhes pertenciam. A história da infância no Brasil é de vitimização institucionalizada e de sobrevivência.

Se as crianças possuem — ou seja, são parte, integram, representam, sinalizam, apontam, carregam, portam — o reino de Deus na história, a nossa tem negado essa condição. Desde as crianças indígenas tiradas dos pais para se tornarem cristãs nos aldeamentos jesuítas, até as expatriadas negras trazidas da África, as práticas sociais permitidas pelo Estado, pela Igreja e por outras organizações reproduziram essa falha em ver a criança como ser humano portador de dignidade. Ao mesmo tempo, as crianças brancas rejeitadas pelos pais, órfãs trazidas de Portugal, filhas de sacerdotes ou nascidas de relações adúlteras cresceram estigmatizadas por preconceitos sociais dos quais eram vítimas, sem direito a defesa.

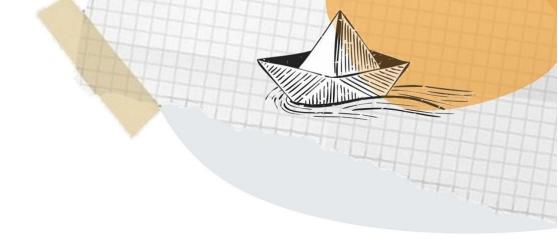
As crianças em nossa história foram sinais da presença do reino — mesmo atingidas por várias formas de violência física e simbólica e mesmo tendo negados os seus direitos enquanto criaturas amadas por Deus e sujeitas a uma dignidade humana que independe de condição racial, econômica e religiosa. A condição de indefensabilidade das crianças, ou a elaboração de estratégias de defesa — incluindo a contra-ação violenta — denunciam que o reino de Deus se faz presente, até mesmo em oposição àqueles que dizem representá-lo institucionalmente.

As muitas ações cotidianas movidas pela misericórdia, no campo e nas cidades, por indivíduos e famílias, por organizações religiosas ou não, foram a mão de Deus cuidando de milhares de crianças em nossa história. Na vida de cada uma delas certamente há uma marca dessa misericórdia e cuidado. Esse pensamento nos consola, mas não nos exime de acatar com indignação o legado histórico das práticas vitimizadoras e de agir para que as crianças representem o que são e o que lhes pertence — o reino de Deus (Mc 10.13-16).

Jesus abraçou, abençoou e colocou as mãos sobre as crianças; três atitudes que sinalizam o que fazer com a infância, a partir das perspectivas do acolhimento sem distinção, da comunicação do sagrado e do cuidado diante de suas necessidades.

Nossa história mostra o quanto estas atitudes estiveram e ainda estão distantes da maioria das crianças.

Lyndon de A. Santos é pastor da Igreja Evangélica Congregacional em São Luís, no Maranhão. Mestre em ciências das religiões e doutor em história, é professor do departamento de história da Universidade Federal do Maranhão.



Parte 6

no olhar das crianças

O que podemos aprender com os filhos

Karl Kepler

Um dos meus temores antes de ser pai era: o que eu faria com uma criança até que ela tivesse idade suficiente para conversar? Minha vida de adulto era fortemente verbal, quer por palavra falada, quer por escrita. Como a criança demora pelo menos quatro anos para ter um domínio razoável do idioma, lembro-me de ter comentado com minha esposa que eu não tinha a menor ideia do que fazer com meu filho nesses primeiros anos. E no primeiro ano então, antes até das primeiras palavras? Dúvidas e temores ocupavam minha imaginação.

A experiência de ser pai me surpreendeu muito. Não só por ter encontrado um monte de coisas novas para fazer, mas também por reaprender quantas coisas importantes da vida não ³passam pela verbalização e não são expressas pelo domínio do idioma. Digo reaprender porque estive "no outro lado da relação", como filho, quase quarenta anos antes e, portanto, já tinha tido contato com esse universo que agora me parecia tão assustadoramente desconhecido. Assim, redescobri o lugar do contato físico, do segurar no colo, dar de comer, carregar, limpar, consolar o choro, abraçar etc. Tudo isso não é apenas importante, mas também muito prazeroso de dar e de receber. Não há palavras que expressem o valor de uma gargalhada, de segurar a mão no escuro, de ter seu choro atendido — será essa a dimensão a que a Bíblia se refere em Romanos 8, quando fala dos "gemidos inexprimíveis" do Espírito Santo ao

³ Publicado originalmente em Aba Pai – Aprendendo com seu Filho sobre o Pai do Céu. Disponível gratuitamente em www.cppc.org.br.

Pai, ou em 2 Coríntios 12, quando fala do que Paulo ouviu no céu, na presença de Deus? Não sei dizer, mas sei que aprendi muito — e desfrutei muito — do contato pai-filho nesses primeiros anos de paternidade.

Minha esposa e eu tivemos nosso filho já bastante maduros (com 38 anos), e isso talvez tenha colaborado para eu não ficar tão desesperado nas primeiras etapas da criação. A princípio não queríamos ter filhos; fomos mudando de ideia à medida que a idade-limite se aproximava. De amigos e colegas ouvimos muito sobre o grande trabalho que dava criar filhos, sobre o quanto isso mudava a vida da gente, trazendo cansaço e preocupações. Porém, quando estávamos no meio da nossa experiência, nosso sentimento foi: "Porque não enfatizaram que era tão bom? Talvez até tivéssemos tido filhos antes...". O fato é que a qualidade humana da minha vida mudou bastante com a paternidade: deixar de pensar só em si, assumir a responsabilidade de cuidar de alguém frágil, aprender a dar mais, a abrir mão de privilégios, a amar de uma forma nova e radicalmente diferente da do amor entre adultos. Tenho a impressão de que Deus, ao planejar a vida humana, concedeu duas grandes oportunidades naturais para nos livrarmos dos enganos e das armadilhas de centrarmos nossa vida em nós mesmos: o casamento e a criação de filhos. Imagino também que a experiência de ser avô/avó traga uma terceira oportunidade: são todas dons naturais da graça de Deus para muitos de nós.

Paralelamente, a experiência de ser pai também me ensinou muito sobre Deus. Afinal, na maioria das vezes, é como Pai que Jesus apresenta a Deus, e de uma forma especial na comunicação direta, em orações como o Pai-Nosso. À medida que ia convivendo com nosso filho, ficava imaginando o que Deus sentia para conosco, seus filhos e filhas tão amados quanto eu amava meu filho. Dividi essas reflexões com alguns irmãos e assim surgiu um livro, ilustrado por Wilson Tonioli: *Aba, Pai — Aprendendo com seu filho sobre o Pai do Céu*. Meu filho cresceu e os desafios da adolescência são outros — mas compartilho aqui dois fatos que me ensinaram muito sobre a infância e que têm me ajudado na caminhada de fé em um Deus que existe e que recompensa todos os que dele se aproximam.

Aulas de aramaico (10 meses)

Há umas duas semanas o Gui nos surpreendeu (de novo): até então ele já fazia um baita bem ao nosso ego chamando papai, mamãe, titia etc. De repente ele começou a chamar em alta voz: "papaiêêê!" "mamãeêêê!", com um sorriso nos lábios (e nós nos nossos, é claro). Às vezes ele nem tem nada a mais para falar, só o prazer de chamar "papaiê" e ouvir a minha resposta. Outras vezes ele fala alguma coisa, mas é em "bebelês", com muita entonação, mas nenhum significado compreensível Outras vezes é pra pedir alguma coisa que caiba no seu vocabulário de vinte palavras. O mais importante não é o que vem depois do vocativo, mas sim o "papaiêê" mesmo, a certeza do vínculo (que é óbvio que será correspondido). E foi uma forma que não fui eu nem a Vera quem ensinou; ele ainda não vai à escola, por isso não sabemos de onde veio; parece que veio de dentro. Acho que é exatamente isso que Paulo quis dizer com "recebemos o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos 'Aba, Pai' (Rm 8.15)".

Desejo que todos possamos ter essa certeza de que seremos muito bem recebidos se gritarmos "Pai \hat{e} " para nosso Pai do Céu — acho que é exatamente isso que ele mais quer ouvir.

Eu, pelo menos, estou muito feliz.

Cabeça de alface (30 meses)

Ontem voltamos do supermercado com o Gui. Com 2 anos e meio ele já aprendeu a "ajudar" na hora de descarregar as compras e levar as sacolas da garagem para a cozinha. Feliz da vida, ele vem junto e pede para ajudar; aí a gente procura alguma sacola menos pesada, tipo com uma cabeça de alface ou caixinhas de gelatina, e dá para ele carregar para dentro de casa. Ele leva, chama a mãe que está lá dentro, diz "ó mãe", e larga a sacola no chão. Depois volta correndo, pedindo outra para carregar. Aí vou eu procurar mais uma que não seja frágil nem pesada, para repetir a operação. E ficamos os três muito felizes.

Às vezes acho que nosso trabalho no reino de Deus é mais ou menos assim; Deus não precisa de nossa ajuda (na verdade, a gente mais atrapalha que ajuda). Mas, para nos deixar felizes, ele separa alguma tarefinha mais fácil e nos dá para fazermos. Algo tipo aquela pessoa que estava "madurinha para se entregar a Cristo", ou aquela outra que "por acaso" encontrou a gente, precisando exatamente daquela única palavra de ajuda ou conselho que somos capazes de dar. Acho que isso é Deus separando uma sacola com uma cabeça de alface, pra gente se sentir um pouco útil e feliz por estar "ajudando".

Karl Kepler, casado, um filho, é pastor, psicólogo e professor de teologia. É membro do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos e autor de Aba, Pai! Aprendendo com seu filho sobre o Pai do Céu.

Apêndices

Proposta Teológica do Movimento Teologia da Criança John Collier

Distinções da Teologia da Criança (TC)

A teologia cristã utiliza vários caminhos para abordar a criança e a infância, e cada um deles com ênfases e interesses particulares e distintos. A TC é diferente de:

- Teologias da infância
- Teologias feitas por crianças
- Espiritualidade das crianças
- Teologias para crianças
- Crianças e a educação religiosa

Como exemplo, destaquemos as características dos dois primeiros grupos. As teologias da infância fornecem um entendimento teológico sobre a natureza das crianças e nossas obrigações para com elas. Levam em conta várias perspectivas sobre as crianças trazidas da tradição cristã e da Bíblia. Segundo as teologias da infância, deve-se honrar a dignidade e a complexidade da criança.

As teologias feitas por crianças são construídas a partir de teologias da infância. Reexaminam doutrinas e práticas fundamentais da igreja, procurando entender tudo à luz dos olhos da criança. Essas teologias fornecem novas perspectivas quanto a temas centrais da fé cristã.

Esses dois exemplos colocam as crianças no centro de uma reflexão teológica séria, têm o potencial de iniciar ações em prol das crianças e trazem implicações para

a igreja com relação aos ministérios voltados para crianças e famílias, à formação da fé e da educação religiosa e à área de defesa dos direitos das crianças.

Uma abordagem da TC

A abordagem adotada pelo Movimento da Teologia da Criança (Child Theology Movement, CTM) trabalha com uma rede internacional de teólogos e pessoas que lidam com crianças. Ela pretende colocar a criança "no meio", porém de uma maneira diferente de outros grupos. Reconhece a variedade de teologias da criança e o fato de que cada uma está construída com base na Bíblia, em textos reconhecidamente valiosos em várias tradições, em pesquisas das ciências sociais e biológicas e nas experiências de várias comunidades de fé e culturas locais.

A TC afirma que os entendimentos teológicos tradicionais sobre a criança são muito limitados. Por exemplo, muitos manuais teológicos tradicionalmente só falam de crianças quando discutem o pecado original. Há mais do que isso na Bíblia. As crianças geralmente são modelos de fé.

Algumas abordagens teológicas sobre crianças dão ênfase na vulnerabilidade e na necessidade delas. Embora não desconheçamos tais questões, queremos enfatizar também seus dons e capacidades. Muitas vezes desenvolvemos programas para ensiná-las, mas dentro deles as crianças raramente têm liberdade para levantar suas próprias perguntas.

Para que serve a TC?

Jesus colocou uma criança no meio dos discípulos no momento em que eles estavam engajados num debate teológico sobre grandeza no reino de Deus.

Fica claro que Jesus julgou que a presença de uma criança daria aos discípulos uma pista com relação à verdade essencial que eles não conseguiam apreender. De vez em quando, durante séculos, a criança tem incomodado os teólogos em suas

pesquisas, mas ela nunca esteve na posição de dar forma à teologia de maneira consistente.

A TC nos convida a observar atentamente a criança em nosso meio no ato de pensar sobre, de e com Deus, em Cristo. Agindo assim, esperamos que a nossa teologia mude para melhor. Com a Teologia da Criança, embarcamos em uma nova jornada com Cristo em direção ao mistério revelado de Deus no mundo.

A TC serve à palavra de Deus no Evangelho porque volta a nossa atenção para a criança como um sinal do reino de Deus.

Ela serve à pesquisa teológica porque contribui com novos capítulos sobre a criança, tomando-a como assunto teológico, e desenvolve a teologia como um todo à luz da criança.

Ela serve à igreja porque explora os alicerces do trabalho com e para as crianças, trazendo à memória da igreja a importância do evangelho integral.

Ela serve à criança porque explora os fundamentos teológicos dos direitos da criança, a importância de todas as iniciativas educacionais e ministérios de cuidado infantil e a integralidade transcendente da criança no mistério de Deus.

[traduzido por Matthew Jones]

John Collier é mestre em teologia e secretário-geral do Movimento Teologia da Criança.

Notas

Prefácio

- 1. A experiência da médica e educadora italiana Maria Montessori (1870-1952), que levantou uma rede de centros de acolhimento e educação para crianças carentes na Itália com excelentes resultados, acabou revolucionando a metodologia de educação ao considerar a criança primordialmente como sujeito no processo de aprendizado, no processo educativo. Ela instruía suas professoras que se lembrassem de que os anjos dessas crianças viam a Deus diariamente.
- 2. Cf. Azevedo, F. *A cultura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1971; Novas edições Brasília, UnB, 1996.
- 3. Por ocasião da assinatura de um convênio de cooperação entre o Ministério da Educação e um programa evangélico de alfabetização de adultos, o Ministro referiu-se à "capilaridade" das igrejas evangélicas, significando que estão presentes em todas as áreas da sociedade, inclusive naqueles lugares em que o governo tem dificuldade de chegar, e por isso tinham uma importante contribuição a dar. Cf. também o Censo Institucional Evangélico, ISER, Rio de Janeiro, 1992.

Introdução

1. Revista *Enfoque Gospel*, n. 55. Disponível em: http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=55&materia=319
2. Idem.

Capítulo 1

1. ARNOLD, J. C., A little child shall lead them. Farmington, PA: Plough Publishing, 1997. p. 29-30.

- 1. LUTERO, Martín. Obras. Salamanca: Sígueme, 1977. p. 414-415.
- 2. LUTERO, Martín, *Obras de Martín Lutero*, v. 4. Buenos Aires: La Aurora, 1977. p. 19-41.
- 3. HANSEN, Guillermo. Algunas perspectivas sobre Lutero y la educación. Foro de Educadores Cristianos. Disponível em: http://ar.groups.yahoo.com/group/foro_de_educadores_cristianos/message/332
- 4. Citado por M. Manacorda. *História de la educación*. México: Siglo XXI, 1987. p. 311, 312.
- 5. ARCHILA, Francisco Reyes. La infancia en las prácticas educativas. In: Imágenes de infancia y protagonismo infantil. *Cuademos de Estudio*, n. 35. Bogotá: CELADEC, 2001, p. 87.
- 6. CALVINO, Juan. *Instituciones de la religión cristiana*. Barcelona: FELIRE, 1994. p. 1048. v. 2.
- 7. Menno Simons: su vida y sus escritos.
- 8. ROCHA, Violeta. In: *Abya-Yala y sus rostros. Formación teológica y transversalidad.* Bogotá: CETELA, 2001. p. 12.
- 9. Para conhecer os registros completos desse evento, ver: *Abya-Yala y sus rostros*. *Formación teológica y transversalidad*. Bogotá: CETELA, 2001. p. 213.
- 10. Idem, ibidem, p. 16.
- 11. Idem, ibidem, p. 16.
- 12. GALLO, Silvio. *Conhecimento e transversalidade*. Universidade Metodista de Piracicaba. Disponível em: www.bu.edu/wcp/Papers/TKno/TKnoGall.htm.
- 13. Visión Mundial Internacional, Oficina Regional para América Latina y el Caribe. Aproximaciones al concepto de transversalidad. Documento interno de trabalho. Congresso Regional de Transversalidade. Costa Rica, junho de 2005, p. 1.
- 14. ORAISON, Maria Mercedes. *La transversalidad em la educación moral: sus implicancias y alcances*. Palestra feita no Foro Ibero-Americano sobre Educação em Valores, no México, em 2000.

Disponível em: www.campos-oei.org/valores.oraison.htm.

15. Idem, ibidem, p. 2.

- 16. BATANERO, José María Fernández. La transversalidad curricular en el contexto universitário; un puente entre el aprendizaje académico y el natural. In: *Revista Fuentes*. Disponível em: www.cica.es/aliens/revfuentes/mono_o1.htm.
- 17. GARCÍA, María Leticia Villaseñor, Temas transversales en la escuela y otros ámbitos. In: *Revista de Educación y Cultura*. Disponível em: www.latarea.com.mx/articu/articu/5/villas15.htm.
- 18. Visión Mundial Internacional, Oficina Regional para América Latina y el Caribe. La construcción del concepto de transversalidad. Documento interno de trabalho. Congresso Regional de Transversalidade. Junho de 2005, p. 1.
- 19. PASCUAL, Anaida. In: *Abya-Yala y sus rostros. Formación teológica y transversalidad*. Bogotá: CETELA, 2001. p. 133 (As perguntas foram adaptadas).
- 20. GARCÍA, María Leticia Villaseñor. Op. cit.
- 21. ULLOA, Amilcar. In: Abya-Yala y sus rostros. Formación teológica y transversalidad. Op. cit., p. 16.
- 22. DEBERGE, Pierre. In: LENTZEN-DEIS, Fríselo, et al. *Jesús en la reflexión exegética y comunitária*. Bogotá: Paulinas, 1990. p. 166.
- 23. LEVORATTI, Armando J. Evangelio según san Mateo. In: *Comentario bíblico latinoamericano*. Nuevo Testamento. Estela: Verbo Divino, 2003. p. 537.
- 24. A matriz epistêmica "é o contexto existencial e vivencial, o mundo de vida e, por outro lado, a fonte que origina e rege o modo geral de conhecer, próprio de um determinado período histórico-cultural e localizado também dentro de uma geografia específica. Em sua essência, consiste no modo próprio e peculiar que um grupo humano tem de atribuir significado às coisas e aos eventos, ou seja, em sua capacidade e forma de simbolizar a realidade. No fundo, é a habilidade específica do homo sapiens que, na dialética e no processo histórico-social de cada grupo étnico, civilização e cultura, foi gerando e estruturando sua matriz epistêmica". MARTÍNEZ,
- M. Miguel. *Necesidad de un nuevo paradigma epistémico*. Disponível em: http://prof.usb.ve/miguelm/necesidadpe.htm
- 25. MOLTMANN, Jürgen. *Un nuevo estilo de vida. Sobre la libertad, la alegría y el juego.* Salamanca: Sígueme, 1981. p. 127.

- 26. ALVES, Rubem. La teologia del juego. Buenos Aires: La Aurora, 1982. p. 119.
- 27. REYES Archila, Fernando. Volver a ser como niños, una hermosa utopía. In: Revista *RIBLA*, n. 24. Quito: RECU-DEI, 1997. p. 59.
- 28. TAMAYO-ACOSTA, Juan José. *Nuevos paradigmas teológicos*, 2 ed. Madrid: Trotta, 2004. p. 14.

- 1. Para uma exceção, consultar ALMEIDA (2003). Essa dissertação de mestrado em teologia é uma tentativa de pensar a liturgia a partir da perspectiva da criança.
- 2. Veja os relatos evangélicos da multiplicação dos pães e peixes por Jesus, que informam a respeito de uma multidão de cinco mil homens "além de mulheres e crianças".
- 3. Trata-se da APEC Aliança Pró-Evangelização de Crianças. Organizada nos Estados Unidos em 1937 pelo rev. Jesse Irvin Overholtzer, essa entidade atua no Brasil desde 1941. O Brasil foi o segundo país a ter esse ministério organizado. Cf. http://www.apec.com.br/apec.htm (acesso em 12 de fevereiro de 2008).
- 4. Citado por Tucker, 1986. p. 62-63.
- 5. Quanto às CEBs, consultar, inter alia, BARREIRO (1981) e COOK (1985).
- 6. Para detalhes quanto ao método da leitura dos quatro lados, consultar, inter alia, DA SILVA (1991, p. 81); (1990, p. 126-128).
- 7. São pelo menos quatro versões da teologia feminista: uma evangelical moderada, uma que é a aplicação do princípio da TL especificamente para a situação das mulheres, uma que é mais propriamente uma hermenêutica que trabalha com ferramentas de sociologia e visa recuperar a importância da mulher na origem dos textos bíblicos e uma bastante extremada, que propõe, algumas vezes de maneira aguerrida, uma releitura radical de toda teologia cristã tradicional, rejeitada porque, conforme o entendimento das defensoras dessa vertente, seria viciada por ter sido formulada a partir de categorias patriarcais, machistas, autoritárias e excludentes.
- 8. Cf. CONE (1970, 1986).
- 9. Cf. BOFF (2000).

- 10. Inter alia, 2005, p. 178-190.
- 11. Para detalhes quanto ao evangelicalismo radical, consultar CALDAS, 2007, p. 74-83.
- 12. http://www.kairos.org.ar/articuloderevistaiym.php?ID=1055 (acesso em 14 de fevereiro de 2008).
- 13. Los niños: un campo de misión olvidado. Disponível em: http://www.kairos.org.ar/articuloderevistaiym.php?ID=1056 (acesso em 14 de fevereiro de 2008).
- 14. http://www.kairos.org.ar/articuloderevistaiym.php?ID=1057 (acesso em 14 de fevereiro de 2008).
- 15. http://www.kairos.org.ar/articuloderevistaiym.php?ID=1058 (acesso em 14 de fevereiro de 2008).
- 16. http://www.kairos.org.ar/articuloderevistaiym.php?ID=1059 (acesso em 14 de fevereiro de 2008).
- 17. Lopez. Op. cit.

- 1. THATCHER, A. *Theology and families*. Malden/Oxford/Victoria: Blackwell Publishing, 2007. Prefácio.
- 2. MALHERBE, J. S. *Children of Africa, children of the world*. White River: Petra College. Notas de alunos não-publicadas.
- 3. Idem, ibidem.
- 4. Idem, ibidem.
- 5. KAPOLYO, J. Matthew. In: ADEYEMO, T., ed. *Africa Bible commentary*, 1103-1170. Nairóbi: Word Active Publishers/Grand Rapids: Zondervan, 2006. p. 1146.
- 6. HERZOG, K. *Children and our global future*; theological and social challenges. Cleveland: The Pilgrim Press, 2005. p. 162.
- 7. MAAS, R. Christ as the logos of childhood. Reflections on the meaning and mission of the Child. *Theology Today* 56(4), p. 456-468, 2000.

- 8. CARTER, W. *Matthew and the margins*; a socio-political and religious reading. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000. p. 43.
- 9. RIZZINI, I. *The futures of children*; the challenges and opportunities of diversity. Oslo: 2005. Opening remarks at the Global Child Research Conference on Childhoods. Disponível em: http://www.childwatch.uio.no/projects/Childhoods_remarks_Rizzini2005.pdf. (acesso em 27 de junho de 2005).
- 10. MALHERBE, J. S. *Children of Africa, children of the world*. White River: Petra College. Notas de alunos não-publicadas.
- 11. MOLTMANN, J. Child and childhood as metaphors of hope. *Theology Today* 56(4), p. 592–603, 2000.
- 12. Idem, p. 599-600.
- 13. HEALEY, J & SYBERTZ. Towards an African narrative theology. New York: Orbis Books, 1996. p. 107, 115.
- 14. KOTZĖ, J. C. *In their shoes*; understanding black South-Africans through their experiences of life. Cape Town: Juta, 1993. p. 4.
- 15. Idem, ibidem.
- 16. HEALEY, J & SYBERTZ. Towards an African narrative theology. New York: Orbis Books, 1996. p. 129.
- 17. Idem, ibidem.
- 18. Idem, p. 123-128.
- 19. RAMOKGOPA, I. M. Developmental stages of an African child and their psychological implications; a comparative study. Johannesburgo, 2001. Dissertação de Doutorado na Rand Afrikaanse University, p. 60.
- 20. DAVIDS, L. Committing ourselves to seeking permanent change. Trabalho apresentado na conferência Hear the Cry, Nairóbi, 17-21 de maio de 2004, p. 7.

- 21. Idem, ibidem.
- 22. MALHERBE, J. S. *Children of Africa, children of the world*. White River: Petra College. Notas de alunos não-publicadas.
- 23. Essa história foi publicada em "From the heart of the fire", uma coleção de histórias de Oelke, publicadas pela Tafelberg Publishers, Cidade do Cabo, em 1995.
- 24. MALHERBE, J. S. *Children and Africa*. Youth work students no Huguenot College. 2005. Notas de alunos não-publicadas, p. 7.
- 25. CALVIN, J. Commentary on Psalms. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 1999. v. 1.
- 26. GUNDRY-VOLF, J. M. The least and the greatest; children in the New Testament. In: BUNGE, M. J., ed. *The child in Christian thought*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2001. p. 47.

- 1. A Associação Evangélica Beneficente Vale da Benção (AEBVB) é uma ONG que oferece abrigo para crianças com trajetória de rua e cujo vínculo familiar está ameaçado.
- 2. Baseio-me no trabalho do Joel Green (*The scandal of the cross*, p. 156) para essas reações.
- 3. Uma excelente discussão sobre as dependências econômicas mostrando a falácia da riqueza independente e do individualismo rígido: Howard Zinn, *Declarations of independence*: cross-examining american ideology. Capitulo 7.
- 4. É interessante perceber como Deus não revidou nem os abandonou em retaliação, mas respeitou sua escolha.
- 5. Joel Green, The scandal of the cross.
- 6. MAÑANA, Justo L.González. *Christian theology from a Hispanic perspective*. Abingdon Press: Nashville TN, 1990. p. 113. Tradução minha.

- 7. Interessantemente, os filósofos do movimento da "morte de Deus" decidiram que, se o deus da religião existe, o homem deveria matá-lo.
- 8. Sim, varias pessoas o reconheceram nos evangelhos, mas a maioria não e muitas o abandonaram.

- 1. WILLMER, 2004. p. 12.
- 2. O referencial exegético segue, neste aspecto, o manual de exegese de Zabatiero (2007).
- 3. SIMONETTI, M., ed. Matthew 14-28. *Ancient Christian Commentary on Scripture*; New Testament. Downers Grove, IL: New Intervarsity Press, 2002. p. 67.
- 4. SIMONETTI, M. Op. cit. p. 68.
- 5. SIMONETTI, M. Op. cit. p. 67.
- 6. SIMONETTI, M. Op. cit. p. 67, 68.
- 7. SIMONETTI, M. Op. cit. p. 68.
- 8. SIMONETTI, M. Op. cit. p. 68.
- 9. CALVIN, J. *Harmony of the evangelists*; Matthew, Mark and Luke. v. 2. Trad. William Pringle. Edinburgh: The Calvin Society, 1845. p. 331.
- 10. CALVIN, J. Op. cit. p. 331.
- 11. CALVIN, J. Op. cit. p. 333.
- 12. Talvez, Mateus 18.4 ("Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus") se compare a Lucas 9.48c ("Porque aquele que entre vós for o menor de todos, esse é que é grande").
- 13. KITTEL, G., BROMILEY, G. W., FRIEDRICH, G., ed. *Theological dictionary of the New Testament*. v. 5. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1967. p. 649.
- 14. Idem, ibidem.
- 15. Cf. BARBAGLIO, G., FABRIS, R., MAGGIONI, B. *Os Evangelhos (I)*. Bíblica Loyola. Trad. Jaldemir Vitorio, Giovanni di Biasio. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p. 275.

- 16. Cf. BRUCE, A. B. *The expositor's Greek Testament I*; The Synoptic Gospels. Ed. W. Robertson Nicoll. Grand Rapids: Eerdmans, 1980. p. 236.
- 17. BARBAGLIO, G. Op. cit. p. 275.
- 18. Idem, ibidem.
- 19. Idem, p. 276.
- 20. CALVIN, J. Op. cit. p. 333.
- 21. BRUCE, A.B. Op. cit. p. 237.
- 22. Eles mencionam em outro texto, Marcos 10.15 e Lucas 18.17: "Quem não receber o reino de Deus como uma criança de maneira nenhuma entrará nele".
- 23. Cf. HAGNER, D. A. *Matthew 14-28. Word Biblical Commentary*. v. 33-B. Edição eletrônica: Logos Library System. Dallas: Word Books, 1998. p. 517.
- 24. BARBAGLIO, G. Op. cit. p. 276.
- 25. WILLMER, H. In: COLLIER, J. Report of the Second Penang Consultation on Child Theology. Child Theology Movement, 2005. p. 10.
- 26. Cf. KITTEL, G., BROMILEY, G. W., FRIEDRICH, G. Op. cit. p. 53.
- 27. WILMER, H. Op. cit. p. 10.

- 1. As citações bíblicas são da Nova Versão Internacional (NVI), exceto quando se fizer referência direta à outra versão.
- 2. O termo é usado para referir-se a livros que não foram incluídos no cânon da Bíblia.
- 3. Gerhard Kittel e outros, *Compendio del diccionario teológico*. Grand Rapids: Libros Desafio, 2002. p. 306.
- 4. A dimensão transcendente, o que está "além" ou exterior a algo, é que é comumente conhecida também como "dimensão espiritual".
- 5. Que tem a ver com os valores éticos ou morais, formadores do caráter.
- 6. Para um desenvolvimento melhor do tema, veja: ARCHIVA, Francisco Reyes. Para reimaginar la infancia. In: *Imágenes de la infancia y protagonismo infantil*. Cuadernos de Estúdio n. 35. Bogotá: CELADEC, 2001. p. 54-60.

- 7. Ibidem, p. 54-55.
- 8. Inácio foi o primeiro a usar essa expressão, reconhecida também, séculos mais tarde, por Karl Barth. Para aprofundar o tema, consulte Jorge León, ¿Es possible el hombre nuevo? Argentina: Ediciones Certeza, 1979. p. 37-59.
- 9. Referimo-nos ao termo *empowerment*, sugerido por Lisa Veneklasen, do Banco Mundial: "Trata-se de um processo de potenciação de capacidades físicas, psicológicas, sócio-econômicas, espirituais e políticas das crianças para o exercício das liberdades para a tomada de decisões e ações que afetam sua vida individual e coletiva".
- 10. Philippe B. Kabongo-Mbaya, *La vida em abundancia*; uma reflexión bíblica de Juan 10.10. Alianza Reformada Mundial. Disponível em: www.warc.ch/24gc/study/o1-s.pdf.

1. Algumas obras em inglês sobre o tema deste capítulo são as seguintes: D. Wood, ed., *The church and childhood* ("A igreja e a infância" – Oxford, 1994); Marcia J. Bunge, ed., *The child in Christian thought* ("A criança no pensamento cristão" – Eerdmans, 2001); Margaret Eletta Guider, *What child is this? Children in Christian history and theology* ("Que criança é esta? As crianças na história e na teologia cristã" – Augsburg/Fortress, 2005).

- 1. Serbenna, I.M.B. Fé e vida crescem juntas. São Paulo: Paulus, 1987. p. 33.
- 2. Idem, p. 36.
- 3. FOWLER, J. Estágios da fé. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 17.
- 4. As expressões mencionadas em parênteses referem-se aos nomes dados por Erikson.
- 5. FOWLER, J. Op. cit. p. 54.
- 6. As expressões mencionadas em parênteses referem-se aos nomes dados por Fowler.

- 1. Tal como vejo o filósofo Lévinas fazer sobre a criação da mulher no Gênesis, em "E Deus criou a mulher". In: E. LEVINAS. *Do sagrado ao santo*; cinco novas interpretações talmúdicas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 133-159.
- 2. Penso que esse autor deve estar familiarizado com a Teologia da Criança, pois, assim como esta, parte da observação para a teorização, e faz esse movimento mantendo as palavras simples da primeira. Cf. *A criança e o mundo*, que registram os programas irradiados pela BBC com conselhos para pais e mães. Um resumo breve do seu pensamento encontra-se em FADIMAN & FRAGER, *Personalidade e desenvolvimento humano*, e na Revista *Viver Mente e Cérebro*, Coleção Memória da Psicanálise, n. 5. São Paulo: Duetto, s.d.
- 3. FADIMAN & FRAGER, 2004, p. 83.
- 4. Irmão Lourenço, *A prática da presença de Deus*. São Paulo: Candeia, 1996. p. 54.
- 5. D.W. WINNICOTT, A criança e seu mundo. Rio de Janeiro, 1966. p. 31.
- 6. Idem, ibidem, p. 59. Note-se que as primeiras 100 páginas desse livro são dedicadas à amamentação um rico tesouro em reflexões para serem relacionadas com a Teologia da Criança.
- 7. WINNICOTT, p. 61.
- 8. Dicionário HOUAISS: "usinar: talhar, dar forma a (peça bruta, matéria prima) utilizando máquina-ferramenta", p. 2815.
- 9. Especialmente do livro *The logic of the spirit*; human development in theological perspective. São Francisco: Jossey-Bass, 1998. Há quase dois anos temos reunido quinzenalmente um "Grupo de leitura de Loder", a quem sou grata pela companhia: Agnes Seewald, Claudio Kupka, Daisi Pontuschka (in memoriam), Deborah W. Gehres, Jarbas Machado, Letícia N. Cartell, Priscila Brust, Roseli K. Oliveira. Doravante, o livro de Loder será abreviado por LS, seguido da página da citação. Esse texto é um resumo de monografia da autora, feita para o doutorado em teologia no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em São Leopoldo (2005).
- 10. Faço esse destaque também porque nos pareceu, no grupo de leituras de Loder, trazer uma abordagem original e criativa a teologia a partir do bebê!

- 11. LS, 89.
- 12. LS, 85.
- 13. LS, 89.
- 14. LS, 90.
- 15. Termo cunhado pelo etologista Konrad Lorenz (1903-1989) para definir o processo pelo qual os filhotes, logo que nascem, têm a prontidão para seguir a mãe, ou até uma falsa mãe. Os sinais visuais e auditivos do objeto "mãe" são gravados e provocam uma resposta de acompanhamento que depois vai afetar o adulto. Disponível em: www.cobra.pages.nom.br/ecp.-lorenz.html. (acesso em 15 de dezembro de 2005)
- 16. LS, 90.
- 17. LS, 91.
- 18. LS, 91.
- 19. LS, 92.
- 20. LS, 92.
- 21. LS, 94.
- 22. LS, 94.
- 23. LS, 94.
- 24. LS, 94.
- 25. LS, 29.
- 26. LS, 94.
- 27. LS, 94.
- 28. LS, 121.

- 1. MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social da criança abandonada*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 12.
- 2. Idem, ibidem.
- 3. Idem, ibidem.
- 4. FARIA, Sheila de Castro. "Inocentes". In: VAINFAS, Ronaldo, dir. *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 306.

- 5. Idem, p. 306.
- 6. Idem, p. 307.
- 7. FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*; formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 35. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 375.
- 8. Faria in: VAINFAS, Ronaldo. Op. cit. p. 307.
- 9. SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos internos*; engenhos e escravos na sociedade colônia (1550-1835). Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 240.
- 10. Faria in: VAINFAS, Ronaldo. Op. cit. p. 306.
- 11. LEITE, Miriam L. Moreira. "A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem". In: FREITAS, Marcos Cezar de, org. *História social da infância no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 20.
- 12. Idem, p. 27.
- 13. Idem, p. 26.
- 14. CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007. p. 17, 32.
- 15. Faria in: VAINFAS, Ronaldo. Op. cit. p. 307.
- 16. MARCÍLIO, Maria Luiza. Op. cit. p. 12.
- 17. MARCÍLIO, Maria Luiza. Op. cit. p. 131.
- 18. MARCÍLIO, Maria Luiza. Op. cit. p. 131.
- 19. Faria in: VAINFAS, Ronaldo. p. 307.
- 20. Leite in: FREITAS, Marcos Cezar de. Op. cit. p. 20.
- 21. MARCÍLIO, Maria Luiza. Op. cit. p. 53.
- 22. MARCÍLIO, Maria Luiza. Op. cit. p. 68.
- 23. MARCÍLIO, Maria Luiza. Op. cit. p. 78.
- 24. MARCÍLIO, Maria Luiza. Op. cit. p. 79.

Bibliografia

ACKERMANN, D M. *After the locusts*; letters from a landscape of faith. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2003.

ALMEIDA, Odete Líber de. *Liturgia com crianças*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2003. Dissertação de mestrado em teologia.

ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

ASHFORD, L S. *Africa's youthful population*; risk or opportunity? Agência de Referência Populacional, 2007. http://www.prb.org/pdf07/AfricaYouth.pdf> (acesso em 15 de junho de 2008).

BALLARINI, Teodorico et al. Profetismo e profetas em geral; Isaías, Jeremias, Lamentações, Baruc, Carta de Jeremias, Ezequiel. In: *Introdução à Bíblia*. v. II/3. Petrópolis: Vozes, 1977.

BARBAGLIO, G., FABRIS, R., MAGGIONI, B. *Os Evangelhos (I)*. Bíblica Loyola. Trad. Jaldemir Vitorio, Giovanni di Biasio. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

BARREIRO, Álvaro. Comunidades eclesiais de base e a evangelização dos pobres. São Paulo: Loyola, 1981.

BÍBLIA SAGRADA: Nova Tradução da Linguagem de Hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

BOFF, Leonardo. *Ecologia*; grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 2000.

BREWSTER, D. & MCDONALD. *Children – the great omission?* Viva network, 2004. http://www.viva.org/?page_id=286 (acesso em 27 de julho de 2005).

BRIGHT, John. História de Israel. In: *Nova Coleção Bíblica*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1981. p. 359-416. v. 7.

BRUCE, A. B. *The expositor's Greek Testament I*; The Synoptic Gospels. Ed. W. Robertson Nicoll. Grand Rapids: Eerdmans, 1980.

CALDAS, Carlos. *Orlando Costas*; sua contribuição na história da teologia latino-americana. São Paulo: Vida, 2007.

CALVIN, J. *Commentary on Psalms*. v. 1. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 1999. http://www.ccel.org/c/calvin/comment3/comm_volo8/htm/xiv.htm (acesso em 7 de outubro de 2005).

_____. Harmony of the evangelists; Matthew, Mark and Luke. v. 2. Trad. William Pringle. Edinburgh: The Calvin Society, 1845.

CARTER, W. Matthew and the margins; a socio-political and religious reading. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. D. Pedro II. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

CASTELLS, M. *The information age*; economy, society and culture. 2. ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2000. v. 3.

COLLIER, J., ed. Report of the second Africa consultation on child theology. Addis Ababa, Ethiopia. 21-24 nov. 2006. Londres: Child Theology Movement, 2006.

CONE, James. A black theology of liberation. Philadelphia: J. B. Linppincott, 1970.

_____. Teologia negra. São Paulo: Paulinas, 1986.

COOK, Guillermo. *The expectation of the poor*; Latin American base ecclesial communities in protestant perspective. New York, Maryknoll: Orbis Books, 1985.

CRABTREE, A. R. *A Profecia de Isaías*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1967. v. 1.

DAVIDS, L. *Committing ourselves to seeking permanent change*. Trabalho apresentado na conferência Hear the Cry, Nairóbi, 17-21 de maio de 2004.

DE WET, D. P. *Wisdom and Ubuntu*; uma leitura detalhada de Provérbios 1-9 no diálogo com o ubuntu africano. Dissertação de doutorado na University of Stellenbosch, 2005.

DESILVA, D. A. *Honor, patronage, kinship and purity*; unlocking New Testament culture. Downers Grove: InterVarsity Press, 2000.

FARIA, Sheila de Castro. "Inocentes". In: VAINFAS, Ronaldo, dir. *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

____. A colônia em movimento; fortuna e família no cotidiano colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*; formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 35. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GUNDRY-VOLF, J. M. The least and the greatest; children in the New Testament. In: BUNGE, M. J., ed. *The child in Christian thought*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2001.

HAGNER, D. A. *Matthew 14-28. Word biblical commentary*. Edição eletrônica: Logos Library System. Dallas: Word Books, 1998. v. 33-B.

HARDMEIER, Christof. Jesajaforschung im Umbruch. In: Verkündigung und Forschung. München, 1986. p. 3-31. v. 31.

HEALEY, J G. It takes a whole village to raise a child. *African proverb of the month*. Novembro de 1998. http://www.afriprov.org/resources/explain.htm#nov1998 (acesso em 5 de outubro de 2005).

HEALEY, Joseph, SYBERTZ, Donald. *Towards an African narrative Theology*. New York: Orbis Books, 1996.

HEIN, Larry. In: MANNING, B. *O impostor que vive em mim.* São Paulo: Mundo Cristão, 2007. p. 13.

HERZOG, K. *Children and our global future*; theological and social challenges. Cleveland: The Pilgrim Press, 2005.

JENSEN, D H. *Graced vulnerability*; a theology of childhood. Cleveland: The Pilgrim Press, 2005.

JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus*; pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário. São Paulo: Paulinas, 1983.

KAISER, Otto. Das Buch des Propheten Jesaja. Kapitel 1-12. In: *Das Alte Testament Deutsch*. 5. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1981. v. 17.

KAPOLYO, J. Matthew. In: ADEYEMO, T., ed. *Africa Bible commentary*; 1103-1170. Nairóbi: Word Active Publishers/Grand Rapids: Zondervan, 2006.

KITTEL, G., BROMILEY, G. W., FRIEDRICH, G., ed. *Theological dictionary of the New Testament*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964. p. 53. v. 2.

_____. Theological dictionary of the New Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1967. p. 643. v. 5.

KOTZÉ, J. C. *In their shoes*; understanding black South-Africans through their experiences of life. Cape Town: Juta, 1993.

LEIPOLDT, Johannes, GRUNDMANN, Walter, ed. *El mundo del Nuevo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1973. v. 1.

LEITE, Miriam L. Moreira. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. In: FREITAS, Marcos Cezar de, org. *História social da infância no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LEWIS, H. Deaf Liberation Theology. Hants: Ashgate, 2007.

LOHSE, Eduard. *Contexto e ambiente do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

MAAS, R. Christ as the logos of childhood. Reflections on the meaning and mission of the Child. *Theology Today* 56(4), p. 456–468, 2000.

MALHERBE, J. S. *Child Theology in Africa?* Trabalho apresentado na conferência Hear the Cry, Nairobi, 17-21 de maio. http://www.petra.co.za/resources.html (acesso em 8 de maio de 2005).

____. Children and Africa. Youth work students no Huguenot College. 2005. Notas de alunos não-publicadas.

____. Children of Africa, children of the world. White River: Petra College. Notas de alunos não-publicadas.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social da criança abandonada*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MESTERS, Carlos et al. Criança na Bíblia. *Estudos Bíblicos 54*. Petrópolis: Vozes/São Leopoldo: Sinodal, 1997.

MOLTMANN, J. Child and childhood as metaphors of hope. *Theology Today* 56(4), p. 592–603, 2000.

____. Theology in the project of the modern world. In: WOLFf, M., ed. *A passion for God's reign*; theology, Christian learning and the Christian self. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1998. p. 1-21.

MORIN, Émile. Jesus e as estruturas de seu tempo. São Paulo: Paulinas, 1981.

PAIS, J. Suffer the children; a theology of liberation by a victim of child abuse. New York/Mahwah: Paulist Press, 1991.

PONICK, Edson, WACHS, Manfredo C., KLEIN, Remi, KANITZ, Sônia I. *Crianças na Bíblia*; educação cristã e criatividade. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

PRIORE, M. Del, org. História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 1999.

RAMOKGOPA, I. M. Developmental stages of an African child and their psychological implications; a comparative study. Joanesburgo, 2001. Dissertação de Doutorado na Rand Afrikaanse University.

REYES ARCHILA, Francisco. Y al entrar en la casa, vieron al niño...; un acercamiento al evangelio de Mateo a partir de los niños. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, n. 27, 1997.

RIZZINI, I. *The futures of children*; the challenges and opportunities of diversity. Oslo: 2005. Opening remarks at the Global Child Research Conference on Childhoods.

http://www.childwatch.uio.no/projects/Childhoods_remarks_Rizzini2005.pdf (acesso em 27 de junho de 2005).

RIZZINI, Irene. *O século perdido*; raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil. Rio de Janeiro: USU, 1997.

RUSSELL, L. M. *Church in the round*; femenist interpretation of the church. Louisville: Westminster/John Knox Press, 1993.

SAULNIER, Christiane, ROLLNAD, Bernard. *A Palestina no tempo de Jesus.* 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1986.

SCHWANTES, Milton. Ouvi casa de Davi: estudos exegéticos em Isaías 7.10-17. *Estudos de Religião*, v. 19, n. 29, 2005.

_____. Isaías; textos selecionados. *Série Exegese*. v. 8/1+2. São Leopoldo: Setor de Publicações Faculdade de Teologia da IECLB, 1979.

SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos internos*; engenhos e escravos na sociedade colônia (1550-1835). Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Airton José da. Notas sobre alguns aspectos da leitura da Bíblia no Brasil hoje. *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 50, mar. 1990.

_____. Leitura sociológica da Bíblia. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis/São Leopoldo, Vozes/Sinodal, n. 32, 1991.

SIMONETTI, M., ed. Matthew 14-28. *Ancient Christian commentary on Scripture*; New Testament. Downers Grove, IL: New Intervarsity Press, 2002.

STEGEMANN, Ekkehard W., STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo*; os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo. São Leopoldo: Sinodal/São Paulo: Paulus, 2004.

STEUERNAGEL, V. R. Fazendo teologia de olho na Maria. Curitiba: Encontro Publicações, 2003.

THATCHER, A. *Theology and families*. Malden/Oxford/Victoria: Blackwell Publishing, 2007.

TUCKER, Ruth. ... Até aos confins da Terra; uma história biográfica das missões cristãs. São Paulo: Vida Nova, 1986.

UNICEF. *The state of the world's children 2005*; childhood under threat. http://www.unicef.org/publications> (acesso em 23 de junho de 2005).

VAUX, R. de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica/Paulus, 2003.

VOLF, M. Theology for a way of life. In VOLF, M., BASS, D. C., ed. *Practicing theology*; Beliefs and practices in Christian life. Grand Rapids/Cambridge: William B. Eerdmans, 2002. p. 245-263.

WILDBERGER, Hans. Jesaja. In: *Biblischer Kommentar Altes Testament*. v. 10/1. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1965.

WILLMER, H. In: CAMPAGNOLA, S., COLLIER, J. Report of the Houston Consultation on Child Theology. Child Theology Movement, 2004.

_____. In: COLLIER, J. Report of the Second Penang Consultation on Child Theology. Child Theology Movement, 2005.

WOLFF, Hans W. Antropologia do Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 1975.

ZABATIERO, J. P. T. Manual de exegese. São Paulo: Hagnos, 2007.